



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA



Etnornitologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia



Ana Teresa Galvagne Loss

Orientador: Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto

Coorientador: Prof. Dr. Caio Graco Machado

Feira de Santana
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ZOOLOGIA



Etnornitologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia

Ana Teresa Galvagne Loss

Orientador: Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto

Coorientador: Prof. Dr. Caio Graco Machado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Zoologia.

Feira de Santana
2013

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

L889e Loss, Ana Teresa Galvagne
Etnoornitologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa
Teresinha, Bahia / Ana Teresa Galvagne Loss. – Feira de Santana, 2013.
viii + 96 f. : il.

Orientador: Eraldo Medeiros Costa Neto
Coorientador: Caio Graco Machado

Dissertação (Mestrado em Zoologia)– Universidade Estadual de Feira de
Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em
Zoologia, 2013.

1. Enotaxonomia. 2. Aves. 3. Etnoornitologia. 4. Conhecimento popular. 5.
Comportamento. 6. Biofilia. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros. II. Machado, Caio
Graco. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Departamento de
Ciências Biológicas. V. Título.

CDU: 598.2

DEDICATÓRIA

Aos moradores do povoado de Pedra Branca que estiveram envolvidos e empenhados na construção dessa pesquisa, compartilhando comigo o conhecimento sobre as aves.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, desde já, de agradecer a todos que acreditaram na construção dessa dissertação, e aproveito para me desculpar por não citar todos os nomes.

Em primeiro lugar, agradeço a recepção e a confiança dos moradores de Pedra Branca, principalmente dos que participaram como entrevistados, estando sempre dispostos a me ajudar.

Aos meus familiares que sempre estiveram em oração para que eu pudesse completar esta fase, e trilhar este caminho com muita garra e amor. Aos meus pais que, por mais difícil que tenha sido a minha ausência dentro de casa, oraram e torceram para que tudo ocorresse bem.

A Fernando M. Flores que, desde a faculdade, me incentivou na Biologia e também me apresentou às aves. Obrigada pelo seu companheirismo, pela confiança e por acreditar que eu seria capaz de fazer este trabalho. Obrigada pelo profissional que foi ao meu lado em campo e no desenvolvimento da escrita. Meu agradecimento e carinho é infinito por ti. Eu amo você, mumorado!

Ao meu orientador Dr. Eraldo M. Costa Neto, que além de me guiar e ensinar, me acolheu e acreditou no meu trabalho. Obrigada pela sua amizade e também por ter toda paciência do mundo com meus desesperos. Ao Dr. Caio Graco Machado por aceitar coorientar-me e socorrer sempre que precisei.

Aos meus amigos do Espírito Santo que me deram muita força para ir para Bahia e nunca deixaram de se fazer presente. A Denise, Juliana e Monique (as Marias) por me dar colo, conselhos e amor. Monique, obrigada por me apresentar a Etnobiologia. Ao Simon, Eduardo e Gustavo pelo cuidado e ensinamentos. À Maria José, pelo carinho e as orações. A Nete, Luciana, Ronaldo e Frei Gerson – Os gadernais – por me esperarem todo Natal com todo amor e amizade. À vó Carmem, por estar presente na minha vida.

Aos meus amigos da Bahia (e de outros Estados que estão aqui), “eita povo” que gosto muito. Ao Cyrio, que é mais do que um amigo, é uma pessoa extraordinária e sempre esteve ao meu lado e do Fernando, obrigada pelas dicas, correções e conselhos. Ao Laboratório de Ornitologia da UEFS e a Quinta do Andú que, não vou citar nomes para não esquecer de ninguém, torceram por este trabalho, bem como, me aguentaram tagarelar nos campos e festinhas. Gostaria de agradecer minha turma de mestrado pelo companheirismo nesta jornada, e em especial duas pessoas muito queridas: André e Monica, os quais são meus amigos “tesouros”. Obrigada pelo carinho e amor de vocês! Gostaria de agradecer ao Thiago Rosário por me ajudar no campo e me aconselhar no início do mestrado.

Gostaria de agradecer, também, ao Professor Dr. José Geraldo Marques por me fornecer literatura e incentivo para a etnoornitologia. À Prof. Dra. Celeste Valverde pela alegria. Em especial, agradeço a minha professora e grande amiga Prof. Dra. Luci Ribeiro, por sempre está presente me ensinando, orientando e cobrando o meu melhor.

Ao senhor José Almeida, motorista da UEFS que sempre esteve muito disposto a me levar para Santa Teresinha e sacrificar até seus dias de folga. Muito obrigada seu Zé!!!

Ao Sérvulo por me ceder sua casa, facilitando a dinâmica da minha coleta de dados. Muito obrigada! À Érica e o Fábio pelo aconchego do lar.

De vários amigos que ganhei em Feira, quero agradecer a família que formei com duas pessoas maravilhosas: Lívia e Shirlei. Obrigada pelos cuidados, abraços fraternais, pela amizade. Ah claro, não poderia esquecer dos passeios de carro para me desestressar. Um agradecimento muito especial à Vania e o Cleiton, por sempre me fazerem companhia e torcerem pelo sucesso dessa pesquisa, além da companhia agradabilíssima em campo, valeu Best Friends!!. Aos meus amigos do Madson pelos sorrisos.

Seria muita injustiça minha não agradecer aos meus amigos canídeos, como o Alegria, em Pedra Branca, por me acompanhar em todas as entrevistas e me dá toda sua alegria. A Flora, Nalu e Mel por fazerem minha casa estar sempre divertida e alegre. Ao Pitcholo por me esperar esses três anos.

Quero agradecer a CAPES a concessão da bolsa.

A Deus, pela sabedoria, conhecimento e perseverança depositados em mim. Nossa Senhora por me consagrar ao Seu amor todos os dias.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Vista da praça do povoado de Pedra Branca e visão parcial da Serra da Jiboia..... | 16 |
| Figura 2: Localização do município de Santa Teresinha, Bahia..... | 17 |
| Figura 3: Exemplos de espécies de aves que são semelhantes morfologicamente e que recebem o mesmo nome comum..... | 36 |
| Figura 4: Específicos <i>folk</i> do genérico sabiá e seus equivalentes na taxonomia acadêmica..... | 45 |
| Figura 5: Genérico sabiá e seus representantes..... | 45 |
| Figura 6: Específicos <i>folk</i> do grupo “gavião” e seus equivalentes na taxonomia acadêmica..... | 46 |
| Figura 7: Específicos <i>folk</i> do grupo “corujão” e seus equivalentes na taxonomia acadêmica..... | 47 |
| Figura 8: Métodos de caça utilizados..... | 57 |
| Figura 9: Instrumentos de caça utilizados na captura de aves..... | 59 |
| Figura 10: Aves utilizadas como alimento pelos moradores..... | 64 |
| Figura 11: Aves registradas como tabus e restrições alimentares..... | 67 |
| Figura 12: Aves utilizadas na medicina popular local..... | 72 |
| Figura 13: Aves silvestres utilizadas como animal de estimação e com potencial financeiro..... | 79 |

LISTA DE TABELA

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: Lista das etnoespécies..... | 33 |
| Tabela 2: Formação dos nomes comuns das etnoespécies presentes na região do povoado de Pedra Branca (Santa Teresinha, Bahia)..... | 37 |
| Tabela 3: Alguns exemplos de etimologia dos nomes populares segundo os moradores de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia)..... | 40 |
| Tabela 4: Lista das aves silvestres caçadas e utilizadas para fins de alimentação no povoado de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia)..... | 61 |
| Tabela 5: Aves utilizadas como recursos terapêuticos..... | 69 |
| Tabela 6: Categorização dos sistemas corporais para os quais os recursos terapêuticos são recomendados na medicina popular dos moradores de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia). | 73 |
| Tabela 7: Lista das aves silvestres utilizadas como animais de criação e no comércio no povoado de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia)..... | 76. |

Sumário

| | |
|--|----|
| 1 - INTRODUÇÃO GERAL | 11 |
| 1.1 ETNOCONHECIMENTO E ETNOBIOLOGIA..... | 11 |
| 1.2 ETNOZOOLOGIA | 12 |
| 1.3 ORNITOLOGIA E ETNOORNITOLOGIA | 13 |
| 2 – MATERIAIS E MÉTODOS | 16 |
| 2.1 ÁREA DE ESTUDO | 16 |
| 2.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS | 18 |
| 3 - REFERÊNCIAS | 21 |
| CAPÍTULO 1: OS “PÁSSAROS” NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE PEDRA BRANCA, MUNICÍPIO DE SANTA TERESINHA, BAHIA | 30 |
| 3.1 - INTRODUÇÃO | 31 |
| 3.2 - RESULTADOS E DISCUSSÕES | 32 |
| 3.2.1 FORMAÇÃO DOS NOMES E IDENTIFICAÇÃO DAS ETNOESPÉCIES..... | 32 |
| 3.2.2 CLASSIFICAÇÃO ETNOTAXONÔMICA | 42 |
| 3.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| 3.4 – REFERÊNCIAS | 48 |
| CAPÍTULO 2: CONHECIMENTO LOCAL E USO DA AVIFAUNA PELOS MORADORES DE PEDRA BRANCA, MUNICIPIO DE SANTA TERESINHA, BAHIA | 54 |
| 4.1 - INTRODUÇÃO | 55 |
| 4.2 - RESULTADOS E DISCUSSÃO | 56 |
| 4.2.1 MÉTODOS DE CAÇA | 57 |
| 4.2.2 INTERAÇÃO TRÓFICA..... | 60 |
| 4.2.3 INTERAÇÃO MÉDICA E MÁGICO-MEDICINAL | 68 |
| 4.2.4 INTERAÇÃO SÓCIO AFETIVA..... | 74 |
| 4.2.5 IMPLICAÇÕES CONSERVACIONISTAS | 81 |
| 4.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 82 |
| 4.4 – REFERÊNCIAS | 83 |
| APÊNDICES | 93 |

RESUMO

A etnoornitologia busca compreender as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre o ser humano e as aves, sendo elas através de nomes populares, utilidades, lendas e crenças. O presente estudo investigou o conhecimento local dos moradores do povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia, sobre a ornitofauna da região, registrando tanto aspectos de etnotaxonomia quanto comportamentais, investigando os usos locais das aves e os impactos decorrentes. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e teste projetivo com apresentação de material áudio-visual para identificação das espécies. Um total de 48 moradores, homens e mulheres de diferentes faixas etárias, foram entrevistados. Como resultados, foram registrados 144 nomes comuns, distribuídos em 109 etnoespécies e 35 sinonímias, referentes a 112 espécies. Os critérios nomenclaturais mais utilizados para nomeação das aves foram vocalização e padrão de coloração. Os níveis hierárquicos registrados foram três: forma de vida, genérico e específico, ocorrendo os três tipos de correspondências entre os sistemas de classificação lineano e *folk*. As aves são utilizadas em Pedra Branca para diversos fins, na alimentação, medicina popular, como animal de estimação e comércio, sendo seis métodos de caça registrados para captura desses animais. As espécies mais utilizadas como recurso trófico pertencem as famílias Tinamidae, Columbidae e Cracidae, consistindo na arapuca, espingarda, cachorro e pio como os instrumentos de caça mais utilizados na captura. Na medicina popular, a galinha (*Gallus gallus*), o urubu-preto (*Coragpis atratus*), zabelê (*Crypturellus noctivagus*) e o pato (*Cairina moschata*) foram as espécies mais citadas. Com relação à aves de estimação, a família Emberizidae foi registrada com maior representatividade, porém a família mais citada foi a Thraupidae, tendo o estevo (*Saltator similis*) como a espécie de maior interesse local. A pesquisa etnoornitológica em Pedra Branca permitiu contribuir com novas informações em relação à nomenclatura popular das aves, bem como registrar a utilização de duas espécies ameaçadas de extinção.

Palavras-chave: Conhecimento popular, etnotaxonomia, comportamento, biofilia.

ABSTRACT

The ethnoornitology seeks to understand the relationships cognitive, behavioral and symbolic between humans and birds, and they through popular names, uses, legends and beliefs. The present study investigated Pedra Branca, municipality of Santa Teresinha, Bahia, inhabitants' local knowledge about the local ornitofauna, pointing behavioral and ethnotaxonomical aspects, investigating birds' local uses and consequential impacts. Data collection was conducted through semi-structured interviews, participant observation and projective test with presentation of audio-visual material for ethnospecies identification. A total of 48 inhabitants, both men and women, were interviewed. As results, 144 common names were registered, which are dispersed in 109 ethnospecies and 35 synonymies, concerning 112 scientific species. The most used nomenclatural criteria for naming birds were vocalization and staining model. Three ethnobiological hierarchical ranks were recorded: way of life, generic and specific, occurring three types of correspondence between academic's system classification and *folk*. In Pedra Branca birds are used for a variety of purposes such as food, folk medicine, as a pet and trade, six methods of hunting these animals recorded to capture. The species most used as trophic resource belong to Tinamidae, Columbidae and Cracidae families; trap, rifle, dog and pious as most used hunting tools to capture. In folk medicine, the chicken (*Gallus gallus*), the black vulture (*Coragpis atratus*), zabele (*Crypturellus noctivagus*) and duck (*Cairina moschata*) were the most cited ethnospecies. Regarding pet birds, the family Emberizidae was recorded with greater representation, but the family was the most cited Thraupidae, having Estevo (*Saltator similis*) as species of greatest local interest. The ethnoornitology research in Pedra Branca allowed contribute to new information about the popular nomenclature of birds as well as record the use evidence two endangered species.

Keywords: Knowledge, ethnotaxonomy, behavior, biophily.

1 - INTRODUÇÃO GERAL

1.1 Etnoconhecimento e Etnobiologia

O conhecimento tradicional se define como o conjunto de saberes e práticas a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente de geração a geração por povos indígenas e não-indígenas (DIEGUES, 2000). São conhecimentos dinâmicos que se encontram em processo de adaptação, com base em uma estrutura de valores, formas de vida e crenças, profundamente enraizados na vida cotidiana desses povos, podendo também ser chamado de etnoconhecimento (MIRANDA, 1997).

Outra vertente que possibilita descrever os saberes e práticas tradicionais é o conhecimento ecológico tradicional (CET), que vem despertando interesse de antropólogos, ecólogos, etnobiólogos, entre outros, na busca da contribuição para a conservação dos recursos naturais (BERKES, 1999; BERKES et al, 2000).

Berkes, Folke (1998) afirmam que, ao levantar informações dos aspectos culturais e biológicos, os estudos desenvolvidos pela etnoconservação procuram analisar como determinado grupo social utiliza o conhecimento tradicional a cerca dos recursos naturais locais para o desenvolvimento das práticas de manejo sobre os mesmos e quais os mecanismos sociais presentes em todo o processo. Assim, o conhecimento tradicional se assemelha ao conhecimento acadêmico, pois se baseiam em observações e em generalizações decorrentes dessas observações (BERKES et al, 1995).

O *corpus* etnoecológico é objeto de estudo das etnociências (CAMPOS, 2002), campo de pesquisa da Antropologia que descreve e interpreta o que os seres humanos fazem em um determinado ambiente, os resultados de suas interações e o entendimento do que estão fazendo (WATSON-GEGEO, 1988).

Quando o prefixo *etno* é usado seguido do nome de uma disciplina acadêmica, como a biologia e/ou ecologia (entre outras), entende-se a busca das percepções de sociedades locais dentro desses contextos (ARBOLEDA, 2006). A etnobiologia é um campo de pesquisa interdisciplinar que procura compreender como as comunidades tradicionais percebem, classificam e constroem o ambiente (POSEY, 1986; BERLIN, 1992; BEGOSSI, 1993). Segundo Ellen (2006), a etnobiologia serve como um importante “entroncamento intelectual” entre biologia, cultura e sociabilidade.

Hoje, no Brasil e no mundo, podemos citar alguns estudos nas subáreas da etnobiologia, como: etnobotânica (COX, BALICK, 1994; AMOROZO, 2001; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2001; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002); etnozootologia (MASON, 1899; MARQUES, 1998; MOURA; MARQUES, 2007; COSTA NETO et al, 2009); etnotaxonomia (BERLIN et al, 1973; BERLIN, 1973, 1992; JENSEN, 1988; MOURÃO, NORDI, 2002; MOURÃO, MONTENEGRO, 2010). Pesquisas desse tipo são consideradas fundamentais para o entendimento das relações estabelecidas entre o ser humano e o meio natural, que se afetam mutuamente, gerando adaptações ao primeiro, além de permitir estudos sobre manejo e conservação dos recursos naturais (BEGOSSI, 1998).

1.2 Etnozootologia

A etnozootologia é uma ciência que estuda o conhecimento zoológico tradicional de populações tradicionais, bem como outros tipos de conhecimentos e expressões socioculturais associados aos animais (ROUE, 1997; COSTA-NETO et al, 2009). Marques (2002) a define como estudo transdisciplinar dos pensamentos e percepções (conhecimentos e crenças), dos sentimentos (representações afetivas) e dos comportamentos (atitudes) que intermediam as relações entre as populações humanas que as possuem com as espécies de animais dos ecossistemas que as incluem.

O termo surgiu nos Estados Unidos da América e foi proposto e definido por Mason (1899: 50) como “*a zoologia da região tal como é narrada pelo selvagem*”. Ele investigou as técnicas utilizadas na caça praticada por alguns povos indígenas norte-americanos, afirmando que toda a fauna encontrada em uma dada região entra na vida e no pensamento de uma sociedade. Entretanto, na literatura, o termo só apareceu no livro intitulado “*Ethnozootology of the Tewa indians*”, publicado em 1914 por Henderson e Harrington, que a definem como registro descritivo dos sistemas de classificação animal encontrados nas diversas culturas (SANTOS FITA et al, 2009).

Outra obra relevante é o livro intitulado “*Manual de Etnozootología. Uma guia teórico-prática para investigar la interconexión del ser humano com los animales*”, publicado em 2009 por Costa-Neto et al., onde se divide em quatro partes, abordando postulados epistemológicos e históricos da Etnozootologia, aspectos sobre a interpretação humana dos animais e dos tipos de relação que estabelecem, alguns estudos de caso, e

por fim alguns métodos e técnicas utilizadas na investigação etnozoológica (COSTA-NETO et al, 2009).

Vários estudos tratando de temas etnozoológicos foram desenvolvidos. Podemos citar alguns, quais sejam: etnoentomologia (COSTA NETO, 2003; SANTOS-FITA, 2008; LIMA et al, 2010); etnoaracnologia (SOUZA, 2007); etnomastozoologia (COSTA-NETO, 2000; MOURÃO, 2006; ZAPPES et al, 2010) etnoherpetologia (BARBOSA et al, 2007; MOURA et al, 2010; CARDOSO et al, 2010); etnoictiologia (COSTA-NETO, MARQUES, 2000; MOURA, MARQUES, 2007); etnoornitologia (HUNN, 1982; ARAUJO, NISHIDA, 2007; FARIAS, ALVES, 2007ab; TIDEMANN et al, 2010); zooterapia (MOURA; MARQUES, 2008; ALVES, 2009; ALVES, ALVES, 2011; COSTA-NETO, 2011; SOUTO et al, 2011).

1.3 Ornitologia e Etnoornitologia

No Brasil existem aproximadamente 1.832 espécies de aves (CBRO, 2011), constituindo-se como um dos maiores abrigos do mundo para esses animais devido à presença de ecossistemas bastante variados, tais como florestas da Amazônia; florestas da Mata Atlântica; a Caatinga Nordestina; Cerrado; Pantanal mato-grossense (SICK, 1997). As aves são de grande valor para o homem e na natureza, pois são usadas na alimentação, no combate de pragas, polinizam flores, dispersam sementes, além de exercerem outras contribuições ao meio ambiente (SICK, 1997; OLIVEIRA JUNIOR, 2005).

Tratando dos ecossistemas de Mata Atlântica e Caatinga, a situação do Nordeste brasileiro é preocupante, pois contém 51 táxons ameaçados, incluindo 13 espécies endêmicas da Mata Atlântica e 26 subespécies, que sobrevivem em poucos e pequenos fragmentos florestais (IBAMA, 2003). Já o ecossistema Caatinga, apesar de ser considerado um centro de endemismo na América do Sul, possui 12,6% de aves endêmicas ameaçadas (SILVA et al, 2003; MARINI; GARCIA, 2005), podendo esse número aumentar, uma vez que 40% de sua área ainda não foi inventariada detalhadamente (TABARELLI; VICENTE, 2004).

Podemos ressaltar que a maior ameaça para as aves é a perda e fragmentação de hábitat. As intervenções humanas afetam as espécies que habitam os ecossistemas naturais e a resposta dessas aves varia desde aquelas que se beneficiaram, aumentando

suas populações, até aquelas que foram extintas da natureza. Outro fator a ser destacado é o tráfico ilegal de animais, no qual as aves estão em primeiro lugar, dadas sua abundância, variedade na natureza e preferência pela população, que tradicionalmente valoriza o canto e a beleza de suas plumagens, mantendo-as em cativeiros. Por tudo isso, tem-se observado a redução da biodiversidade local e planetária (SICK, 1997; SOUZA; RENTAS, 2001; MARINI; GARCIA, 2005; SOARES FILHO, 2005; BARBOSA et al, 2010; BEZERRA et al, 2012).

Estudos sobre a avifauna podem ser considerados satisfatórios, no entanto, existe um contraste no grau de conhecimento disponível entre áreas intensamente pesquisadas se contrastam com outras praticamente desconhecidas (STRAUBER; URBEN FILHO, 2005). Por outro lado, estudos de conhecimento popular sobre as aves e suas relações com o ser humano também são poucos no Brasil, mas se percebe uma tendência na valorização de pesquisas acadêmicas em desenvolver um diálogo entre o conhecimento ornitológico formal e o conhecimento ornitológico popular (FARIAS, ALVES, 2007).

A etnoornitologia é uma das subáreas mais difundidas da etnozootologia e tem por objetivo investigar as relações cognitivas, comportamentais e simbólicas entre a espécie humana e as aves. Essas relações podem ser reveladas por meio de estudos sobre nomes vernáculos (populares), padrões de utilização, atividades de caça, lendas, poesias, rituais, símbolos, música, vocalização e classificação das aves (BEGOSSI, 1993; FARIAS; ALVES, 2007; TIDEMANN et al, 2010).

Foi de Cooker (1884) o primeiro trabalho etnoornitológico, intitulado *Bird nomenclature of the Chippewa Indians*, grupo indígena da região do norte do México, onde foram registrados os nomes locais de aves, principalmente daquelas que eram utilizadas na alimentação. Quanto à origem dos nomes, o autor observou a utilização de critérios morfológicos e de habitats, existindo também nomes de espécies que não tinham significados.

No Brasil, as investigações e contribuições do conhecimento local sobre as aves foram iniciadas a partir da vinda dos colonizadores, que registraram nomes populares, histórias e lendas de aves contadas pelo povo, servindo, desde já, como informações sobre a avifauna brasileira (FARIAS, ALVES, 2007). Mais tarde, Goeldi (1894) registrou nomes populares e também escreveu sobre ecologia reprodutiva de várias espécies; Teschauer (1925) descreveu costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas, além de abordar a questão etimológica de alguns nomes. A obra de Sick

(1997), referencial na ornitologia, aparece com transcrições de vocalização, etimologia dos nomes das aves e, de maneira bem sintetizada, lendas sobre algumas espécies.

A literatura etnoornitológica de cunho científico no Brasil foi iniciada por Jensen (1988), com pesquisa realizada na Amazônia a partir da investigação do sistema classificatório de aves entre quatro grupos indígenas: Wayampi, Urubu-Ka'apor, Sateré-Mawé e Apalaí. Marques (1998) estudou os camponeses do baixo São Francisco (Alagoas), avaliando aspectos do etnoconhecimento sobre o comportamento de aves, explorando sentimentos, crenças e comportamentos que intermediam as interações entre o homem/aves. Em 2002, Marques conceituou os sons das aves através da transmutação zoosemiótica. Segundo este autor, ornitoáugure é definido como as vocalizações que “preveem e previnem” de acordo com a percepção de cada indivíduo. Em 2007, Farias e Alves realizaram uma revisão histórica sobre a etnoornitologia, identificando fases no desenvolvimento deste campo de pesquisa no Brasil.

Na região Nordeste, podem-se destacar alguns trabalhos relacionados à utilização de aves como recurso trófico e na medicina popular, bem como sobre a caça, captura e comércio ilegal sobre este grupo (ROCHA et al, 2006; SANTOS, COSTA-NETO, 2007; MOURA, MARQUES, 2008; ALVES et al, 2010; BARBOSA et al, 2010; BEZERRA et al, 2011; BEZERRA et al, 2012).

A partir deste contexto, o presente estudo pretende contribuir para o campo etnoornitológico com informações sobre conhecimento local acerca das aves, tanto silvestres quanto domésticas, ampliando as pesquisas de cunho ornitológico e etnoornitológico, além de possibilitar ao povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia, e à região da Serra da Jiboia, estudos que possam permitir ações de preservação e conservação da avifauna local.

A dissertação foi dividida em dois capítulos. No primeiro, intitulado *Os “pássaros” na percepção dos moradores de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia*, investigaremos a etnotaxonomia, buscando entender como os moradores locais classificam, nomeiam e identificam a avifauna local. No segundo, intitulado *Conhecimento local e uso da avifauna pelos moradores de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia*, registraremos as relações comportamentais dos moradores com a avifauna local.

2 – MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Área de estudo

O povoado de Pedra Branca está localizado no Médio Paraguaçu, região centro-oeste do estado da Bahia, ($12^{\circ}44'30''S$ e $39^{\circ}34'50''O$), no município de Santa Teresinha, que possui uma população de 9.648 pessoas e está a 192km da capital Salvador (Figuras 1A, 1B e 2). O clima é subúmido a seco. Os primeiros moradores de Pedra Branca foram os índios Cariri e Sabujas, descendentes dos Tupinambás (CARVALHO, 1995; IBGE, 2012; SEI, 2012).

Pedra Branca possui 406 moradores, com 136 famílias cadastradas no Posto de Saúde local, sendo a maior concentração entre as faixas etárias de 20 a 39 anos, seguidas de acima de 60 anos. A maioria dos adolescentes (97%) encontra-se matriculados na rede escolar, e 88% da população local é alfabetizada. A agricultura local se baseia na plantação de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz, Euphorbiaceae) e plantação de uva para fabricação de vinho e a pecuária está relacionada à criação de bovinos. Em várias casas são criadas galinhas e patos para consumo familiar. Os homens realizam trabalhos na construção civil (COSTA-NETO, 2003; SANTOS-FITA, 2007; SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA A SAÚDE, 2011; CEI, 2012).



Figura 1: A - Vista da praça do povoado de Pedra Branca. B – Visão parcial da Serra da Jiboia.
Foto: Ana Loss.

A comunidade se encontra no sopé de um maciço serrano conhecido como Serra da Jiboia, que possui aproximadamente 22.500 ha de área e altitude máxima de 850 m.

A Serra da Jiboia faz parte da região do Recôncavo Sul da Bahia e está distribuída entre os municípios de: Castro Alves, Elísio Medrado, Santa Teresinha, São Miguel das Matas e Varzedo (TOMASONI, 2000; SEI, 1994; TOMASONI; DIAS, 2003).

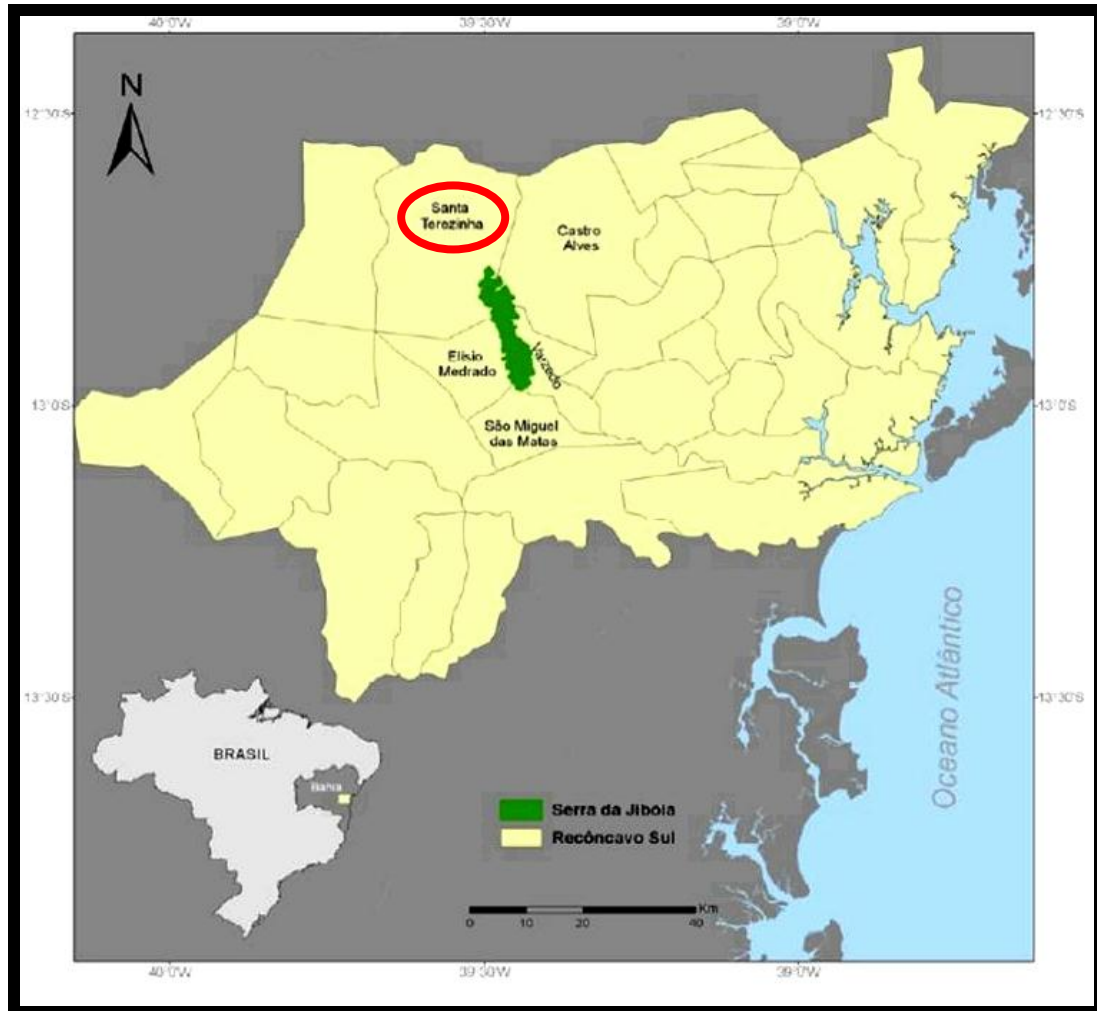


Figura 2: Localização do município de Santa Teresinha, Bahia. Fonte: <http://www.sei.ba.gov.br/>

A Serra da Jiboia está em uma zona ecótona, entre os ecossistemas da Mata Atlântica e da Caatinga, o que lhe confere uma grande diversidade de climas, relevos, solos, vegetação e fauna, sendo um dos pontos mais ocidentais da Mata Atlântica baiana e uma das matas mais úmidas de encosta situada mais setentrional do estado. Seu clima varia entre o tropical úmido, mais a leste e sudeste, e o tropical semiúmido mais a oeste e a noroeste (TOMASONI; DIAS, 2003).

Estudos florístico da área reportam a ocorrência de diversas formações vegetais com campos rupestres nos topos, caatinga na base e floresta higrófila na encosta (QUEIROZ et al, 1996; SOBRINHO; QUEIROZ 2005; VALENTE, PORTO, 2006; VALENTE et al, 2009). Dentre os estudos sobre fauna, recentemente foi descoberta uma nova espécie de anfíbio (JUNCÁ; NUNES, 2008), além de novos registros de distribuição de serpentes (ARGOLO et al, 1999; JUNCÁ et al, 1999; JUNCÁ, 2006; FREITAS et al, 2009). Com relação aos insetos, foram realizados inventários de dípteros, tendo sido descritas novas espécies (BRAVO, 2002; BRAVO; BASTOS, 2010).

Sobre a avifauna, foi realizado um inventário na Fazenda Jequitibá, sede do Projeto Reflorestamento de Áreas Rurais do Grupo Ambientalista da Bahia (FREITAS; MORAES, 2009), além de outros conduzidos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (C.G. MACHADO, com. pess.), já tendo sido identificadas 233 espécies. Pesquisas etnobiológicas (monografias, dissertações e teses), especificamente em etnoentomologia, foram também realizadas (COSTA-NETO, 2003; SANTOS-FITA, 2008).

2.2 Coleta e análise de dados

O trabalho de campo deste estudo foi realizado em duas etapas. A primeira ocorreu no período de abril a junho de 2011, compreendendo visitas mensais de três dias para reconhecimento da área, durante as quais foram estabelecidos contatos prévios informais com os moradores, visando à obtenção de informações sobre hábitos e costumes locais em relação às aves para construção do formulário semiestruturado (Apêndice I D), com maior atenção para aos moradores que possuíam aves como animais de estimação. O contato prévio foi facilitado pelo Professor Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS), que desenvolve pesquisas etnobiológicas desde o ano de 2000.

A segunda etapa ocorreu após autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS (CAAE nº 0077.059.000-11) (Apêndice I), de agosto de 2011 a junho de 2012, onde foram realizadas entrevistas com 48 moradores de ambos os gêneros, 24 homens e 24 mulheres, com idades entre 18 a 87 anos. Com base na Resolução 196/1996 do Ministério da Saúde, foi elaborado um

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice III) que era lido aos entrevistados a fim de explicar os objetivos deste estudo, distribuído aos participantes, perguntando se consentiam em prestar informações, sendo respeitada a decisão daqueles que não quiseram participar da pesquisa.

Os dados foram obtidos tanto por meio de entrevistas abertas, explorando e detalhando o tema estudado, quanto por entrevistas semiestruturadas baseadas em lista de tópicos previamente escolhidos. Elas permitiram ao entrevistador observar o comportamento discursivo do indivíduo ou grupo entrevistado. Também foi realizada a observação participante, um procedimento etnográfico que dá acesso ao conhecimento e práticas locais, permitindo um olhar de apropriação da atividade e do espaço (RODRIGUES, 2009). As observações participantes foram realizadas em caráter *ad libitum* (à vontade) (COSTA NETO, 2003).

Foi realizado, também, o teste projetivo, consistindo na apresentação de recursos visuais e auditivos, como: fotografias e vocalizações, para que os informantes falassem espontaneamente sobre o que viam ou ouviam (RODRIGUES, 2009). Foram escolhidos cinco informantes que, apresentaram na entrevista, ter um conhecimento mais detalhado sobre a avifauna local, como por exemplo, citar um maior número de etnoespécies de aves. O termo etnoespécie é empregado neste estudo quando uma categoria taxonômica etnobiológica corresponde à espécie científica lineana.

A partir deste método, foi produzida uma tabela com todos os nomes locais das espécies foram registrados como citado pelos entrevistados e a nomenclatura científica seguiu o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2011) (Apêndice VI). O status de ameaça seguiu a Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas do Ministério do Meio Ambiente (2008), International Union of Conservation of Nature (2012) e Birdlife International (2012).

O presente estudo adotou a estrutura de hierarquia proposto por Berlin (1992), cujas as classes decrescentes de inclusão taxonômica formam os níveis: reino, forma de vida, intermediário, genérico, específico e variedade. Foi utilizado, para relacionar a taxonomia etnobiológica à lineana, o diagrama de Venn (GARDNER, 1976; HUNN, 1976), onde há indicação de táxons biológicos e etnobiológicos através de círculos com diferentes marcas, e também possibilita mostrar a proximidade entre membros *folk* (BERLIN, 1992). Para comparação da taxonomia popular e lineana, utilizou-se das categorias de correspondências nas avaliações entre os genéricos populares e as espécies

científicas, tais são: correspondência 1:1, onde o genérico popular refere-se a uma única espécie científica; sobrediferenciação, quando dois ou mais táxons genéricos referem-se a uma espécie científica; e a subdiferenciação, que pode ser de dois tipos: o tipo 1, ocorre quando um único genérico refere-se a duas ou mais espécies do mesmo gênero científico, e tipo 2, quando um único genérico refere-se a duas ou mais espécies de gêneros científicos distintos (BERLIN, 1973).

A importância relativa (IR) das aves utilizadas na medicina popular foi calculada com base na proposta de Bennett e Prance (2000), que indica o organismo mais importante de acordo com sua versatilidade medicinal. O índice é calculado de acordo com a fórmula $IR = NSC + NP$, onde: **IR** = importância relativa, **NSC** = número de sistemas corporais e **NP** = número de propriedades atribuídas. O **NSC** é dado pelo número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie (**NSCE**) sobre o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (**NSCEV**). O **NP** é dado pelo número de propriedades atribuídas para uma determinada espécie (**NPE**) sobre o número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (**NPEV**). O valor máximo que uma espécie pode obter é dois. Esta técnica confere mais importância à espécie com número elevado de usos, sem levar em consideração o número de pessoas que citaram tais usos.

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS, 1976 apud COSTA-NETO, 2003), no qual toda informação pertinente ao assunto foi considerada. Foi feito tratamento quali-quantitativo das informações registradas. Com o intuito de verificar a fidelidade das mesmas, se recorreu a entrevistas em situações sincrônicas, sendo à mesma pergunta feita para indivíduos diferentes em curto espaço de tempo, e diacrônicas, quando a mesma pergunta era feita ao mesmo indivíduo em um intervalo longo de tempo (MARQUES, 1991).

Todo material etnográfico (transcrições, gravações, fotografias digitais etc.) está armazenado no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia para fins comprobatórios.

3 - REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C.F.C.B.R. & ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordestes do Brasil): Um estudo de caso. In: **Interciência**, v.27, n.6, jun. 2002.
- ALVES, R.R.N. Zooterapia: Importancia, usos e implicaciones conservacionistas. *En*: COSTA-NETO, E.M., SANTOS-FITA, D. & VARGAS CLAVIJO, M. (coord.) 2009. **Manual de Etnozoología: Uma guia teórico-práctica para investigar La interconexión del ser humano com los animales**. Tundra Ediciones, Valencia.
- ALVES, R.R.N., ALVES, H.N.. The faunal Drugstore: Animal-based remedies used in traditional medicines in Latin America. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 7:9. 2011.
- ALVES, R. R. N., NOUGUEIRA, E. E. G., ARAUJO, H. F. P. AND BROOKS, S. E. Bird-keeping in the Caatinga, NE Brasil. **Human Ecology** 38:147-156. 2010.
- ARAUJO, H.F.P., NISHIDA, A.K. Conhecimento de pescadores artesanais sobre a composição da avifauna em estuários paraibanos: uma contribuição para a conservação. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 7 (1): 67-77. 2007.
- ARBOLEDA, L.A. Etnozoology Del resguardo indígena de Cañamono Lomapieta: Supía Caldas, Disponible em http://lunazul.ucaldas.edu.co/downloads/Revista17_2.pdf. Acesso em 01 de fevereiro de 2011.
- ARGOLO,A.J.S.; MORAES, E.P.F.; FREITAS, M. A. Primeiro caso documentado de acidente humano por *Bothrops pirajai* Amaral, 1923 (Serpentes, Viperi dae). In: **XII Encontro Nordestino de Zoologia. Feira de Santana**. 1999.
- BARBOSA, J.A.A.; NOBREGA, V.A. & ALVES, R.R.N. Aspectos da caça e comercio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semi-árido paraibano. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. 10(2) 39-49. 2010.
- BASTOS, S. & BRAVO. F. Inventário de Dípteros da Família Psychodidae de um fragmento de Mata Atlântica da Serra da Jiboia, Bahia. **Anais do 14º Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana**, p.231-235. 2010.

BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciencia**, 18 (3): 121-132.1993. URL: <http://www.interciencia.org.ve>. Disponível em: http://www.interciencia.org/v18_03/art01/ Acessado em 03 de fevereiro de 2011.

BERKES, F., COLDING, J., FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. **Ecological Applications**, 10(5), p. 1251–1262, 2000.

BERKES, F. Sacred ecology. Traditional ecological knowledge and resource management. **Taylor and Francis**, Philadelphia and London, UK. 1999.

BERKES, F., FOLKE, C. Linking social and ecological systems: management practices and social mechanisms for building resilience. **Cambridge University Press**, Cambridge, UK. 1998.

BERKES, F., FOLKE, C., GADGIL, M. Traditional Ecological Knowledge, Biodiversity, Resilience and Sustainability. **Biodiversity Conservation**, p281-299, 1995.

BERLIN, B. Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies. New Jersey: **Princeton University Press**, 335p. 1992.

BERLIN, B., BREEDLOVE, D.E. y RAVEN: P.H. General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropology**, 75:214-242. 1973.

BEZERRA, D.M.M.S.Q; ARAUJO, H.F.P. & ALVES, R.R.N. The use of wild birds by rural communities in the semi-arid region of Rio Grande do Norte State, Brazil. **Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability** 5: 117–120. 2011.

BEZERRA, D.M.M.S.Q; ARAUJO, H.F.P. & ALVES, R.R.N. Captura de aves no semiárido brasileiro: técnicas cinegéticas e implicações para conservação. **Tropical Conservation Science**, vol.5 (1):50-66. 2012.

BIRD LIFE INTERNETIONAL. Species. Disponível em: <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acessado em 22 de julho de 2012.

BRAVO, F. Novas espécies de *Trichomyia* (Diptera, Psychodidae) da Mata Atlântica da Bahia, Nordeste do Brasil. **Iheringia, Série Zoológica**, Porto Alegre, 92(3):57-67, 2002.

CAMPOS, M.D.O. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas. *In: Métodos de Coleta e Análise de Dados da Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas*. Editado por: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C.; SILVA, S.P. Rio Claro: UNESP/CNPq. 2002.

CARDOSO, C.C.; REBELATO, M.M.; FERREIRA, L.D.; MARINHO, J.C.B.; SOARES, G.C. & SARTORI, J. Análise etnoherpetológica acerca das serpentes: influência no ensino de Biologia. **XI Salão de Iniciação Científica PUCRS**, 09 a 12 de agosto. 2010.

CARVALHO, M.R. As revoltas indígenas na aldeia da Pedra Branca no século XIX. *In*: Reis, E., Almeida, M.H.T., Fry, P. (coord). **Pluralismo, espaço social e pesquisa**. São Paulo: Hucitec/Humanismo, Ciencia e Tecnologia. p: 272-290. 1995.

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO (CEI). **Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul**. Salvador, p. 543-563. 1994.

CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO (CEI). Municípios em síntese: Santa Teresinha. Disponível em:

<http://www.sei.ba.gov.br/munsintese/index.wsp?tmp.cbmun.mun=2928505>.

Acessado em 01/12/2012.

COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS (2011) Listas das aves do Brasil. 10ª Edição. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: [07 de fevereiro de 2011].

COOKE, W.W. Bird nomenclature of the Chippewa Indians. **Auk**, **1** (3): 242-250. 1884.

COSTA-NETO, E.M. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararés que habitam no Nordeste do estado da Bahia, Brasil. **Actual Biol** 21 (70): 69-79. 1999b.

COSTA-NETO, E.M. **Etnoentomologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos**. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, p.253. 2003.

COSTA NETO, E.M., MARQUES, J.G.W. Etnoictiologia dos pescadores artesanais de Siribinha, município de Conde (Bahia): aspectos relacionados com a etologia de peixes. **Acta Scientiarum**, 22(2): 553-560, ISSN 1415-6814. 2000.

COSTA-NETO, E.M., SANTOS-FITA, D. & VARGAS CLAVIJO, M. (coord.). Manual de Etnozoología: Uma guia teórico-prática para investigar La interconexión del ser humano com los animales. **Tundra Ediciones**, Valencia. 285p. 2009.

- COSTA-NETO, E.M. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(Supl. 1):1639-1650, 2011.
- COX, P.A. & BALICK, M.J. The ethnobotanical approach to drug discovery. **Sci. Am.** 270 (66):82-87. 1994.
- DIEGUES, A.C. (Org), ARRUDA, R.S.V., SILVA, V.C.F., FIGOLS, F.A.B. & ANDRADE, D. Saber tradicional, ciência e biodiversidade. In: Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil. 1999. São Paulo, **NUPAUB-USP, PROBIO-MMA & CNPq**. p30-35. 2000.
- ELLEN, R. Ethnobiology and the science of Humankind, Introduction. *In: Journal of the Royal Anthropological Institute*, 12 (Special issue of the JRAI) S.1, S.22. ISSN 1359-0987. 2006.
- FARIAS, G.B. & ALVES, A.G.C.a Aspecto históricos e conceitos da etnoornitologia. **Biotemas**, 20 (1): 91-100, ISSN 0103 – 1643. 2007.
- FARIAS, G.B. & ALVES, A.G.C.b É importante pesquisar o nome local das aves? **Revista Brasileira de Ornitologia** 15 (3): 403-408. 2007.
- FREITAS, M.A. & MORAES, E.P.F. Levantamento da avifauna da Fazenda Jequitibá (Serrada Jiboia), município de Elisio Medrado, Bahia. **Atualidades Ornitológicas Online**, nº 147, Jan/Fev. www.ao.com.br. 2009.
- FREITAS, M. A; SILVA, T. F. S.; FONSECA, P. Geographic Distribution Herpetological Review *Gastrotheca pulchra* (no prelo). **Herpetological Review**, v. 39, p. 1-2. 2009.
- GARDNER, P.M. Birds, Words, and a Requiem for the Omniscient Informant. **American Ethnologist**, 3:446-468, 1976.
- GOELDI, E. As aves do Brasil. **Livraria Clássica de Alves & Cia**, Rio de Janeiro, Brasil, 311pp. 1894.
- HAYS, T.E. 1976. An empirical method for the identification of covert categories in ethnobiology. *American Ethnologist*. 3(3): 489-507. *Apud* COSTA-NETO, E.M. Etnoentomologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos. **Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos**, São Paulo, p.253. 2003.

HUNN, E. Toward a perceptual model of *folk* biological classification. **American Ethnologist**, 3:508-524, 1976.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Lista das espécies da fauna ameaçada de extinção. **Instrução Normativa nº3, de 27 de maio de 2003**. Ministério do Meio Ambiente.

IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística. Cidade: Santa Teresinha, Bahia. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acessado em 01/12/2012.

IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas. Versão 2012,1. < www.iucnredlist.org >. Transferido em 22 de julho de 2012.

JENSEN, A.A. Sistema indígena de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos. **Museu Paraense Emilio Goeldi**, Belem, PA, p.88. 1988.

JUNCA, F.A. FREITAS, M. A. ALVES, L.; GUERREIRO, W.; MORAES, E.P.F. Levantamento preliminar da Herpetofauna da serra da Jiboia, Santa Terezinha e Elísio Medrado, BA. In: **XII Encontro Nordestino De Zoologia**. Feira de Santana. 1999.

MARINI, M.S. & GARCIA, F.I. Conservação das aves do Brasil. **Megadiversidade**, v.1, n.1, p.95-102. 2005.

MARQUES, J.G.W. “Do canto bonito ao berro do bode”: percepção do comportamento de vocalização em aves entre os camponeses alagoanos. **Revista de Etologia**, São Paulo, p. 71-85. Número Especial. 1998.

MARQUES, J.G.W. O sinal das aves. Uma tipologia sugestiva para uma etnoecologia com bases semióticas. In: ALBUQUERQUE et al (org). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. 2002, p.87-96.

MARQUES, J.G.W. O olhar (des)multiplicado: O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, MCM; MING, LC; SILVA, SP. (eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. UNESP/CNPq, Rio Claro, Brasil, p.31-46. 2002.

MASON, O.T. Aboriginal American zootechny. **American Anthropologist**, 1(1):45-81. 1899.

MIRANDA, M.L.C. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD. In: **Encontro nacional de pesquisa em ciência da informação**. Salvador, Bahia, Brasil. 2007

- MMA – MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. 2008. Livro vermelho da fauna vermelha ameaçada de extinção. Eds. MACHADO, A.B.M; DRUMMOND, G.M & PAGLIA, A.P. Brasília, **Ministério do Meio Ambiente**. 2008.
- MOURA, M.R., COSTA, H.C., SÃO-PEDRO, V.A., FERNANDES, V.D. & FEIO, R.N. People and snakes: the relationship between humans and snakes in eastern in Minas Gerais, southeastern, Brazil. **Biota Neotropical** 10(4), 2010.
- MOURA, F.B.P. & MARQUES, J.G.W. Conhecimento de pescadores tradicionais sobre a dinâmica espaço-temporal de recursos naturais na Chapada Diamantina, Bahia. **Biota Neotropical**, v.7, n.3. 2007.
- MOURA, F.B.P. & MARQUES, J.G.W. Zooterapia popular na Chapada Diamantina: uma medicina incidental? **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(Sup 2):2179-2188. 2008.
- MOURÃO, J. S.; ARAUJO, H.F.P. & ALMEIDA, F.S. Ethnotaxonomy of mastofauna as practised by hunters of the municipally of Paulista, state of Paraíba, Brazil. In: **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.2, n.19, p.1-7. 2006.
- MOURÃO, J.S., MONTENEGRO, S.C.S. Pescadores e Peixes: o conhecimento local e o uso da taxonomia *folk* baseado no modelo berliano. In: Hanazaki, N (coord). **RECIFE: Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**. Série estudos e debates, v 2. 2006.
- MOURÃO, J.S., NORDI, N. Comparações entre as taxonomias *folk* e científica para peixes do estuário do rio Mamanguape, Paraíba-Brasil. **Interciência**. V 27, nº12. 2002.
- OLIVEIRA JÚNIOR, S. B. Educação Ambiental Mediatizando os Conhecimentos Locais e Universais. **Dissertação de Mestrado em Educação da Área de Educação, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Mato Grosso**, 99f. 2005.
- POSEY, D. A. Temas e inquirições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração de hipóteses. **Boletim Museu Paraense Emilio Göeldi**, 3 (2): 99-134. 1987.
- QUEIROZ, L.P., SENA, T.S.N. & COSTA, M.J.S.L. Flora vascular da Serra da Jiboia, Santa Terezinha, Bahia: o campo rupestre. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.15, p.27-40. 1996.
- RENCTAS - Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais. Primeiro Relatório Nacional Sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. Brasília: 2002.
- RODRIGUES, A.S. 2009. Metodología de la investigación etnozoológica. En: COSTA-NETO, E.M., SANTOS-FITA, D. & VARGAS CLAVIJO, M. (coord.) Manual de

Etnozoologia: **Uma guia teórico-prática para investigar La interconexión del ser humano com los animales.** Tundra Ediciones, Valencia. 2009.

ROUÉ, M. Novas perspectivas em etnoecologia: saberes tradicionais e gestão dos recursos naturais. *Em*: CASTRO, E; PINTO, F (eds.): **Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**, pp.187-200. UFPA/NAEA/CEJUP. Belém, Pará. 1997

SANTOS, I.B. & COSTA NETO, E.M. Estudo etnoornitológico em uma região do Semi-Árido do estado da Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 7(3): 273-288. 2007.

SANTOS FITA, D. Cobra é inseto que ofende: classificação etnobiológica, questões sanitárias e conservação na região da Serra da Jiboia, estado da Bahia, Brasil. **Dissertação de Mestrado** em Zoologia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, p.133. 2008.

SANTOS-FITA, D & COSTA-NETO, E.M. Sistemas de classificação etnozoológicos. *En*: COSTA-NETO, E.M., SANTOS-FITA, D. & VARGAS CLAVIJO, M. (coord.). **Manual de Etnozoologia: Uma guia teórico-prática para investigar La interconexión del ser humano com los animales.** Tundra Ediciones, Valencia. 2009.

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA A SAÚDE. Sistema de informação de atenção básica. **Secretaria Municipal de Saúde.** Santa Teresinha, Bahia. 2011.

SICK, H. Ornitologia Brasileira. Edição Revista e Ampliada por José Fernando Pacheco (coord). Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 912p. 1997.

SILVA, J.M.C, SOUZA, M.A., BIEBER, A.G.D. & CARLOS, C.J. Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade. In: LEAL, I.R., TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. (editores). **Ecologia e Conservação da Caatinga.** Recife: Editora Universitária da URPE. 2003.

SOBRINHO, J.G.C. & QUEIROZ, L.P. Composição florística de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jiboia, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 5(1): 20-28.2005.

SOUTO, W.M.S; VIEIRA, W.L.S; MONTENEGRO, P.F.G; ALVES, H.N. & ALVES, R.R.N. Breve revisão sobre uso de fauna medicinal no Brasil: aspectos históricos, farmacológicos e conservacionistas. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, 11(2): 201-210. 2011.

- SOUZA, J.H. Os aracnídeos (Arachnida: Aranaea, Scorpiones) na comunidade quilombola de Mesquita, Goiás: um estudo de caso sobre etnobiologia. **Dissertação de Mestrado em Biologia Animal pela Universidade de Brasília**, Brasília, p.128. 2007.
- SOUZA, G.M. & SOARES FILHO, A.O. O comércio ilegal de aves silvestres na região do Paraguaçu e Sudoeste da Bahia. **Enciclopédia Biosfera**, n.1, 2005.
- STRAUBE, F.C. & URBEN-FILHO, A. Avifauna da Reserva Natural Salto Morato (Guarequeçaba, Paraná). **Atualidades Ornitológicas**, n.124, março/abril, pag.12. 2005.
- TOMASONI, M. A. Recôncavo Sul Pede Socorro, **Jornal Intercampus**. UNEB. 2000.
- TOMASONI, M.A. & DIAS, S. 2003. Lágrimas da Serra: os impactos das atividades agropecuárias sobre o geossistema da APA Municipal da Serra da Jiboia, município de Elisio Medrado, Ba. **Anais do X Simpósio Nacional de Geografia Física Aplicada**, 2003. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ.
- ZAPPES, C.A.; MONTEIRO-FILHO, E.L.A.; OLIVEIRA, F. & ANDRIOLO, A. O comportamento do boto-cinza *Sotalia guianensis* (van Bénédén, 1864) (Cetacea; Delphinidae) através do olhar de pescadores artesanais. **Revista de Etologia**, v. 9, n.1, São Paulo, São Paulo. 2010.
- TABARELLI, M. & VICENTE, A. Conhecimento entre plantas lenhosas da Caatinga: lacunas geográficas e ecológicas. In: Silva, J.M.C., Tabarelli, M, Fonseca, M.T., Lins, L. **Biodiversidade da Caatinga: áreas prioritárias para a conservação**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. P. 101-111. 2004.
- TESCHAUER, C. Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas. **Edição da Livraria do Globo**, Porto Alegre, Brasil, 280pp. 1925.
- TIDEMANN, S; GOSLER, A. Ethn-ornithology: Birds, Indigenous Peoples, Culture and Society. Washington, DC, USA. 377p. 2010.
- TIDEMANN, S; CHIRGWIN, S. & SINCLAIR, J.R. Indigenous Knowledges, Birds that Have ‘Spoken’ and Science. In: **Ethn-ornithology: Birds, Indigenous Peoples, Culture and Society**. Tidemann, S. & Gosler, A. (coord). Washington, DC, USA. 377p. 2010.
- VALENTE, E.B., PORTO, K.S. Hepáticas (Marchantiophyta) de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Município de Santa Teresinha, BA, Brasil. **Acta bot. bras.** 20(2): 433-441. 2006.

VALENTE, E.B., PORTO, K.S., BÔAS-BASTOS, S.B., BASTOS, C.J.P. Musgos (Bryophyta) de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jiboia, município de Santa Terezinha, BA, Brasil. **Acta bot. bras.** 23(2): 369-375. 2009.

ZAPPES, C.A.; MONTEIRO-FILHO, E.L.A.; OLIVEIRA, F. & ANDRIOLO, A. O comportamento do boto-cinza *Sotalia guianensis* (van Bénédén, 1864) (Cetacea; Delphinidae) através do olhar de pescadores artesanais. **Revista de Etologia**, v. 9, n.1, São Paulo, São Paulo. 2010.

CAPÍTULO 1

Os “pássaros” na percepção dos moradores de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia

3.1 - INTRODUÇÃO

A etnotaxonomia investiga como os organismos são identificados, denominados (nomeados) e classificados, compreendendo a maneira que o indivíduo categoriza e organiza os elementos da natureza (BROWN, 1985; BERLIN, 1992). Alguns princípios etnobiológicos de classificação e nomenclatura foram com o objetivo de identificar similaridades entre os sistemas cognitivos em diversas sociedades. Logo, há importância em descobrir quais são os critérios de etnoclassificação (morfológicos, ecológicos, etológicos etc.) a fim de desenvolver uma taxonomia representativa do sistema classificatório de uma determinada comunidade (BERLIN et al, 1973; BERLIN, 1992; POSEY, 1987; FARIAS; ALVES, 2007b; SANTOS-FITA; COSTA NETO, 2009).

Berlin *et al.* (1973) estabeleceram três principais áreas de estudos na sistemática etnobiológica, que são bastante utilizadas e corroboradas por muitos pesquisadores. Estas áreas são: *Classificação*: quando o organismo é logicamente organizado na mente do indivíduo; *Nomenclatura*: referindo-se à descrição dos princípios linguísticos de nomeação das classes conceitualmente conhecidas de seres vivos em cada idioma; *Identificação*: referindo-se às características físicas utilizadas para associar um organismo particular a uma categoria específica.

Os sistemas de classificação *folk* são hierárquicos, semelhantes à taxonomia lineana. Tais sistemas surgem a partir do reconhecimento de agrupamentos de organismos formados por semelhanças e diferenças, geralmente baseados em aspectos morfológicos, dispostos em níveis de maneira que estabeleçam uma hierarquia comparável à taxonomia lineana, sendo eles: iniciador único (ex: animal), forma de vida (ex: aves), genérico (ex: gavião), específico (ex: gavião-peneira) e variedade (só aparecem quando o animal é extremamente importante culturalmente) (BERLIN et al, 1973; BERLIN, 1992).

As pesquisas etnoornitológicas que investigaram a classificação *folk* no Brasil iniciaram-se com Jensen (1988), que examinou sistemas classificatórios de aves entre quatro grupos indígenas de ambientes e estilos de vida semelhantes na Amazônia: Wayampi, Urubu-Ka'apor, Sateré-Mawé e Apalaí. Outros estudos também se destacam como de Giannini (1991) que buscou junto aos Xicrin, a existência da etnoclassificação

indígena da avifauna da região do rio Cateté, no Pará e de Carrara (1997), analisando a classificação etnobiológica dos Xavantes no Mato Grosso.

A nomenclatura vernacular significa nomes populares, vulgares ou comuns, ou seja, são os nomes adotados pelo povo que vive nas regiões onde habitam os respectivos animais (SICK, 1997) e uma maneira de iniciar uma pesquisa etnoornitológica é através do estudo sobre os nomes populares (FARIAS, ALVES, 2007). Podemos citar alguns desses, como Goeldi (1884), Garcia (1929), Zenaide (1953), Sick (1997), Cadima, Marçal-Junior (2004), Almeida *et al.* (2006), Farias, Aves (2007a,b), Santos, Costa-Neto (2007); Strauber *et al.* (2007), Farias (2009), Gomes *et al.* (2010), entre outros.

Neste contexto, este capítulo tem como objetivo registrar a etnotaxonomia das aves pelos moradores do povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia, inventariando e identificando os nomes populares, com descrição etimológica dos mesmos, além de compreender o sistema de etnoclassificação das espécies de aves locais.

3.2 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.2.1 Formação dos nomes e identificação das etnoespécies

Os moradores entrevistados citaram 144 nomes comuns de aves silvestres. Considerando que muitos desses nomes são sinônimos (N=35), temos o registro de 109 etnoespécies de aves, que se referem a 112 espécies acadêmicas (Tabela 1). Do total de nomes comuns, 51 recebem nomes binominais e 91 são monominais, diferentemente de Berlin (1992) quando diz que a estrutura de nomes de táxons específicos nos sistemas de classificação etnobiológicos é regularmente binominal, com o genérico modificado por um adjetivo que usualmente designa algum caráter morfológico óbvio.

A maior parte das etnoespécies recebeu um único nome (mesmo que composto, como beija-flor), representando uma ou mais espécies lineanas, porém existiram outras que receberam mais nomes populares correspondendo à mesma espécie. Considerando a relação entre táxons genéricos e espécies científicas, registra-se a ocorrência de três tipos de correspondência entre os sistemas de classificação biológica e a popular, propostos por Berlin *et al.* (1973). Por exemplo, das três etnoespécies de beija-flores, somente uma recebe especificação, a beija-flor-rabo-de-tesoura (*Eupetomena macroura*)

Tabela 1: Lista das etnoespécies segundo os moradores de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia) e suas respectivas correspondências na taxonomia acadêmica.

| Etnoespécies | Sinónimias | Nome científico |
|----------------------------|---------------------|---|
| Acauã | Cauã | <i>Herpetotheres cachinnans</i> |
| Alma-de-gato | | <i>Piaya cayana</i> |
| Andorinha | | <i>Progne tapera</i> |
| Anu-branco | | <i>Guira guira</i> |
| Anu-preto | | <i>Crotophaga ani</i> |
| Aracuã | | <i>Ortalis guttata</i> |
| Araponga | | <i>Procnias nudicollis</i> |
| Assanhaço-comum | | <i>Tangara sayaca</i> |
| Assanhaço-coqueiro | | <i>Tangara palmarum</i> |
| Azulão | | <i>Cyanoloxia brissonii</i> |
| Beija-flor | | <i>Phaethornis pretrei; Florisuga fusca</i> |
| Beija-flor-rabo-de-tesoura | | <i>Eupetomena macroura</i> |
| Bem-te-vi | Coroão | <i>Pitangus sulphuratus</i> |
| Bem-te-vi-ciseri | | <i>Megarynchus pitangua</i> |
| Bem-te-vi-menor | | <i>Myiozetetes similis</i> |
| Bico-de-lacre | | <i>Estrilda astrild</i> |
| Bigode | | <i>Sporophila lineola</i> |
| Caboculinho | | <i>Sporophila bouvreuil</i> |
| Caburé | | <i>Glaucidium brasilianu</i> |
| Caburé-de-estaca | Caburé-de-murundu | <i>Athene cunicularia</i> |
| Caga-cebo | | Não identificado |
| Canário-belga | Canário-da-Alemanha | <i>Serinus canaria</i> |
| Canário-da-capoura | | <i>Sicalis luteola</i> |
| Canário-da-terra | Canário-comum | <i>Sicalis flaveola</i> |
| Cancan | | <i>Cyanocorax cyanopogon</i> |
| Capitão-de-prea | | Não identificado |
| Cardeal | | <i>Paroaria dominicana</i> |
| Carrega-madeira | Gué-gué | <i>Phacellodomus rufifrons</i> |
| Casaca-de-couro | Pica-pau | <i>Pseudoseisura cristata;</i> |
| Cava-chão | | <i>Nystalus maculatus</i> |
| Chapéu-de-couro | | <i>Chrysomus ruficapillus</i> |
| Charuteira | | <i>Gallinago paraguayiae</i> |
| Chorão | | <i>Sporophila leucoptera</i> |
| Chupa-laranja | Papa-laranja | <i>Coereba flaveola</i> |
| Codorna-pimpão | Codorna-maior | <i>Nothura maculosa</i> |
| Codorna-piriri | | <i>Nothura boraquira</i> |
| Coleiro | | <i>Sporophila albogularis</i> |

Cont.

Cont.

| Etnoespécies | Sinónimias | Nome científico |
|------------------------|---|---|
| Corró | | <i>Taraba major</i> |
| Corró-pequeno | | <i>Thamnophilus pelzelni</i> |
| Corta-colete | | <i>Tangara cayana</i> |
| Coruja | Coruja-amanhã-eu-vou; Coruja-bacurau; Bacurau | <i>Hydropsalis albicollis</i> |
| Corujão | | <i>Pulsatrix koeniswaldiana; Tyto alba</i> |
| Corujão-de-orelha | Caburé-de-orelha | <i>Megascops choliba</i> |
| Coruja-rabo-de-tesoura | Coruja-tô-rica | <i>Hydropsalis torquata</i> |
| Cuiuba | | <i>Forpus xanthopterygius</i> |
| Curió | | <i>Sporophila angolensis</i> |
| Espanta-boiada | Quero-quero | <i>Vanellus chilensis</i> |
| Estevo | Trinca-ferro, Pixarro; Vaqueiro | <i>Saltator similis</i> |
| Estrelinha | | <i>Lanio pileatus</i> |
| Garça | | <i>Ardea alba; Bubulcus ibis</i> |
| Garrincha | | <i>Troglodytes musculus</i> |
| Gavião-carcará | | <i>Caracara plancus</i> |
| Gavião-carrapateiro | Carcará-pequeno | <i>Milvago chimachima</i> |
| Gavião-pé-de-morro | | <i>Geranospiza caerulescens</i> |
| Gavião-pedrez | Gavião-pega-pinto | <i>Rupornis magnirostris</i> |
| Gavião-peneira | | <i>Elanus leucurus</i> |
| Gavião-rapina | | <i>Geranoaetus albicaudatus; Buteo brachyurus</i> |
| Guriatá-verdadeira | | <i>Euphonia violacea</i> |
| Guriatá-vivi | | <i>Euphonia clorotica</i> |
| Jacu-verdadeiro | Gogó-vermelho; Pemba | <i>Penelope superciliaris</i> |
| Jesus-meu-Deus | | <i>Zonotrichia capensis</i> |
| João-de-barro | | <i>Furnarius rufus</i> |
| Juriti | | <i>Leptotila verreauxi</i> |
| Lavandeira | | <i>Fluvicola negenta</i> |
| Macuca | | <i>Tinamus solitarius</i> |
| Mãe-da-lua | Urutau | <i>Nyctibius griseus</i> |
| Maria-do-dia | | <i>Elaenia flavogaster</i> |
| Marreca | Pato-verdadeiro; Pato-d'água | <i>Porphyrio martinica; Dendrocygna viduata</i> |
| Martim-pescador | Beija-flor-verde | <i>Megaceryle torquata; Galbula ruficauda</i> |
| Mergulhão | | <i>Tachybaptus dominicus</i> |
| Nambu-pé-roxo | | <i>Crypturellus tataupa</i> |
| Nambu-pé-vermelho | | <i>Crypturellus parvirostris</i> |

Cont.

Cont.

| Etnoespécies | Sinónimias | Nome científico |
|--------------------------|-----------------------------------|--|
| Papa-arroz | | <i>Sturnella superciliaris</i> |
| Papa-café | | <i>Schistochlamys ruficapillus</i> |
| Papa-capim | | <i>Sporophila nigricollis</i> |
| Pardal | | <i>Passer domesticus</i> |
| Pássaro-preto | | <i>Gnorimopsar chopi</i> |
| Pêga | | <i>Icteru pyrrhopterus</i> |
| Peixe-frito | Sede-sede | <i>Tapera naevia</i> |
| Perdiz | | <i>Rhynchotus rufescens</i> |
| Periquito | | <i>Aratinga cactorum</i> |
| Pica-pau | | <i>Veniliornis passerinus; Drycopus lineatus;</i> <i>Colaptes melanochloros</i> |
| Pintassilgo | | <i>Sporagra yarrellii</i> |
| Pomba-verdadeira | Pomba-do-sertão; Pomba-do-Pará | <i>Patagioenas picazuro</i> |
| Rolinha-branca | | <i>Columbina picui</i> |
| Rolinha-caldo-de-feijão | | <i>Columbina talpacoti</i> |
| Rolinha-fogo-pago | | <i>Columbina squamatta</i> |
| Rolinha-Santo-Antônio | | <i>Columbina minuta</i> |
| Sabiá-bico-de-osso | | <i>Turdus amaurochalinus</i> |
| Sabiá-branca | | <i>Turdus leucomela</i> |
| Sabiá-coca | | <i>Turdus rufiventris</i> |
| Sabiá-lasca-carne | | <i>Mimus saturninus</i> |
| Saiacaia | Cavala | <i>Gallinago undulata</i> |
| Sangue-de-boi | | <i>Sturnella superciliaris</i> |
| Saracura | Três-potes; Sete-potes | <i>Aramides cajanea</i> |
| Siriema | | <i>Cariama cristata</i> |
| Socó-boi | | <i>Butorides striata</i> |
| Sofrê | | <i>Icterus jamacaii</i> |
| Tiotoin | | <i>Synallaxis frontalis</i> |
| Tiziu | Biziu | <i>Volatinia jacarina</i> |
| Tororó | | Não identificado |
| Tucano | | <i>Ramphastus vitellinus</i> |
| Urubu-da-cabeça-vermelha | Bosteiro | <i>Cathartis aurea</i> |
| Urubu-preto | Urubu-carniceiro | <i>Coragyps atratus</i> |
| Urubu-rei | | <i>Sarcoramphus papa</i> |
| Viuvinha | | <i>Xolmis irupero</i> |
| Xanana | | Não identificado |
| Zabelê | | <i>Crypturellus noctivagus</i> |

devido à morfologia da cauda. Esse tipo de correspondência é designada correspondência 1:1, onde o genérico refere-se a uma única espécie lineana. As outras

duas espécies (*Phaethornis pretrei* e *Florisuga fusca*) são chamadas somente de “beija-flor”, ocorrendo uma subdiferenciação do tipo B, ou seja, um genérico referindo a duas espécies lineanas de gêneros diferentes. O mesmo acontece com o nome popular garça, representando duas espécies científicas (*Ardea alba* e *Bubulcus ibis*). Observou-se a ocorrência de uma sobrediferenciação para os específicos coruja-amanhã-eu-vou e coruja-bacurau, identificadas através da vocalização, referindo-se a uma única espécie (*Hydropsalis albicollis*).

Geralmente, espécies com semelhanças morfológicas bastante peculiares não são diferenciadas e recebem o mesmo nome (GOMES et al, 2010), como ocorreu com os beija-flores (*Phaethornis pretrei*; *Florisuga fusca*), corujão (*Pulsatrix koenigswaldiana*; *Tyto alba*), garça (*Ardea alba*; *Bubulcus ibis*), gavião-rapina (*Geranoaetus albicaudatus*; *Buteo brachyurus*), marreca (*Porphyrio martinica*; *Dendrocygna viduata*) e o pica-pau (*Veniliornis passerinus*; *Drycopus lineatus*; *Colaptes melanochloros*) (Figura 3).

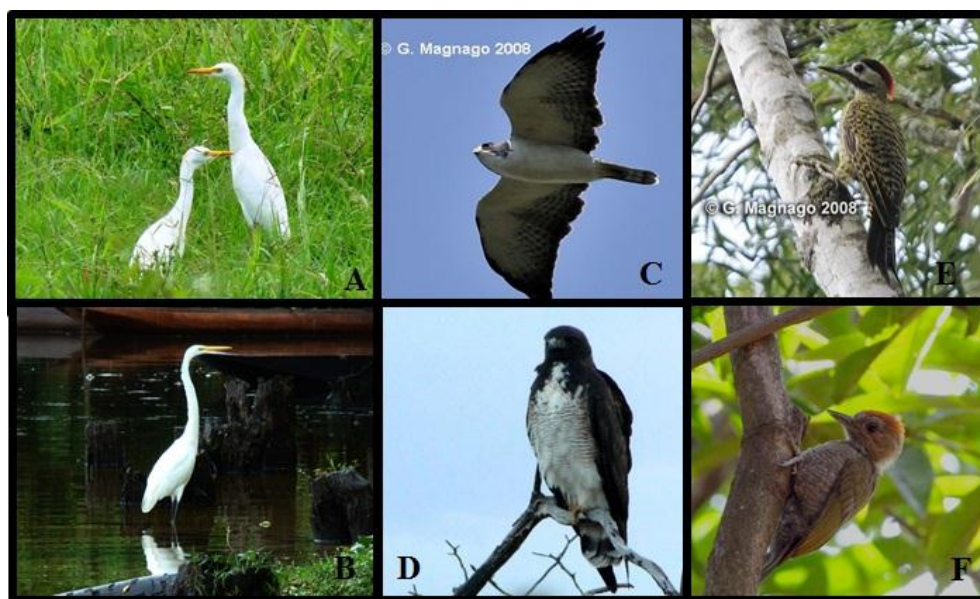


Figura 3: Exemplos de espécies de aves que são semelhantes morfológicamente e que recebem o mesmo nome comum em Pedra Branca (Santa Teresinha, Bahia). A e B – Garça (*Ardea alba*; *Bubulcus ibis*), C e D – Gavião-rapina (*Geranoaetus albicaudatus*; *Buteo brachyurus*), E e F – Pica-pau (*Colaptes melanochloros*; *Veniliornis passerinus*). Créditos: Fernando Flores (B, F), Gustavo Magnago (C, E) e Marcel Lemos (D).

A formação dos nomes comuns segue diferentes critérios, como morfologia (padrão de coloração, forma e tamanho do corpo), comportamento (vocalização, reprodução e alimentação), hábitat e aspectos antropogênicos (Tabela 2), sendo

vocalização e padrão de coloração dos pássaros os critérios mais utilizados pelos entrevistados.

A vocalização é um aspecto importante na identificação das espécies, pois as aves, principalmente os pássaros (de acordo com a classificação dos entrevistados deste estudo) são mais ouvidos que vistos, ou seja, o som emitido por eles muitas vezes, torna-se o nome popular batizado localmente, assim, tem-se a formação de nomes onomatopéicos (BERLIN, 1973, 1992; HUNN, 1992; ICHIKAWA, 1998; FARIAS, ALVES, 2007b; FORTH, 2010).

Tabela 2: Formação dos nomes comuns das etnoespécies presentes na região do povoado de Pedra Branca (Santa Teresinha, Bahia).

| Critérios nomenclaturais | Etnoespécies |
|-------------------------------------|--|
| Morfológico | |
| Cor | Anu-branco, anu-preto, azulão, gavião-pedrez, jacu-gogó-vermelho, nambu-pé-roxo, nambu-pé-vermelho, pássaro-preto, rolinha-branca, rolinha-caldo-de-feijão, sabiá-bico-de-osso, sabiá-branca, urubu-preto, urubu-cabeça-vermelha. |
| Tamanho | Bem-te-vi-menor, codorna-maior, gavião-carcará-menor, corujão. |
| Forma do corpo | Beija-flor-rabo-de-tesoura, bem-te-vi-coroão, bigode, coleiro, codorna-pimpão, caburé-de-orelha, corujão-de-orelha, coruja-rabo-de-tesoura, charuteira. |
| Habitat | Assanhaço-coqueiro, caburé-de-estaca, caburé-de-murundu, canário-da-capoura, canário-da-terra, canário-belga, espanta-boiada, pato-d'água. |
| Comportamento | |
| Reprodução | Cava-chão, carrega-madeira, João-de-barro, viuvinha. |
| Vocalização | Acauã, bacurau, bem-te-vi, cancan, cavala, coruja-amanhã-eu-vou, coruja-bacurau, gué-gué, chorão, guriatá-vivi, Jesus-meu-deus, maria-do-dia, peixe-frito, sede-sede, rolinha-fogo-apagou, saiaçaiá, socó-boi, tiotoin, trinca-ferro, tiziu, três-potes. |
| Alimentação | Beija-flor, chupa-laranja, papa-laranja, gavião-carrapateiro, gavião-pega-pinto, gavião-peneira, martim-pescador, mergulhão, papa-capim, pica-pau, sabiá-lasca-carne, urubu-rei, sangue-de-boi. |
| Aspecto antropogênico | Lavandeira. |

Existe uma etnoespécie, correspondente a uma espécie lineana, que só foi possível sua identificação científica após busca de sua vocalização e através de relatos sobre aspectos ecológicos, pois os informantes revelam que ninguém nunca a viu e a

interpretação de seu canto seria “saiacaia” ou “cavala”, relatando também uma lenda sobre aves:

“Meus pais dizia que foi uma filha excomungada que xingou a mãe de cavala, aí ficou esse pássaro que ninguém vem, passa de uma serra de uma serra para outra, quando ela passa, ela fala: “cavala, cavala, cavala”. É perfeito uma pessoa falar” (dona M., 63 anos).

Esta espécie tem o hábito de voar de madrugada e vocalizar, permitindo que o som emitido se espalhe, sendo composto de dois a cinco gritos sonoros, de timbre humano, traduzido como “a-gua-só, o-rapaz” (SICK, 1997), mas no presente estudo foi interpretada por “saiacaia” ou “cavala”. Em Bom Jesus de Itabapoana, Rio de Janeiro, esta ave recebe o nome onomatopéico “rola-pau”, decorrente da seguinte lenda:

“Contam os antigos que o rola-pau aparece depois que mataram um preto a pauladas, no tempo da escravidão, na fazenda Santa Isabel, em Bom Jesus de Itabapoana: "Ele traz um castigo de Deus por causa de um escravo que morreu maltratado por um capataz. Este, acreditando na traição de sua mucama com esse negro, mandou surrá-lo. Como ele negava, o capitão lhe disse: 'eu vou te matar e a seus filhos todos. Só se aquele pau rolar eu não mando matar'. Então até hoje o escravo grita: rola, pau! rola, pau! rola, pau! [...] (Bom Jesus do Itabapoana)” (FRADE, 1978).

A coruja (*Hydropsalis albicollis*) recebe três sinonímias onomatopéicas, onde os nomes coruja-bacurau e bacurau têm origem a partir do chamado “ba-bacurau” que a ave emite à noite (Tabela 3). Já o nome comum coruja-amanhã-eu-vou, além da interpretação vocal, está relacionado à lenda da mãe-da-lua (*Nyctibius griseus*) que os Pataxó (Sul da Bahia e norte de Minas Gerais) contam relatando as vocalizações das duas espécies (NOMURA, 1996; SICK, 1997; STRAUBER, 2004; ZENAIDE, 2012). Em Pedra Branca, o canto da mãe-da-lua também é interpretado conforme a lenda:

“O Bacurau era um rapaz caipira e muito tímido, gostava muito de caçar à noite. Um dia, andando pela floresta, encontrou uma moça muito bonita, a Mãe-da-Lua. Iniciou-se um diálogo entre ambos, e conversa vai, conversa vem, ele disse

para ela: – Você quer casar comigo ? – Quero sim. Respondeu a Mãe-da-Lua. Pois vamos nos arrumar. Com trinta dias, nós casamos. – Tudo bem. Disse a moça. Por ser um rapaz pobre, teve que tomar um terno emprestado para o casamento. Pediu uma pena emprestada de cada pássaro e, trinta dias após, estava tudo pronto para o casamento. O Bacurau convidou o Veado para fazer o casamento e todos os outros bichos para a festa que seria realizada. O Veado declarou-os casados e disse: – Agora podemos ir para o jantar e logo mais dançaremos um forró. Quando estavam todos assentados à mesa para o jantar, o macaco, muito gracioso, contou-lhes uma piada e todos riram muito. A Mãe-da-Lua abriu uma boca tão grande para rir, que o noivo Bacurau ficou assombrado e fugiu para a floresta. A noiva, percebendo que o noivo não voltaria mais, resolveu partir para a sua velha morada, onde até hoje canta: – João foi, foi, foi, foi [...]. E ele constantemente responde: - Amanhã eu vou, amanhã eu vou [...]. Como não devolveu o terno que tomou emprestado aos outros pássaros, não pode mais sair de dia.”

Dentre os critérios comportamentais, destaca-se também a formação dos nomes através da alimentação, como de três gaviões: gavião-carrapateiro (*Milvago chimachima*) que se alimenta dos bernes e carrapato de bois e cavalos; o gavião-pegapinto (*Rupornis magnirostris*), que se alimenta de pequenos artrópodes, cobras e até morcegos, mas como um bom oportunista, muitas vezes captura filhote de outras aves, considerando presas fáceis; e o gavião-peneirador (*Elanus leucurus*), que tem o hábito de peneirar contra o vento, visualizando suas presas de uma altura de 30m (SICK, 1997, SANTOS, ROSADO, 2009). Outros estudos também encontram o agrupamento dos gaviões relacionados ao comportamento alimentar (ARAUJO, 2005; GOMES et al, 2010).

A etnoespécie urubu-rei (*Sarcoramphus papa*) foi a única do genérico urubu (urubu-cabeça-vermelha e o urubu-preto) que recebeu o nome decorrente de seu comportamento alimentar, pois existe uma hierarquia entre essas espécies, no qual o urubu-rei chega primeiro, se alimenta e somente depois que as outras duas espécies passam a se alimentar (SICK, 1997) (Tabela 3).

Tratando-se dos nomes ligados ao comportamento reprodutivo, três etnoespécies estão relacionadas com a formação do ninho, como cava-chão (*Nystalus maculatus*), carrega-madeira (*Phacellodomus rufifrons*) e joão-de-barro (*Furnarius rufus*). A

primeira etnoespécie tem o hábito de cavar buracos no chão ou nos barrancos e as outras duas utilizam madeira e barro, respectivamente, na construção dos ninhos, geralmente em galhos de árvores altos (SICK, 1997, NAROSKY, CARMAN, 2009). A espécie *Xolmis irupero* recebe o nome de noivinha em algumas regiões do país devido a sua coloração branca (FRADE, 1978; SICK, 1997; FARIAS et al, 2000; VOTTO et al, 2006; UEJIMA, BORNSCHEIN, 2012), mas em Pedra Branca ela foi nomeada de viuvinha, pois relatam que sempre a veem sozinha, sem companhia de outro indivíduo da espécie.

Tabela 3: Alguns exemplos de etimologia dos nomes populares segundo os moradores de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia).

| Nome popular | Explicação local |
|-------------------|---|
| João-barro | “Ele faz a casa de barro, todinha de barro” (senhora V., 59 anos). |
| Saiacaia/Cavala | “Ela fala: “saiacaia, saiacaia, saiacaia, cavala, cavala, cavala”. É três vezes, e ninguém vê ela, é de noite, ela sai pela noite” (senhor A., 62 anos) |
| Coruja-bacurau | “Tem outra que é Bacurau que canta assim: “Bacurau, bacurau, bacurau” (senhor B., 87 anos) |
| Cava-chão | “Porque ele só cava para fazer ninho” (senhor L., 85 anos). |
| Beija-flor | “Porque ela fica beijando flor, mas ela pega o néctar das flores” (senhor R., 30 anos). |
| Urubu-rei | “O urubu-rei chega começa a comer aquele animal que morreu, aí que os outros chega e toma conta do resto. Mas primeiro é o urubu-rei que chega” (senhor F., 31 anos). |
| Viuvinha | “Viuvinha, porque é branca com preto e ninguém vê o macho” (senhor F., 58 anos). |
| Corujão-de-orelha | “Tem orelha que nem gato” (senhora V., 69 anos) |

Segundo Berlin (1973), a morfologia é um dos principais critérios utilizados para nomear as etnoespécies, bem como diferenciá-las. Dos três critérios morfológicos, o padrão de coloração foi o mais utilizado para nomear e diferenciar as etnoespécies em Pedra Branca, como anu-preto (*Crotophaga ani*) e anu-branco (*Guira guira*), nambu-pé-roxo (*Crypturellus tataupa*) e nambu-pé-vermelho (*Crypturellus parvirostris*). Através do formato e do tamanho corporal, os entrevistados diferenciaram duas espécies científicas: bem-te-vi-menor (*Myiozetetes similis*) e bem-te-vi-coroão (*Pitangus sulphuratus*).

Através dos critérios nomenclaturais, os entrevistados também diferenciam as fêmeas e os machos, sendo os mais utilizados o padrão de coloração e a vocalização, pois afirmam que os machos têm cores fortes e vocalizam, enquanto as fêmeas têm o

padrão de coloração mais neutra e não vocalizam. Abaixo seguem trechos de entrevistas que afirmam o conhecimento sobre dimorfismo sexual:

“O macho fica azul (Azulão), e a fêmea parda” (senhor E., 48 anos).

“O macho (Coleiro) tem uma coleirinha no pescoço a fêmea não tem a coleirinha, é toda de uma cor só” (senhor M., 67 anos).

Os machos, geralmente, têm as penas modificadas e cores mais chamativas por causa da seleção sexual, significando uma boa nutrição e resistência às doenças, ou seja, a fêmea escolherá o macho pela sua característica física. A região de controle de canto nos machos é mais desenvolvida que das fêmeas, assim, o comportamento vocal de algumas fêmeas pode variar apenas de um chamado até duetos complexos com os machos (POUGH et al, 1999).

Relacionados ao hábitat em que vivem, os entrevistados citaram três tipos de canários: canário-da-terra (*Sicalis flaveola*), canário-belga (*Serinus canaria*) e canário-da-capoura (*Sicalis luteola*), nos quais os dois primeiros são diferenciados por sua origem, um pertencente ao território nacional, enquanto outro descendente de uma espécie das Ilhas Canárias. O terceiro vive, preferencialmente, próximo ao solo, em bandos (SICK, 1997).

A lavandeira (*Fluvicola negenta*) tem sua formação nomenclatural baseada no aspecto antropogênico. Culturalmente falando, esta etnoespécie é ligada à crença religiosa e por isso tem sua importância (FARIAS, ALVES, 2007b; FARIAS, MARQUES, 2010), como relata o trecho a seguir: “O povo tem de dizer que colocou o nome lavandeira, porque ela ajudou Nossa Senhora lavar as roupas” (senhora M, 63 anos).

Mesmo que as etnoespécies recebam nomes onomatopêicos ou por características morfológicas e comportamentais, existe uma ligação simbólica dos entrevistados com algumas aves, isto é, a vocalização e determinados comportamentos são indicativos de presságios. Em Pedra Branca consideram-se alguns exemplos, como o caso da acauã (*Herpetotheres cachinnans*), que ao vocalizar anuncia morte; anu-preto (*Crotophaga ani*), considerado agourento por possuir uma vocalização melodiosa, cantando próximo à casa de um doente, anunciando sua morte; e aracuã (*Ortalis guttata*), citada como prenúncio de seca ou chuva. Outras comunidades também

apresentam essas relações simbólicas, sendo algumas aves consideradas “bruxas”, outras significando morte, e até restrições de aves de caça para evitar problemas de saúde (ICHIKAWA, 1998; MARQUES, 1998, 2002; CAMPOS, 2003; ARAUJO et al, 2005; FARIAS, ALVES, 2007b; SANTOS, COSTA-NETO, 2007; FORTH, 2010).

Strauber *et al.* (2007) levantam uma questão importantíssima sobre nomes populares, ressaltando a importância do estudo e registro das variações regionais e locais na nomenclatura popular utilizada, antes que essa seja ultrapassada pela nomenclatura acadêmica e até pela mídia. Isto é, existem espécies que são nomeadas localmente, mas que podem receber outro nome, como o caso do *Vanellus chilensis*, que em Pedra Branca recebe o nome de espanta-boiada, mas também é conhecido como quero-quero: “Cada região chama seu nome. Aqui chama espanta-boiada. No campo de futebol tem também. Chama ela de quero-quero” (senhor E., 48 anos).

As informações registradas para formação dos nomes populares de aves de Pedra Branca pode auxiliar, no campo da ornitologia, com elaboração de inventários mais eficientes e precisos, localizar espécies ameaçadas de extinção, propondo alternativas para conservação e compreender melhor a relação entre homens e aves, ressaltando sempre o valor da diversidade cultural.

3.2.2 Classificação etnotaxonômica

Para iniciar a identificação das etnoespécies pelos informantes, primeiro se definiram dois lexemas: “ave” e “pássaro” (= “passarinho”). Na percepção local, possuir penas, ter asas, ser capaz de voar, bem como o tamanho corporal e a criação para abate foram características relevantes para esta diferenciação. O termo “ave” se refere, principalmente, às espécies domesticadas, criadas em casa, como galinha (*Gallus gallus*), pato (*Cairina moschata*) e sacué (*Numida meleagris*). Já “pássaro” ou “passarinho” é um termo usado para denominar as demais espécies que não são domesticadas, mesmo aquelas criadas em cativeiro. Os depoimentos abaixo exemplificam essa distinção semântica:

“Agora ave quer dizer são passarinhos domésticos, e os outros são selvagens. São tudo ave, porque elas têm pena e asa, agora são aves domésticas e selvagens. Aves domésticas é essas que a gente vê aqui: peru (), galinha, pato,

sacué. E esses outros passarinho rola, perdiz, esteve, esses que estamos falando aqui são selvagem, porque são do mato, não é de casa” (senhor W., 38 anos).

“Ave é tipo que se cria em casa e pássaro é que sempre vive por fora de nós. Galinhas, peru, chamam de aves e lá que nós vê voando a gente chama de pássaros” (senhor R., 69 anos).

Possuir penas faz com que o termo “pássaro”, para alguns informantes, esteja incluso em “ave”, mas mesmo assim é diferenciado pelo hábitat da espécie, seja em árvores ou no solo.

“Todos os pássaros que tem pena chama ave né, entendeu. É tudo nessa espécie de ave. A diferença é pouca, porque a galinha a diferença que convive no chão, o passarinho não, convive mais no alto, voa, senta também no chão, mas a galinha convive no chão. Os passarinhos fazem ninho nas árvores e a galinha no chão” (senhor J., 48 anos).

Esses critérios também foram fatores que levaram alguns estudos a diferenciarem os termos “ave” e “pássaro”, como Cadima, Marçal-Junior (2004) que registraram, na comunidade de Miraporanga (Uberlândia, Minas Gerais), que as aves domésticas, como galinha, peru e periquito, são classificadas em “cria de casa”; já gavião, garça e pássaro-preto são “cria do mato”. Santos e Costa-Neto (2007) observaram na zona rural do município de Feira de Santana que o domínio “ave” é subdividido em duas etnocategorias: “ave do chão” e “ave voadora”, esta segunda inclui espécies que são chamadas de pássaros ou passarinhos, decorrente da criação em cativeiro. Em Várzea de Marituba, próximo ao rio São Francisco, em Alagoas, “pássaro” corresponde à etnocategoria “pássaro que se cria” (MARQUES, 1998).

Enquanto para algumas comunidades esses termos são diferenciados, o grupo Wayampi, na região Amazônica e moradores do distrito de Três Ladeiras, em Pernambuco, consideram que os animais que voam, têm bico, pena e colocam ovos são classificados como “aves” (JENSEN, 1988; FARIAS, ALVES, 2007). Brown (1982) apresenta “ave” como animais grandes, que possuem asas, penas e bicos (incluindo sempre pássaros), considerando que na forma de vida aves incluem-se os mamíferos voadores, os morcegos. Fato encontrado por Jensen (1988) e Blumer (1967) quando registram que os Alapaí, na Amazônia e os Kalam, na Nova Guiné, respectivamente,

incluem os morcegos na mesma categoria que as aves. Em Pedra Branca é registrado esta inclusão, como visto nos trechos das entrevistas:

“Eu acho que ele é considerado passarinho, ele tem a asa e voa” (senhor F., 31 anos).

“Para mim voa, tudo é pássaro” (senhor J., 39 anos).

Neste capítulo, utilizaremos os lexemas “pássaro” e “passarinho” correspondendo ao nível etnotaxonômico Forma de Vida proposto por Berlin (1992). Estes lexemas incluem todas as aves silvestres citadas no estudo. Não corresponde à taxonomia acadêmica, porque pássaros são os animais pertencentes somente à ordem Passeriformes (SALLES, 1986; STRAUBE, 2009). No sistema classificatório de aves em Pedra Branca, foram reconhecidos três níveis hierárquicos: forma de vida, genérico e específico.

As informações etnotaxonômicas dos entrevistados permitem, aparentemente, ordená-las hierarquicamente de acordo com os princípios de categorização proposto por Berlin (1992). Os “pássaros” são agrupados a partir da sua morfologia ou até comportamento, ou seja, ao afirmarem que existe mais de um específico para um determinado genérico a hierarquização é evidenciada.

O reconhecimento do genérico “sabiá” se constrói principalmente, pela vocalização, sendo os critérios morfológicos e tróficos responsáveis pela identificação e nomeação dos específicos (Figura 4). A vocalização dos específicos sabiá-bico-de-osso (*Turdus amaurochalinus*), sabiá-branca (*Turdus leucomelas*) e sabiá-coca (*Turdus rufiventris*) é considerada exuberante (Figura 5A, B, C) e, mesmo os sons sendo semelhantes, auxilia na identificação das espécies em campo (SICK, 1997; SILVA, 2001), informação também encontrada em Araújo (2005). O agrupamento das três etnoespécies corresponde à família Turdidae na taxonomia científica. A única etnoespécie que não é reconhecida através da vocalização é a sabiá-lasca-carne (*Mimus saturninus*), logo o que faz dela pertencer ao genérico “sabiá” é a semelhança morfológica (Figura 5D). Pertencente à família lineana Mimidae, a sabiá-lasca-carne é onívora, se alimentando, principalmente de aranhas e insetos e ocasionalmente predam ninhos de outras aves (SICK, 1997; RAMOS et al, 2011). As correspondências encontradas foram 1:1 para os quatro específicos citados.

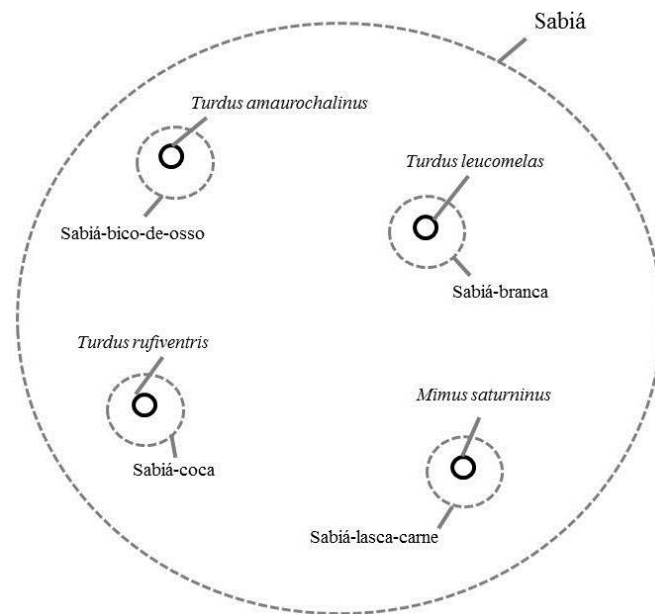


Figura 4: Específicos *folk* do genérico sabiá e seus equivalentes na taxonomia acadêmica.



Figura 5: Genérico sabiá e seus representantes. A – Sabiá-bico-de-osso (*Turdus amaurochalinus*), B – Sabiá-branca (*Turdus leucomelas*), C – Sabiá-coca (*Turdus rufiventris*), D – Sabiá-lasca-carne (*Mimus saturninus*). Créditos: Fernando Flores (A, B, C, D).

Na percepção dos moradores entrevistados, acauã (*Herpetotheres cachinnans*) é reconhecida como um tipo de gavião (“Um gavião chama cauã, [...] que come pinto”, senhor L., 85 anos), no entanto, não está incluída neste genérico, constituindo um genérico monotípico. Por outro lado, o lexema “gavião” possui oito específicos. Os critérios morfológicos e comportamentais (forrageamento) são usados para agrupar esse conjunto de aves (Figura 6). Esses mesmo critérios são utilizados pelos Wayampi (JENSEN, 1988) e pela população ribeirinha do rio Mamanguape e rio Paraíba do Norte (ARAÚJO, 2005). As etnoespécies gavião-carcará (*Caracara plancus*), gavião-carrapateiro (sinonímia gavião-carcará-menor, *Milvago chimachima*) e a acauã (*H. cachinnans*) correspondem à família Falconidae e os demais pertencem à família Accipitridae. Neste exemplo são encontradas quatro correspondências 1:1, duas subdiferenciações e uma sobrediferenciação do tipo B.

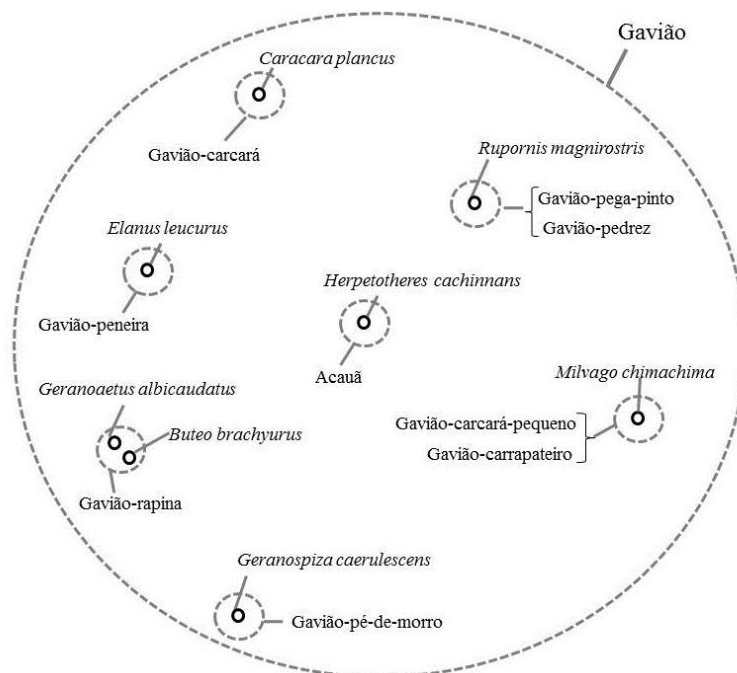


Figura 6: Específicos folk do grupo “gavião” e seus equivalentes na taxonomia acadêmica.

O genérico corujão é utilizado para representar duas espécies científicas *Tyto alba* e *Pulsatrix koeniswaldiana* um específico relacionado a uma terceira espécie: *Megascops choliba*, corujão-de-orelha (Figura 7). Essa última recebe a sinonímia caburé-de-orelha. Esse genérico corresponde a duas famílias Tytonidae e Strigidae. Corujão recebe esse nome por ser considerado maior do que a coruja (*Hydropsalis albicollis*). Os entrevistados relatam que as duas primeiras espécies vivem somente na

“mata”, enquanto a terceira é uma etnoespécie que tem no “povoado”, mas a espécie *Tyto alba*, costuma ficar em locais abertos, como campos e pastagens, por causa da sua alimentação, que compreende roedores e dificilmente são encontradas em floresta densa (SICK, 1997; ICN, 2000; RODA, 2006). Já *Pulsatrix koeniswaldiana* tem o hábito de viver em mata alta (SICK, 1997; MOTTA-JUNIOR et al, 2012), e assim somente os caçadores a citaram por conhecimento auditivo e visual do animal.

O corujão-de-orelha (*Megascops choliba*) recebe este nome por possuir uma “orelha” (Tabela 3), o que é corroborado por Sick (1997). Os entrevistados relatam que esse tem hábito de alimentar-se de mamíferos de pequeno porte, enquanto na literatura, esta ave costuma alimentar-se de insetos (MOTTA-JUNIOR et al, 2012).

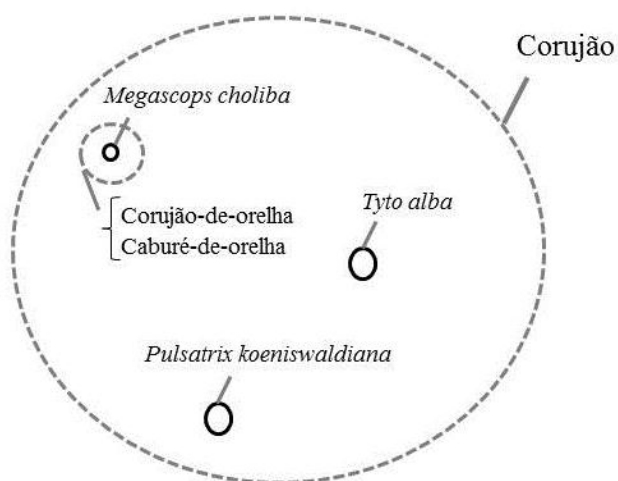


Figura 7: Específicos folk do grupo “corujão” e seus equivalentes na taxonomia acadêmica.

3.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações registradas mostram um amplo conhecimento etnoornitológico na comunidade de Pedra Branca, de maneira que muitas aves receberam nomes seguidos de sinônimas, enquanto outras somente um único nome, havendo uma correspondência com a taxonomia lineana.

Através da análise dos nomes populares foi possível compreender quais critérios nomenclaturais os entrevistados utilizaram para nomear as aves, sendo a vocalização e o padrão de coloração os mais empregados. Praticamente todos os moradores relatavam a

mesma etimologia para os nomes comuns das etnoespécies, significando que os nomes locais são fortemente transmitidos na comunidade.

O comportamento alimentar foi outro aspecto relevante nesta pesquisa, pois além de formar nomes, também permitiu a identificação de espécies e até ordená-los hierarquicamente. Porém, existiram nomes que não seguiram nenhum desses critérios, sendo as etnoespécies identificadas por algum tipo de comportamento, vocalização e até o habitat, o que leva a considerar que essas são observadas, de alguma forma pelos moradores, isto é, geralmente são as aves que os moradores utilizam de alguma maneira (alimentação, zooterapia, animal de estimação).

De acordo com o modelo de classificação berliana foram identificados três níveis hierárquicos: forma de vida, genérico e específico. Mesmo que encontrado dois lexemas “ave” e “pássaro” (passarinho), optou-se para utilizar “pássaro” no nível de forma de via, relacionando somente as aves silvestres. A relação encontrada entre a taxonomia *folk* e taxonomia lineana foi de correspondência 1:1, seguidas de subdiferenciação e sobrediferenciação.

3.4 – REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.M.; FRANCHIN, A.G. & MARÇAL-JUNIOR, O. Estudo etnoornitológico no distrito rural de Florestina, município de Araguari, região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais. **Sitientibus Série Ciências Biológicas (Etnobiologia)**: 26-36, 2006.

ANDRADE, M.A. Aves silvestres. Minas Gerais, Belo Horizonte: **Littera Maciel**, 176p. 1997.

ARAUJO, H.F.P.; LUCENA, R.F.P.; MOURÃO, J.S. Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade-PB, Brasil. **Interciência**, volume 30, numero 12. 2005.

ARAUJO, H.F.P. Composição da avifauna e etnoornitologia em complexos estuários-manguezais na estado da Paraíba, Brasil. **Dissertação de Mestrado**. João Pessoa, Paraíba. Universidade Federal da Paraíba, 2005.

- BERLIN, B. Folk Systematics in Relation to Biological Classification and Nomenclature. **Annual Review of Ecology and Systematics**, Vol. 4, pp. 259-271. 1973.
- BERLIN, B. Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies. **Princeton University Press**, Nova Jersey. 1992.
- BERLIN, B., BREEDLOVE, D.E., RAVEN. P.H. General principles of classification and nomenclature in folk biology. **American Anthropology**, 75:214-242. 1973.
- BIRD LIFE INTERNETIONAL. Species. Disponível em: <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acessado em 22 de julho de 2012.
- BROWN, C. H. Folk zoological life-forms and linguistic marking. **Journal Ethnobiological** 2(1):95-112. 1982.
- CADIMA, C.I., MARÇAL-JUNIOR, O. Notas sobre etnoornitologia na comunidade do distrito rural de Miraporanga, Uberlândia, Minas Gerais. **Bioscience Journal** 20 (1): 83-94. 2004.
- CAMPOS, M.A.A. Cruzando saberes: etnoecologia e caça no rio Cuieiras. São Paulo: **Annablume**, p. 102. 1ª edição. 2011.
- CARRARA, E. Tsi Tewara: um voo sobre o Cerrado Xavante. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1997.
- CARVALHO, C.T. Notas ecológicas sobre *Coereba flaveola* (Passeres, Coeribidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n 10. 1958.
- COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS (2011) Listas das aves do Brasil. 10ª Edição. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: [07 de fevereiro de 2011].
- COSTA-NETO, E.M. **Etnoentomologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos**. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, p.253. 2003
- FARIAS, G.B. Nomes vernáculos locais de aves em Pernambuco, Brasil. **Atualidades Ornitológicas** On-line N° 148, 2009.
- FARIAS, G.B., ALVES, A.G.C. É importante pesquisar o nome local das aves? **Revista Brasileira de Ornitologia** 15 (3): 403-408. 2007.

- FARIAS, G.B. & ALVES, A.G.C., MARQUES, J.G.W. Mythological Relations Between the “Lavandeira” Birds *Fluvicola nengeta* and *Motacilla alba* in Northeast Brazil and Northwest Spain: Possible Cultural Implications for Conservation. **Journal of Ethnobiology**, 30(2):240-251. 2010.
- FERNANDES-FERREIRA, H.; MENDONÇA, S.V.; ALBANO, C., FERREIRA, F.S.; ALVES, R.R.N. Comercio e criação de aves silvestres (Psittaciformes, Piciformes e Passeriformes) no Estado do Ceara. Em: A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas. Alves, R.R.N; Souto, W.M.S.; Mourão, J.S. Volume 4. P381-402. 2010.
- FORTH, G. What’s in a Bird’s Name: Relationships among Ethno-ornithological Terms in Nage and other Malayo-Polynesian Languages. *In*: TIDERMANN, S; GOSLER, A. (coord). Ethno-ornithology : birds, indigenous peoples, culture and society. **Earthscan**. London, Washington, D.C. 2010.
- FRADE, C. As aves no folclore fluminense. **Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro. 1978.
- GARCIA, R. Nomes de aves em língua Tupi. **Bol. Mus.Nac.**, 5(3):1-54. 1929.
- GIANNINI, I. V. A ave resgatada: a impossibilidade de leveza do ser. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 1991.
- GOELDI, E. As aves do Brasil. Rio de Janeiro: **Livraria Clássica de Alves & Cia**. 1894.
- GOMES, C.R.G., EPIFÂNIO, A.D., VASCONCELOS, M.F. Estudo etnoornitológico no município de Curumbá, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Atualidades Ornitológicas**, on-line nº158. 2010.
- HICKMAN, C. P., ROBERTS, L. S. e LARSON, A. Princípios Integrados de Zoologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 568 – 576. 2004.
- HUNN, E. The use of sound recordings as voucher specimens and stimulus materials in ethnozoological research. **Journal Ethnobiological** 12(2):187-198. 1992.
- INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. *Tyto alba*: coruja-de-igreja. **Plano Sectorial de Rede Natura**. Fauna, aves. 2000. Disponível on line: <http://www.icnb.pt/propfinal>.

IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas. Versão 2012,1. < www.iucnredlist.org >. Transferido em 22 de julho de 2012.

JENSEN, A.A. Sistema indígena de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos. **Museu Paraense Emilio Goeldi**, Belem, PA, p.88. 1988.

MARQUES, J.G.W. “Do canto bonito ao berro do bode”: percepção do comportamento de vocalização em aves entre os camponeses alagoanos. **Revista de Etologia**, São Paulo, p. 71-85. Número Especial. 1998.

MARQUES, J.G.W. O sinal das aves. Uma tipologia sugestiva para uma etnoecologia com bases semióticas. *In*: ALBUQUERQUE et al (org). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, p.87-96. 2002.

MMA – MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. 2008. Livro vermelho da fauna vermelha ameaçada de extinção. Eds. MACHADO, A.B.M; DRUMMOND, G.M & PAGLIA, A.P. Brasília, **Ministério do Meio Ambiente**. 2008.

MOTTA-JUNIOR, J.C., BUENO, A.A., BRAGA, A.C.R. Corujas brasileiras. Disponível on line: <http://www.ib.usp.br/labecoaves/PDFs/pdf30CorujasIBC.pdf>. Acessado em 24 de novembro de 2012.

NAROSKY, T., CARMAN, R.L. El honero – ave nacional. Ed. 1ª, 128p, **Albatros**, Buenos Aires, Argentina. 2009.

NOMURA, H. Avifauna no folclore. Fundação Vingt-Um Rosado, **Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Rio Grande do Norte**, Mossoró, Brasil, 153pp. 1996.

NUNES, C.E.C., MACHADO, C.G. Avifauna de duas áreas de *caatinga* em diferentes estados de conservação no Raso da Catarina, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20(3), 215-229. 2012.

PENHA, J.M.F. Alimentação de *Rhynchotus rufescens* na serra de São Vicente, município de Santo Anotnio de Leverger, Mato Grosso (Tinamiformes: Tinamidae). **Ararajuba**, 3: 55-56. 1995.

POSEY, D. A. Temas e inquirições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração de hipóteses. **Boletim Museu Paraense Emilio Göeldi**, 3 (2): 99-134. 1987.

- RAMOS, C.C.O.; BENEDITO, E.; ZAWADZKI, C.H. Dieta e conteúdo calórico de aves atropeladas na região central do estado do Paraná, Brasil. **Biotemas**, 24 (4): 153-170. 2011.
- RENCTAS. 1º Relatório Nacional Sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. Brasília: **Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais**. 2002.
- RIBEIRO, L.B., SILVA, M.G. Comportamento Alimentar das Aves *Pitangus sulphuratus*, *Coereba flaveola* e *Thraupis sayaca* em Palmeiras Frutificadas em Área Urbana. **Revista de Etologia**, vol 7, nº1, 39-42. 2005.
- RODA, S.A. Dieta de *Tyto alba* na Estação Ecológica do Tapacurá, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**. 14 (4)449-452. 2006.
- SALLES, O. Nem todas as aves são pássaros. In: **Atualidades Ornitológicas**, n. 8, pag 4. Jacutinga, Minas Gerais. Disponível on line: <http://www.ao.com.br/aves&pas.htm>. 1986.
- SANTOS, I.B., COSTA NETO, E.M. Estudo etnoornitológico em uma região do Semi-Árido do estado da Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 7(3): 273-288. 2007.
- SANTOS-FITA, D. *Cobra é inseto que ofende*: classificação etnobiológica, questões sanitárias e conservação na região da Serra da Jiboia, estado da Bahia, Brasil. **Dissertação de Mestrado em Zoologia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus**, Bahia, p. 133. 2008.
- SANTOS-FITA, D., COSTA-NETO, E.M. Sistemas de clasificación etnozoológicos. En: COSTA-NETO, E.M., SANTOS-FITA, D., VARGAS CLAVIJO, M. (coord.). **Manual de Etnozoología: Uma guia teórico-práctica para investigar La interconexión del ser humano com los animales**. Tundra Ediciones, Valencia. 2009.
- SANTOS, W.M., ROSADO, F.R. Dados preliminares da biologia do gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*, Gmelin, 1788) na região Noroeste do Paraná. **Revista de Agronegócio e Meio Ambiente**, 2(3):421-430. 2009.
- SICK, H. Ornitologia Brasileira. Edição Revista e Ampliada por José Fernando Pacheco (coord). Rio de Janeiro: **Nova Franteira**, 912p. 1997.
- SILVA, M.L. Estrutura e organização de sinais de comunicação complexos: o caso do Sabiá-laranjeira *Turdus rufiventris* (Aves, Passeriformes, Turdinae). **Tese de Doutorado em Psicologia** pela Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

- SILVEIRA, M.H.B., MACHADO, C.G. Estrutura da comunidade de aves em áreas de caatinga arbórea na Bacia do rio Salitre, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20(3), 215-229. 2012.
- STRAUBER, F.C. Urutau ave-fantasma. **Atualidades Ornitológicas**. N.122 pag. 11 e 12. 2004.
- STRAUBER, F.C. Todas as aves são pássaros. **Atualidades Ornitológicas** 148:4-6. 2009.
- STRAUBER, F.C., ACCORDI, Y.A., ARGEL, M. Nomes populares de aves brasileiras coletados por Johann Natterer (1817-1835). **Atualidades Ornitológicas**, nº 136. 2007.
- UEJIMA, A.M.K., BORNSCHEIN, M.R. As aves dos campos gerais. Disponível on line:http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/455/CAP%C3%8DTULO11_AvesCamposGerais.pdf Acessado em 10/11/2012.
- VOTTO, A.P., GOMES-JUNIOR, A., BUGONI, L., PEREIRA-JUNIOR, J. Sazonalidade da avifauna no Campus Carreiros da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, Brasil. **Estud. Biol.**, v. 28, n.62, p. 45-55. 2006.
- ZENAIDE, H. Aves da Paraíba. **Acervo virtual Oswaldo Lamartine de Farias**. Disponível on line: www.colecaomossoroense.org.br. Acessado em 01/11/2012.

CAPÍTULO 2

Conhecimento local e uso da avifauna pelos moradores de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia

4.1 - INTRODUÇÃO

“O passarinho é tão sabido, que ninguém pega ele de mão” (senhor M., 60anos).

Quando a fauna se torna importante para uma determinada comunidade, ela passa a fazer parte de sua rotina e de seus pensamentos, estabelecendo-se então diversas relações dos seres humanos com os animais, sejam elas utilitárias (alimentação, vestuário, medicinal, mágico-religioso, etc.), simbólicas (lendas, mitos), para manutenção de animais em cativeiro ou sua comercialização (MASON, 1899; BENNETT; ROBINSON, 1999 apud ALVES et al, 2009; CORONA, 2011).

A atividade de caça é o meio mais “acessível” e antigo para captura e uso dos animais (AYRES; AYRES, 1979; RENCTAS, 2001; BEZERRA et al, 2012). As técnicas e saberes sobre a caçada são repassadas por gerações e os métodos são aprimorados ao passar do tempo, estando relacionados, geralmente, à condição ecológica do animal e sua sazonalidade, de maneira que ao aumentar o conhecimento do caçador sobre esses fatores, a atividade torna-se cada vez mais eficiente (ALVES et al, 2010; CAMPOS, 2011; BEZERRA et al, 2012).

As aves sofrem com a pressão da caça, servindo principalmente como recurso trófico, sendo o mais representativo no comércio ilegal, decorrente das suas características intrínsecas, como canto, beleza, e da sua ampla distribuição (SICK, 1997; ORTEGA et al, 1999; RENCTAS, 2001).

A sobrevivência e a escolha dos alimentos decorrem da disponibilidade dos recursos naturais e dos hábitos de cada indivíduo; assim, a utilização das aves como suplemento alimentar é bem disseminada em várias populações do mundo, como também as restrições e tabus alimentares que ocorrem por vários motivos, como: hábito do animal, crença religiosa e simbolismo (ICHIKAWA, 1987; TRIGO et al, 1989; KIZUNGO, 1998; COSTA-NETO, 2000; RIBEIRO, 2004; SANTOS; COSTA-NETO, 2007; HANAZAKI et al, 2009; PEREIRA; SCHIAVETTI, 2010).

Outra relação ser humano/ave existente é a zooterapia, definida como o uso do animal, suas partes e produtos (no caso das aves, pena, banha, ovo, etc.) para tratamento e prevenção de enfermidades (COSTA-NETO, 1999a; ALVES et al, 2007), sendo uma prática registrada em todas as culturas humanas, o que levou Marques (1994) a cunhar a

hipótese da universalidade zooterápica. No Brasil, e em outras partes do mundo, pesquisas são crescentes sobre o tema, pois a medicina popular está diretamente ligada a aspectos socioambientais e econômicos (MAHAWA; JAROLI, 2006, 2007; MOURA; MARQUES, 2008; SILVA, 2008; ALVES et al, 2009a,b; TIDEMANN et al, 2010; COSTA-NETO, 2011; SOUTO et al, 2011).

Outro tipo de interação existente entre o ser humano e as aves, é o interesse da criação em cativeiro (gaiolas) e também do comércio ilegal de animais, mantido por vários tipos de consumidores, resultando no declínio populacional de várias espécies. O comércio ilegal de aves só fica atrás da perda de hábitat e caça de subsistência, como fator responsável por várias espécies de aves estarem inclusas em listas de animais ameaçados de extinção (SICK, 1997; RENCTAS, 2001; MARINI; GARCIA, 2005; OLMOS et al, 2005; SOUZA; SOARES-FILHO, 2005; HERNANDEZ; CARVALHO, 2008; FERREIRA et al, 2010; MMA, 2008; ALVES et al, 2012; BIRDLIFE, 2012; IUCN, 2012).

A partir deste contexto, o presente capítulo objetivou registrar as relações comportamentais que os moradores do povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia, têm com a avifauna local, sendo investigada as seguintes interações: trófica – aves que servem de alimento; medicinal – quais aves e seus produtos são utilizados e para quê são recomendadas; social-afetiva – quando as aves são utilizadas como animais de estimação; econômica – referente ao comércio de determinadas espécies de aves. Este capítulo ainda, apresenta e discute, as técnicas de caça utilizadas para a captura das aves.

4.2 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

No povoado de Pedra Branca, as aves são utilizadas de diferentes maneiras: alimento (interação trófica), remédio nas atividades de medicina popular (interação zooterápica), criação em gaiolas (interação social-afetiva) e para o comércio (interação econômica). Para adquirir esses animais e permitir os diferentes usos (interações), foram citados métodos de caça que são descritos a seguir.

4.2.1 Métodos de caça

Foram citados seis métodos de caça, consistindo em técnicas (armadilhas, instrumentos) utilizadas na captura das aves da região de entorno do povoado de Pedra Branca (Figura 8).

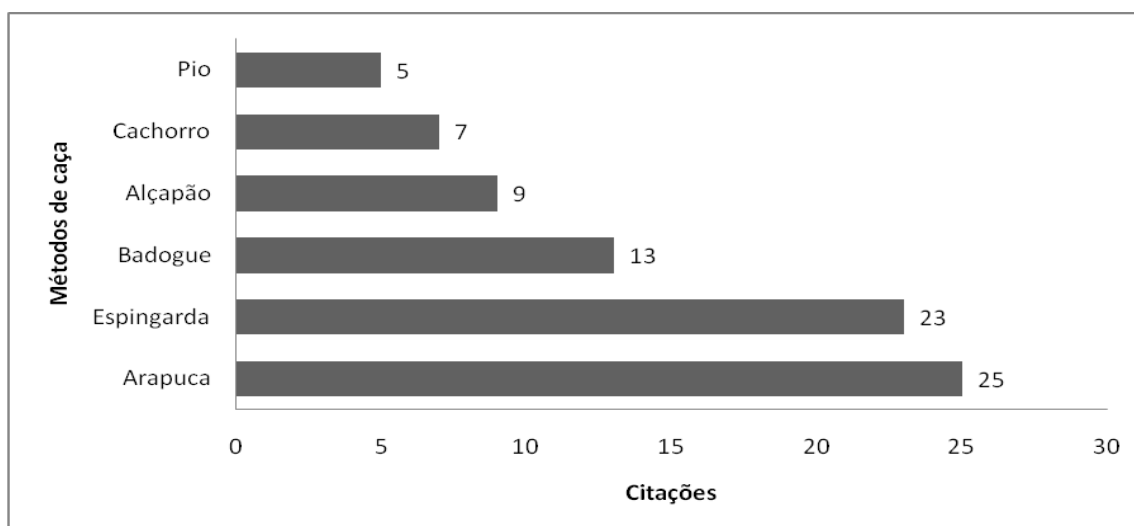


Figura 8: Métodos de caça citados pelos moradores de Pedra Branca, (Santa Terezinha, Bahia) na captura de aves.

A arapuca e a espingarda foram os instrumentos mais citados pelos entrevistados (N = 25 e N = 23, respectivamente). A arapuca é utilizada tanto pelos moradores mais jovens quanto pelos mais velhos, sendo uma armadilha de fácil construção, pois é preparada com pedaços de madeira que podem variar de tamanho de acordo com a ave que se deseja capturar, levando em conta o local habitado pela mesma.

“Quando a gente era moleque armava a arapuca e pegava. Era rolinha!” (senhor, 62 anos).

“Codorna e nambu, eu já peguei muito em arapuca. Eu fazia, pegava paus de assa-peixe, amarrava a corda no meio e ia colocando até em cima, tirava um gancho. Eu pegava perdiz, colocava milho, botava comida e deixava, quando eu chegava” [...]. (senhora E., 45 anos).

A espingarda é uma arma de fogo de calibres variados com munição de simples produção e de baixo custo, sendo produzida, basicamente, de um cartucho de metal, espoleta, pólvora e projétil que, geralmente, são partículas de chumbo que variam de

tamanho de acordo com a caça. Em Pedra Branca são poucas as pessoas que possuem espingarda, porém esta é considerada muito útil na caça, principalmente de aves de grande porte, como jacu (*Penelope superciliaris*) e aracuã (*Ortalis guttata*).

Os métodos de caça presentes neste estudo (Figura 9) também são utilizados em várias partes do país. Por exemplo, na região Nordeste a arapuca é armada em locais escolhidos de acordo com o hábitat e comportamento alimentar da ave, de maneira que a caça seja um método passivo quando o caçador não aguarda a presa, pegando-a depois, e ativo, quando o caçador aguarda a presa cair na armadilha (FERNANDES-FERREIRA, 2010; ALVES et al, 2010; LEE, 2000 apud BEZERRA et al, 2012). Na região Sudeste também ocorre evidências de utilização de arapucas, como é caso do Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo, onde moradores próximos caçam as aves como recurso alimentar e também de forma esportiva (MARQUES, 2004).

O uso da espingarda é crescente entre caçadores de várias populações, tanto servindo como proteção durante atividade de caça, quanto na eficiência da captura das espécies desejadas (REDFORD; ROBINSON, 1987; FERNANDES-FERREIRA, 2010; BEZERRA et al, 2012). Porém, em algumas regiões, como em Jayapura, capital da província de Papua, Indonésia, a inclusão de arma de fogo em comunidades indígenas acarretou na redução de métodos tradicionais, tornando a caça local insustentável, aumentando o comércio e a extinção de animais (PANGAU-ADAM; NOSKE, 2010).

Outro método citado foi o badogue (N = 13), também conhecido como estilingue, utilizado geralmente por crianças e jovens da comunidade. É um instrumento que eles mesmos constroem com o intuito de abater aves para alimentação. Os trechos abaixo, extraídos de entrevistas realizadas, revelam no que consiste o badogue e sua utilidade:

“Badogue é uma arma, sem ser de fogo, que a gente utiliza para matar passarinhos [...] todos que a gente consegue alcançar [...]. Borracha, madeira e borracha que é para amarrar. Ah e o couro também. Pedra no couro do badogue” (J., 18 anos).

“Os meninos de badogue matando, eles pegam por aí [...]. Quando mata é para comer” (V., 22 anos).



Figura 9: Instrumentos de caça utilizados na captura de aves. A – Arapuça, B – Espingarda, C – Badogue (estilingue), D – Alçapão, E – Cão, F – Pio. Crédito: Ana Loss.

Bezerra et al. (2011) relatam que em comunidades do Rio Grande do Norte o estilingue é o instrumento de caça mais utilizado na infância, mas quando adultos a seletividade das técnicas decorre quanto à espécie desejada, informação também encontrada no semiárido paraibano por Alves et al. (2010). O material e a maneira pela qual o instrumento é construído no povoado de Pedra Branca conferem com a dos moradores da Região do Seridó, Rio Grande do Norte (BEZERRA et al, 2012). No grupo indígena Mbuti, localizado no Congo, África, as crianças utilizam o estilingue para caçar aves e mamíferos de pequeno porte (ICHIKAWA, 1998).

As técnicas de caça e captura no povoado de Pedra Branca incluem, também, o uso de alçapão, pio e de cães. O alçapão é comprado ou produzido pelo criador de aves,

consistindo em armadilha pequena prendida, geralmente, à gaiola com pássaro canoro para atrair outros indivíduos da mesma espécie (ALVES et al, 2010; BEZERRA et al, 2012). O pio, também chamado de apito, produz sons similares aos das espécies-alvo com o objetivo de atraí-las até o caçador. E os cães apresentam vantagens sobre o homem, como olfato e velocidade, aumentando no número de presas a serem capturadas (REDFORD; ROBINSON, 1987; MARTINS, 2010; BEZERRA et al, 2012).

A atividade cinegética no povoado de Pedra Branca é realizada principalmente pelos homens (100%), porém as mulheres, quando jovens, armavam arapucas para capturar as aves como recursos alimentares e para criação em cativeiro. Seguem trechos com relatos:

“A perdiz é maior que a codorna e nambu. Eu já peguei muito em arapuca” (Dona E., 45 anos).

“Antigamente a gente armava arapuca e pegava juriti, esteve, canário” (Dona R., 56 anos).

Nas comunidades indígenas dos Tupinambás de Olivença, municípios de Ilhéus e Una, na Bahia, as mulheres participam da caça de subsistência somente quando precisam acompanhar os maridos, ou quando há apenas filhas na família. Já em Jamamadi, no Acre, e em Árbol de Alacrán, no México, é exclusiva dos homens (ORTEGA et al, 1999; CRUZ, 2002; PEREIRA; SCHIAVETTI, 2010). Esta prática é transmitida para os filhos com informações sobre os hábitos dos animais, significando que a experiência na atividade é algo importante na obtenção do sucesso da caça (ORTEGA et al, 1999; ALVES et al, 2010).

4.2.2 Interação trófica

Todos os moradores entrevistados (N = 48) utilizam espécies de aves nativas como recurso alimentar (Tabela 4), sendo elas preparadas assadas, fritas ou cozidas. Foram citadas 47 espécies, distribuídas em 22 famílias. As aves mais citadas pertencem às famílias Tinamidae, Columbidae e Cracidae.

Tabela 4: Lista das aves silvestres caçadas e utilizadas para fins de alimentação no povoado de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia). Citação = número de vezes que cada ave foi citada. Técnicas de caça: Pio (P); Cachorro (C); Alçapão (A); Badogue (B); Espingarda (E) e Arapuca (Ar).

| Nome do Táxon | Nome Local | Citação | Técnicas de caça |
|---|---------------------------|---------|------------------|
| TINAMIDAE | | | |
| <i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820) | Zabelê | 3 | P, Ar, E |
| <i>Crypturellus</i> sp. | Nambu | 29 | |
| <i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827) | Nambu-pé-vermelho | 12 | P, C, E, Ar |
| <i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815) | Nambu-pé-roxo | 12 | P, C, E, Ar |
| <i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815) | Perdiz | 31 | P, C, E, Ar |
| <i>Nothura</i> sp. | | | |
| <i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825) | Codorna Codorna-piriri | 30 4 | P, C, E, Ar |
| <i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815) | Codorna-maior | 9 | P, C, E, Ar |
| ANATIDAE | | | |
| <i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766) | Marreco | 3 | Ar |
| CRACIDAE | | | |
| <i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825) | Aracuã | 17 | E |
| <i>Penelope</i> sp. | Jacu | 12 | |
| <i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815 | Jacu verdadeiro | 3 | E |
| ACCIPITRIDAE | | | |
| | Gavião | 8 | E |
| FALCONIDAE | | | |
| <i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758) | Acauã | 3 | E |
| CHARADRIIDAE | | | |
| <i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782) | Espanta-boiada | 2 | E |
| COLUMBIDAE | | | |
| <i>Columbina</i> sp. | Rolinha | 3 | |
| <i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811) | Rolinha caldo-de-feijão | 16 | B, Ar |
| <i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831) | Rolinha fogo-pago | 14 | B, Ar |
| <i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813) | Rolinha branca | 11 | B, Ar |
| <i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813) | Pomba | 11 | B, Ar |
| <i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855 | Juriti | 30 | P, B, Ar |
| CUCULIDAE | | | |
| <i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758 | Anu-preto | 5 | B |
| <i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788) | Anu-branco | 5 | B |

Cont.

| Nome do Táxon | Nome Local | Citação | Técnicas de caça |
|---|-------------------|---------|------------------|
| STRINGIDAE | | | |
| <i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817) | Corujão-de-orelha | 2 | E |
| <i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782) | Caburé-de-estaca | 4 | E |
| CAPRIMULGIDAE | | | |
| <i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin, 1789) | Coruja | 6 | B |
| TROCHILIDAE | Beija-flor | 2 | B |
| BUCCONIDAE | | | |
| <i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788) | Cava-chão | 1 | B |
| PICIDAE | | | |
| <i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788) | Pica-pau | 1 | B |
| TYRANNIDAE | | | |
| <i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766) | Bem-te-vi | 3 | B |
| TURDIDAE | | | |
| <i>Turdus</i> sp. | Sabiá | 2 | |
| <i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818 | Sabiá-coca | 2 | A |
| THRAUPIDAE | | | |
| <i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766) | Assanhaço | 2 | A, B |

Para os entrevistados, a perdiz (*Rhynchotus rufescens*), duas espécies de codorna (*Nothura boraquira* e *N. maculosa*) e duas de nambu (*Crypturellus parvirostris* e *C. tataupa*) foram as mais apreciadas da família Tinamidae, tanto pelo tamanho quanto pelo sabor da carne. Os métodos utilizados na captura dessas espécies foram arapuca, espingarda, cachorro e pio.

“Quando a pessoa vai caçar codorna coloca cachorro, ela não vai muito longe não, que ela voa e tem um limite, desce e consegue caçar” (jovem J., 18 anos).

“A codorna, perdiz se come, é gostoso” (senhora M., 63 anos).

“Nambu é pequeninha, surinha, mas é gordinha, gostosa” (senhor L., 85 anos).

Os representantes da família Tinamidae (Figura 10A, B) estão entre as espécies mais caçadas pela população rural do Brasil para servirem de alimento, principalmente na época de reprodução, pois essas aves costumam atender aos chamados da própria

espécie e são territorialistas; assim, ao serem atraídas pelo pio, elas são abatidas com tiro de espingarda pelos caçadores (SICK, 1997). No Nordeste brasileiro, além do uso de pios, há outro agrupamento de técnicas com a utilização de cachorro usando seu eficiente faro para chegar até a ave, forçando-a a levantar voo e promovendo boa visualização para o caçador abatê-la (ALVES et al, 2010; NOBREGA et al, 2011; BEZERRA et al, 2012).

Da família Columbidae, a juriti (*Leptotila verreauxi*), três espécies de rolinha (*Columbina talpacoti*, *C. picui* e *C. squamatta*) e a pomba (*Patagioenas picazuro*) (Figura 10C, D) foram os indivíduos mais desejados e considerados carnudos, sendo as rolinhas capturadas em grande quantidade, com badogue e/ou arapuca.

“Juriti, a rolinha que tem carne, as pombinhas” (Dona G., 58 anos).

“Às vezes mata 20, 30 ai vem pega, faz aquele frito, alguns gostam assado e outros fritos” (Jovem F., 31 anos).

Já a família Cracidae foi representada pelas espécies aracuã (*Ortalis guttata*) e jacu (*Penelope superciliaris*), aves maiores com mais oferta de carne, sendo abatidas com espingarda (Figura 10E, F).

Segundo Sick (1997), as famílias Columbidae e Cracidae representam um componente trófico importante para comunidades humanas de várias partes do país. Estudos evidenciam essa importância na região Nordeste, como no caso dos columbídeos que são reconhecidos como elemento complementar na alimentação e são facilmente capturados da natureza (MESQUITA, 2004; BARBOSA et al, 2010; NOBREGA et al, 2011; BEZERRA et al, 2012). Assim, por apresentarem, em sua maioria, comportamento de forrageio de solo, tornam-se vulneráveis às técnicas de caça como a arapuca, badogue e pio. Este último é bastante utilizado para atrair a juriti (*L. verreauxi*), pois é considerada um columbídeo arisco (SICK, 1997; BEZERRA et al, 2012). Como relatados no presente estudo:

“Outra que o pessoal mata muito aqui é na época do acasalamento, que ela (juriti) vem fácil, tem o chamador ai você se esconde atrás de uma moita assim e começa a chamar e tanto a fêmea quanto o macho é atraído, ai você fica ali escondido, chamando umas três vezes, quando você chamou a quatro vezes você percebe ela se aproximando, que ela tem um batido de asa que você percebe logo” (F., 31 anos).



Figura 10: Aves utilizadas como alimento pelos moradores de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. A – Nambu-pé-roxo (*Crypturellus tataupa*), B – Zabelê (*Crypturellus noctivagus*), C – Juriti (*Leptotila verreauxi*), D – Pombã (*Patagioenas picazuro*), E – Aracuã (*Ortalis guttata*), F – Jacu (*Penelope superciliaris*). Créditos: Cyrio Santana (A), Gustavo Magnago (B, C, D) e Fernando M. Flores (E).

Mesmo representando a terceira família mais citada neste trabalho, os cracídeos sofrem com a caça por serem aves de grande porte, fornecendo uma alta concentração de massa proteica e fáceis de serem abatidas; logo, é uma das famílias que mais possui aves em listas de espécies ameaçadas (CARVALHO, 1951; FRISCH, 1981; OJASTI,

1993; SICK, 1997; ANDRIGUETTO-FILHO et al, 1998; MARQUES, 2004; BROOKS; FULLER, 2006; LUGO-MORIN, 2007; MMA; ICMBio, 2008).

A única ave consumida pelos entrevistados (N = 3) que consta na lista de espécies ameaçadas é a zabelê (*Crypturellus noctivagus*), da família Tinamidae, sendo a perda de habitat a principal causa da ameaça, seguida da captura (MMA, 2008; IUCN, 2012).

Segundo alguns entrevistados, existem restrições alimentares a certas aves, pois a sacué (*Numida meleagris*), a juriti (*L. verreauxi*) e a perdiz (*R. rufescens*) foram consideradas aves com carne reimosa, sendo restritas para mulher no período de menstruação e de resguardo, pessoas que têm machucados e/ou processos inflamatórios no corpo e pessoas operadas, como registram os trechos abaixo:

“Juriti é reimosa, mas naquele tempo que as mulheres ganhavam neném tinham aquele resguardo, não podia comer juriti” (senhora E., 64 anos).

“Se uma pessoa fazer cirurgia ou ganhar bebe cesariana não pode comer não sacué” (jovem V., 22 anos).

“Inflama as coisas das pessoas, da mulher [...] quando é neném ou quando tá machucado” (senhora G., 75 anos).

Na região Norte do Brasil, a sacué (*N. meleagris*) foi citada como recurso alimentar restringido no período de gestação e resguardo (TRIGO et al, 1989; SILVA, 2008). A carne de caça também sofre restrições quando a pessoa encontra-se enferma, porque se acredita que a carne pode tardar a melhora da enfermidade (VOS, 1978; BORGES, 2002).

O tabu alimentar também registrado e, geralmente ligado aos aspectos simbólicos (CAMPOS, 2011). Em Pedra Branca o urubu (*Coragyps atratus*) e o pardal (*Passer domesticus*) são eliminados da dieta devido aos seus comportamentos alimentares (Figura 11A, B), sendo estas consideradas aves “sujas” pelos entrevistados. Seguem uns trechos das entrevistas que constam este tabu:

“Toda carniça urubu topa, através de uma carniça envenenada ele faz a limpeza, vai que você vai comer, recebe a carne” (senhor B., 87 anos).

“Acho que ninguém tem coragem de comer urubu não, só de saber que morre um animal urubu vai e come” (senhora M., 73 anos).

“Diz que ele (pardal) é tão porco que ele é venenoso” (senhora V., 69 anos).

O hábito do urubu (*C. atratus*) de se alimentar de carne em decomposição e o pardal (*P. domesticus*) de comer restos de alimento no chão faz com que a população tenha repúdio desses animais (SICK, 1997; COSTA-NETO, 2000; SILVA et al, 2007; VARGAS-CLAVIJO; COSTA-NETO, 2008; SILVEIRA, 2012). Porém, no município de Iguatu, Ceará, um veterinário indicou, para consumo humano, a carne de urubu (*C. atratus*) explicando seus benefícios (rica em proteína, aminoácidos, HDL, etc.) e como funcionava a ecologia alimentar do animal. Mesmo com receio, as pessoas começaram a provar e relatos revelam que a carne era boa e de fácil digestão (ARAÚJO, 1997).

A lavandeira (*Fluvicola nengeta*) (Figura 11C) foi considerada por 12 entrevistados como uma ave abençoada e protegida por Nossa Senhora ou Jesus Cristo, por isso não é caçada, não servindo como recurso alimentar: “A lavandeira ninguém come também, porque diz que ela protegia Jesus quando andava no deserto, andava atrás dele tampando o rastro dele para o pessoal não saber onde ele tava. Ninguém mata por causa disso, é pecado matar, tenho como pássaro abençoado” (Senhor E., 48 anos).

Na região Nordeste, o comportamento de não consumir a lavandeira é bastante disseminado, pois caçar ou comer esta ave é uma forma de “ofender” a Nossa Senhora. Essa atitude, que tem um cunho etnoconservacionista, faz com que a lavandeira seja uma espécie mantida fora do alvo das populações humanas (MARQUES, 2005; FARIAS, ALVES, 2007; FARIAS et al, 2010).

A coruja (*Hydropsalis albicollis*) tem seu consumo restrito devido ao hábito noturno (Figura 11D), pois se crê que se alguém comer a cabeça dessa ave sofrerá com insônia: “O povo diz que espanta sono. Porque ela não dorme de noite, e não dá sono” (Senhor J., 79 anos). A literatura registra que o grupo indígena Mbuti (Congo, África) se restringe ao consumo de caprimulgídeos pelo hábito noturno dessa família, acarretando aos Mbuti um desconforto, mas existem relatos de membros dessa etnia que já consumiram essas aves (ICHIKAWA, 1998). Já o povo Tembo, localizado também no Congo, acredita que os caprimulgídeos carregam consigo espíritos maus, portanto, não são aves comestíveis (KIZUNGU, 1998).

Coimbra-Junior (1985) observou alguns hábitos alimentares dos índios Surui, em Rondônia, onde registrou que os mais jovens estão deixando de seguir esses hábitos, pois afirmam que é coisa de “índio velho”, assim o autor relata que essas mudanças ocorreram devido a entrada de novas técnicas de subsistência influenciada pela,

chamada por ele, sociedade nacional (hábitos alimentares impostos pelos “civilizados”, a troca da carne de caça, por galinhas por exemplo).



Figura 11: Aves registradas como tabus e restrições alimentares em Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. A – Urubu-preto (*Coragyps atratus*), B – Pardal (*Passer domesticus*), C – Lavandeira (*Fluvicola nengeta*), D – Coruja (*Hydropsalis albicollis*). Créditos: Ana Teresa G. Loss (A, C), Fernando Flores (B e D).

Há um relato, em Pedra Branca, também de mudança no hábito alimentar, no que desrespeito restrição alimentar: “No meu tempo não comia, mas hoje as mulé têm esses meninos e come tudo. Juriti, misericórdia, é muito reimosa” (Dona E., 64 anos). Supostamente, aconteceu algo semelhante nesta comunidade, pois mesmo que rural, as pessoas tem acesso a redes de comunicação, viajam para outras cidades e até pessoas de outros estados mudam para Pedra Branca, podendo influenciar sobre esta rotina.

4.2.3 Interação médica e mágico-medicinal

No que se refere à medicina popular, dos 48 moradores entrevistados, 38 citaram 17 etnoespécies de aves que são utilizadas como recurso terapêutico, distribuídas em 13 famílias, sendo as mais citadas: Phasianidae (26%) e Tinamidae (23%), seguidas de Cathartidae (19%) e Anatidae (13%). Essas aves fornecem nove matérias-primas para tratamento de várias enfermidades diagnosticadas localmente (Tabela 6). As matérias-primas consistem em: animal inteiro (2%), baba (2%), banha (19%), cabeça (3%), moela (6%), ninho (3%), ovo (27%), pena (37%) e fezes (1%).

Das 17 etnoespécies apresentadas, a galinha (*Gallus gallus*) é a espécie mais versátil, pois possui o maior número de sistemas corporais e propriedades atribuídas, obtendo o valor máximo de importância relativa (IR = 2,0) (Tabela 5). Como recurso medicinal, é recomendada para as seguintes afecções: bronquite, gripe, tosse, furúnculo, indigestão, e também como expectorante, para calcificar os ossos e nariz entupido, como demonstram os trechos abaixo:

“Banha da galinha é bom para gripe, galinha de quintal aí frita aquela banha, por sinal sempre eu dava para meus filhos quando ficava gripado, aí fritava e dava uma colherinha de chá, aí solta todo catarro” (Dona V., 69anos).

“Criança quando está sufocada, nariz entupido, peito cheio, às vezes tá com aquela tossezinha, [...] pega da Galinha aquela banha amarelinha, frita aquela gordurinha, guarda num frasquinho [...]. Quando está tudo entupido, até em adulto fazendo isso funciona mesmo, quando tá com nariz entupido você passa aquela banha, esquentada e passa ali, assim no peito na criança e solta, pouco tempo depois a criança tosse ou espirra, sai tudo, catarro e tudo [...]” (Dona M., 73).

Em várias partes do Brasil e do mundo, a banha da galinha (Figura 12A, B) é utilizada no tratamento, principalmente, de problemas do sistema respiratório, como gripe, e servindo como expectorante, além de doenças ou problemas da pele (furúnculo, queimaduras), problemas do sistema nervoso (epilepsia), entre outras (COSTA-NETO, 1999, 2000; SEIXAS; BEGOSSI, 2001; KAKATI et al, 2006; MARTINEZ, 2008; ALVES et al, 2009a, 2009b; FERREIRA et al, 2011; SOUTO et al, 2011, COSTA-NETO, 2011). Outros produtos e derivados da ave (esporão, moela, ovos, pena, gema) também são utilizados para diferentes doenças, como: impotência sexual, má digestão, derrame, osteoporose e fraqueza (BARBOSA; ALVES, 2010; FERREIRA et al, 2011; COSTA-NETO, 2011; SOUTO et al, 2011).

Tabela 5: Aves utilizadas como recursos terapêuticos (N = 17) no povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Bahia. IR = Importância Relativa.

| Nome do táxon | Nome local | Matéria-prima | % citações | IR | Indicações |
|---|------------|-------------------|------------|------|--|
| RHEIDAE | | | | | |
| <i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758) | Ema | Banha | 1 | 0,53 | Sinusite, dor de coluna |
| TINAMIDAE | | | | | |
| <i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819) | Macuca | Pena, Cabeça | 4 | 0,78 | Adoecer, picada de cobra, tontura |
| <i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820) | Zabelê | Ovo, Pena | 17 | 1,10 | Derrame, moléstia (cansaço), proteção de cobra, cansaço |
| <i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815) | Perdiz | Pena | 3 | 0,33 | Asma (falta de ar) |
| ANATIDAE | | | | | |
| <i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758) | Pato | Ovo | 13 | 0,90 | Anemia, asma, bronquite, fortificante |
| CRACIDAE | | | | | |
| <i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825) | Aracuaã | Pena | 1 | 0,33 | Bronquite |
| PHASIANIDAE | | | | | |
| <i>Gallus gallus</i> (Linnaeus, 1758) | Galinha | Ovo, Banha, Moela | 22 | 2,00 | Bronquite, expectorante, gripe, furúnculo, indigestão, ossos, nariz entupido, tosse. |
| <i>Pavo cristatus</i> Linnaeus, 1758 | Pavão | Pena | 4 | 0,65 | Asma, alcoolismo |
| CATHARTIDAE | | | | | |
| <i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793) | Urubu | Fezes, Ovo, Pena | 19 | 1,43 | Alcoolismo, raiva, derrame, tuberculose, asma |
| FALCONIDAE | | | | | |
| <i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758) | Acauã | Baba | 1 | 0,33 | Falta de ar |

Cont.

Cont.

| Nome do táxon | Nome local | Matéria-prima | % citações | IR | Indicações |
|--|--------------|---------------|------------|------|-------------------------|
| COLUMBIDAE <i>Columbina</i> sp (Linnaeus, 1758) | Rolinha | Animal | 3 | 0,33 | Náusea (Enjoo) |
| CUCULIDAE <i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766) | Alma-de-gato | Pena | 1 | 0,33 | Asma |
| <i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758 | Anu-preto | Moela | 1 | 0,33 | Falta de ar |
| TROCHILIDAE Vigors, 1825 | Beija-flor | Ninho | 3 | 0,33 | Parar de urinar na cama |
| RAMPHASTIDAE <i>Ramphastus vitellinus</i> Lichtenstein, 1823 | Tucano | Pena | 3 | 0,33 | Câncer |
| TROGLODYTIDAE <i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823 | Garrincha | Ninho | 3 | 0,33 | Parar de urinar na cama |
| EMBERIZIDAE <i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766) | Tiziu | Pena | 1 | 0,33 | Asma |

A segunda espécie com valor de importância relativa alta (IR = 1,43) é o urubu (*Coragapis atratus*), servindo de recurso para tratar alcoolismo, raiva, derrame, tuberculose e asma (Figura 12C). O uso medicinal de suas penas é amplamente disseminado pelo mundo para tratamento da asma e de pessoas que sofrem de alcoolismo (SILVA et al, 2003; ALVES; ROSA, 2007; VARGAS-CLAVIJO; COSTA-NETO, 2008; FERREIRA et al, 2009; BARBOSA; ALVES, 2010; ALVES; ALVES, 2011; COSTA-NETO, 2011). O uso da pena do urubu para tratamento da raiva também foi registrado em outras regiões no Brasil e em culturas no México (SANTOS; COSTA-NETO, 2007; VARGAS-CLAVIJO; COSTA-NETO, 2008).

Cerca de 17% dos entrevistados utilizam a zabelê (*C. noctivagus*) no tratamento do derrame e do cansaço (Figura 12D) através de defumador (inalando-se a fumaça) e/ou torrado as penas e adicionando o pó em bebidas ou comidas: “[...] eu conheço um velho [...] que disse que teve um derrame, e ficou bom com a pena de zabelê. Torrar a pena da zabelê e bota dentro d’água e beber, diz ele que ficou bom com isso” (Senhor C., 84 anos). Esta espécie é reconhecida em partes da América Latina para tratamento de doenças relacionadas também ao sistema circulatório e respiratório (ALVES et al. 2009; COSTA-NETO, 2011). Além disso, foi registrada a utilização da pena da zabelê como amuleto na prevenção e proteção de acontecimentos, como, por exemplo, picada de cobras. O seguinte trecho de entrevista confirma a existência de simpatias e amuletos envolvendo esta espécie de ave: “[...] para cobra não morder as pessoas, carregar (pena) na capanga, na cabeça, bolso e vai pro mato trabalhar” (Senhor F., 58 anos).

Quanto ao pato (*Cairina moschata*), 13% dos entrevistados utilizam-no como recurso na cura de doenças do sistema respiratório: “[...] eu tinha um sobrinho, que ele sentia cansaço, bronquite né. Ele ficou bom com a casca do ovo do pato (Figura 13E). Ensinaaram, aí não pode dizer. Se disser volta tudo de novo” (Dona M., 63 anos).

Esta mesma indicação zooterapêutica também é encontrada no trabalho de Santos e Costa-Neto (2007). Ferreira et al. (2011) e Costa-Neto (2011) registraram a utilidade gênero *Anas* no tratamento de sinusite, asma, impotência sexual e inflamação nos nervos.

A matéria-prima mais utilizada foi a pena (N = 25), seguida do ovo (N = 18) e da banha (N = 13). As penas são usadas como defumadores, nas quais são torradas e colocadas em brasa, e também pode ser preparado chá com o pó das penas. Dos ovos



Figura 12: Aves utilizadas na medicina popular local em Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. A – Galinha (*Gallus gallus*), B – Banha da galinha, C – Urubupreto (*Coragpis atratus*), D – Zabelê (*Crypturellus noctivagus*), E – Pato (*Cairina moschata*). Créditos: Fernando Flores (A, B, C, E), Gustavo Magnago (D).

são preparados remédios caseiros com a clara e a casca; a banha é utilizada topicamente, massageando-se o lugar, mas também pode ser ingerida.

“Bota nas brasas com farinha, e joga as penas, pena de urubu, pena da zabelê, [...]. Joga tudo junto para subir aquela fumaça. Aí baixo o rosto em cima, a pessoa quando está com derrame não faz nada, bota a cara para chupa aquela fumaça” (Dona M. 63 anos).

“Serve para gripe e bronquite, se a pessoa tiver tossindo bate a clara com açúcar bem batido, botar no sereno e quando for no outro dia a pessoa usar. Come, a pessoa vai comendo aos poucos” (Dona R., 56 anos).

“[...] quando tá com nariz entupido você passa aquela banha, esquentada e passa ali, assim no peito na criança e solta, pouco tempo depois a criança tosse ou espirra, sai tudo, catarro e tudo” (Dona M., 73 anos).

A maioria dos recursos terapêuticos (N = 12) serve de tratamento para doenças do sistema respiratório, registrando-se 21 citações (Tabela 6). Diversos estudos sobre zooterapia demonstram a utilização de aves como recurso medicinal relacionado a tratamentos de doenças do aparelho respiratório, geralmente asma (SANTOS; COSTA-NETO, 2007; ALVES; ROSA, 2008; MOURA; MARQUES, 2008; ALVES et al, 2009;

COSTA-NETO, 2009; FERREIRA et al, 2009, 2011; BARBOSA; ALVES, 2010; ALVES; ALVES, 2011).

Também foi registrado o uso de “simpatias”, algumas delas consistindo em segredos, como no caso de pessoas tratadas com recursos zooterapêuticos que não podem saber o que tomaram para que haja o efeito desejado (SEIXAS; BEGOSSI, 2001; FERREIRA et al, 2009; ALVES et al, 2010). Outro registro de simpatia encontrado em Pedra Branca é a utilização de ninho de beija-flor (Trochilidae) e de garrincha (*Troglodytes musculus*) com a finalidade de a criança parar de urinar na cama. Enquanto que Costa-Neto (2011) registrou o uso do ninho de garrincha (*T. musculus*) na cura da epilepsia e Alves et al. (2009) relatam que o beija-flor (Trochilidae) serve como recurso terapêutico para cardiopatias, asma e gripe.

Outros estudos também registram a utilização de simpatias, como os caiçaras, os quais relatam que não há prejuízo nenhum à pessoa que utilizará desse recurso para cura de uma doença (SEIXAS; BEGOSSI, 2001). A população ribeirinha do Rio Negro, no Amazonas, também citou a utilização desta crença para tratamento de várias doenças locais (SILVA, 2008).

Tabela 6: Categorização dos sistemas corporais para os quais os recursos terapêuticos são recomendados na medicina popular dos moradores de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia).

| Sistemas corporais | Problemas tratáveis | Número de recursos terapêuticos | Citações |
|---|---|---------------------------------|----------|
| Doenças da pele | Furúnculo (tumores) | 1 | 5 |
| Doenças infecciosas e parasitárias | Raiva | 1 | 1 |
| Incontinência urinária | Urinar na cama | 2 | 2 |
| Infecção no aparelho respiratório | Expectorante (escarro); nariz entupido | 1 | 10 |
| Labirintite | Tontura | 1 | 2 |
| Neoplasia | Câncer | 1 | 2 |
| Sintomas relativos ao aparelho digestório | Náusea (enjoo); indigestão | 2 | 2 |
| Sistema neuromuscular | Coluna | 1 | 1 |
| Transtorno do sistema circulatório | Derrame | 2 | 11 |
| Transtorno do sistema respiratório | Asma (asma, cansaço, falta de ar); gripe; bronquite; tosse; tuberculose | 12 | 21 |
| Transtornos imunitários | Anemia; fortificante; ossos (calcificar) | 1 | 9 |
| Outros | Alcoolismo; proteção e picada de cobra; adoecer; qualquer doença | 5 | 15 |

Ferreira et al. (2011) identificaram, em cinco cidades do Nordeste (Aracaju-SE, Fortaleza-CE, Maceió-AL, Recife-PE e Salvador-BA), algumas aves que são usadas como simpatia citadas por vendedores de animais medicinais de mercados locais.

Ao serem questionados sobre como obter algum recurso zoterapêutico, os entrevistados responderam: “É difícil, só tem nos raizeiros” (Senhor A., 62 anos); “Lá em Castro Alves tem um cara que vende (feira), tem pena para remédio de passarinho caro” (P., 36 anos). Almeida e Albuquerque (2002) revelam a importância de mercados e feiras livres, os quais representam pontos de aquisição de informações sobre a fauna nativa e exótica de uma região.

Considerando o aspecto ambiental, alguns animais comercializados estão em listas de espécies ameaçadas, como a zabelê (*C. noctivagus*), sendo sua principal ameaça a perda de hábitat pelo desmatamento, seguida da caça, em alguns casos para fins medicinais. Alguns estudos chamam a atenção para a necessidade de avaliar e analisar a zoterapia, tanto na dimensão zoológica quanto cultural (MARQUES, 1997; COSTA-NETO, 1999; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002; SILVA et al, 2004; ALVES et al, 2008; COSTA-NETO, 2011).

Em muitos países, a zoterapia é utilizada por populações urbanas e principalmente rurais, pois ela representa uma alternativa à medicina alopática, por ser barata e acessível (ALVES et al, 2007; ALVES, 2009), o que não é diferente no povoado de Pedra Branca: “Aqui na roça o povo ensina um monte de remédio que dá para fazer” (Dona E., 62 anos). Este tipo de conhecimento tem se difundido através da teoria e prática, e das inovações que alguns indivíduos introduzem pela própria experiência (FAGETTI, 2011). Por meio desse conhecimento é possível diagnosticar as enfermidades e os recursos terapêuticos eficientes para cura das mesmas, além de possibilitar na elaboração de estratégias de manejo com foco na sustentabilidade de animais utilizados para medicina tradicional (COSTA-NETO, 2011; FAGETTI, 2011).

4.2.4 Interação sócio afetiva

O costume de criar pássaros em gaiola está presente no povoado de Pedra Branca. Foram citadas 25 espécies, distribuídas em 11 famílias, sendo Emberezidae, Fringilidae e Icteridae as mais citadas. A família Thraupidae se destaca pelo número de

citações e não pela quantidade de espécies (Tabela 7). Todas as espécies para as quais se atribui valor financeiro foram consideradas aves para comércio.

Das oito espécies registradas na família Emberizidae, quatro tiveram destaque: canário-da-terra (*Sicalis flaveola*, 31 citações), papa-capim (*Sporophila nigricollis*, 24), coleira (*Sporophila albogularis*, 24) e curió (*Sporophila angolensis*, 22).

A partir da fiscalização do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em criar pássaros em gaiola, alguns entrevistados afirmaram um aumento na quantidade de espécies, como no caso do papa-capim, porém ressaltaram que o canário-da-terra e o curió são espécies que não se encontram mais na região por motivos de domesticação e comercialização.

“Antigamente você podia procurar um papa-capim que não achava. Hoje se o cara for pegar papa-capim, que agora é proibido pegar, oxe encontra mais de mil se quiser” (P., 36 anos).

“Não tem porque os canários foi saindo e o povo foi pegando muito né” (Senhor J., 76 anos).

“Canário-da-terra tinha muito agora acabou. É difícil aparecer canário-da-terra por aqui [...]. Porque o povo pegou para vender. Curio já teve bastante por aqui” (Senhor A., 58 anos).

Vários estudos descrevem o interesse de populações pela família Emberizidae devido à qualidade do canto, considerado suave, e pela facilidade da manutenção do animal em gaiola (FRISCH, 1981; SICK, 1997; RENTAS, 2001; PEREIRA; BRITO, 2005; SOUZA; SOARES-FILHO, 2005; ALVES et al, 2010; FERREIRA et al, 2010; NOBREGA et al, 2011; ALVES et al, 2012). Ferreira et al. (2010) revelam que alguns entrevistados do município de Baturité, no Ceará, afirmaram que o canário-da-terra (*S. flaveola*) se encontra em quantidade reduzida (Figura 13A), informação também encontrada em Schickler e Falco (2008), alegando que pelo canto ser muito apreciado esta ave sofre com redução significativa.

As três outras espécies pertencentes ao gênero *Sporophila* são altamente procuradas em feiras e mercados, e o curió (*S. angolensis*) tornou-se tão visado que, mesmo com a proibição do comércio (Figura 13B), a captura em excesso resultou na redução da espécie (SICK, 1997; SANTOS; COSTA-NETO, 2007; SOUZA; SOARES-FILHO, 2005; PEREIRA; BRITO, 2005; ALVES et al, 2010).

Tabela 7: Lista das aves silvestres utilizadas como animais de criação e no comércio no povoado de Pedra Branca (Santa Terezinha, Bahia). Os números indicam a quantidade de vezes que cada ave foi citada pelos entrevistados.

| Nome do Taxon | Nome Local | Criação | Comércio |
|---|------------------|---------|----------|
| TINAMIDAE | | | |
| <i>Nothura</i> sp (Temminck, 1815) | Codorna | 1 | - |
| CRACIDAE | | | |
| <i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825) | Aracuã | 2 | - |
| PSITTACIDAE | | | |
| <i>Aratinga cactorum</i> (Kuhl, 1820) | Periquito | 5 | 1 |
| <i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824) | Cuiuba | 1 | - |
| CORVIDAE | | | |
| <i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821) | Cancã | 2 | - |
| TURDIDAE | | | |
| <i>Turdus</i> sp Vieillot, 1818 | Sabiá | 21 | 1 |
| THRAUPIDAE | | | |
| <i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837 | Estevo | 38 | 14 |
| <i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758) | Cardeal | 24 | 2 |
| EMBERIZIDAE | | | |
| <i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776) | Jesus-meu-Deus | 6 | - |
| <i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766) | Canário-da-terra | 31 | 11 |
| <i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823) | Papa-capim | 24 | 4 |
| <i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825) | Coleiro | 24 | 1 |
| <i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817) | Chorão | 1 | - |
| <i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776) | Caboculinho | 4 | - |
| <i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766) | Curió | 22 | 9 |
| CARDINALIDAE | | | |
| <i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823) | Azulão | 26 | 7 |
| ICTERIDAE | | | |
| <i>Icterus pyrrhopterus</i> (Linnaeus, 1766) | Pêga | 3 | - |
| <i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788) | Sofrê | 13 | 2 |

Cont.

Cont.

| Nome do Taxon | Nome Local | Criação | Comércio |
|--|---------------|---------|----------|
| <i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819) | Pássaro-preto | 27 | 5 |
| FRINGILLIDAE | | | |
| <i>Sporagra yarrellii</i> (Audubon, 1839) | Pintassilgo | 2 | - |
| <i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766) | Guriatá-vivi | 2 | - |
| <i>Serinus canaria</i> (Linnaeus, 1758) | Canário-belga | 5 | - |

As famílias Icteridae e Fringillidae (Figura 13C, D e E) obtiveram três representantes em ambas, com destaque para duas espécies de cada família respectivamente, sendo pássaro-preto (*Gnorimopsar chopi*), sofrê (*Icterus jamacaii*), pintassilgo (*Sporagra yarrellii*) e guriatá-vivi (*Euphonia chlorotica*). São espécies com características fortes, como o canto, a beleza e o valor financeiro atribuído, principalmente ao pássaro-preto e ao sofrê, que por isso muitas vezes são mais capturados para comércio que para criação.

“Sofrê é caro [...] o pessoal acha bonito, é uma avezinha bonitinha, pintada de preta e amarela, ele canta bonito” (Senhor C., 84 anos).

“Eu gostava muito de criar a gurita. A gurita é uma amarelinha, miudinha que a gente bota na gaiola, posa na gaiola para cantar” (Dona G., 75 anos).

“Eu já vi o sofrê cantar o hino nacional [...]. O sofrê, dentro de casa, a pessoa ensina o quiser a ele, ele aprende” (Senhor J., 76 anos).

“Quem tem o canto bonito é o passo preto” (P., 36 anos).

O pássaro-preto possui um dos cantos mais agradáveis e por isso é muito procurado pelos criadores, tornando-se vítima do tráfico de aves, acarretando uma queda na quantidade de indivíduos da espécie (SICK, 1997; OLMOS et al, 2005). O sofrê e a guriatá possuem um comportamento bem peculiar que desperta desejo aos olhos de quem gosta de criar pássaros, sendo capazes, quando em cativeiro, de aprender cantos de várias aves, principalmente da região onde estão e, além disso, o sofrê pode aprender alguns “truques” ensinados pelo seu dono (SICK, 1997). Em várias feiras livres, principalmente do Nordeste, essas aves são bastante comercializadas

(RENCTAS, 2001; BARBOSA et al, 2010; FERREIRA et al, 2010; NOBREGA et al, 2011).

O pintassilgo encontra-se na lista de espécies ameaçadas por dois fatores reunidos: pela limitada ocorrência apenas na região Nordeste do Brasil e noroeste da Venezuela e pela captura para criação e comércio de aves silvestres (ROCHA et al, 2006; MMA, 2008; ALVES et al, 2009; FERREIRA et al, 2010; NOBREGA et al, 2011; BIRDLIFE, 2012; IUCN, 2012).

Duas espécies da família Thraupidae obtiveram um significativo número de citações: o estevo (*Saltator similis*) com 38, sendo o mais citado por suas relevantes atribuições para o comércio e criação (Figura 13F); e o cardeal (*Paroaria dominicana*), com 24. As duas aves também são apreciadas pelo canto e valor financeiro, sendo a beleza um componente adicional. Não foi mencionado o comércio entre os entrevistados, mas relatam que as aves são valiosas.

“Cardeal é um passarinho tão bonitinho [...] é um passarinho precioso, ele é muito valioso, por causa do cântico” (Dona R., 66 anos).

“O canto dele, e a bravura dele, que o estevo é muito valente” (Senhor A., 43 anos).

“Ele tinha o canto muito bonito, eu perdia a hora, quando eu costurava, a máquina estava zuando, ele canta bonito” (Dona M., 63 anos).

O estevo é um pássaro territorialista, principalmente na época reprodutiva, entendido como comportamento valente e de fibra, tem o canto grave e bem articulado (SICK, 1997; ASSOZOMA, 2012; REIS, 2012). Já o cardeal realiza assobios fortes, tanto o macho quanto a fêmea, e a sua beleza também atrai muitos criadores, sofrendo com o tráfico de aves (SICK, 1997; NOBREGA et al, 2011).

De acordo com o Pimentel e Santos (2009), a maior procura por pássaros canoros e de pequeno porte está concentrada no Estado da Bahia, sendo o cardeal a ave que possuiu o maior número de indivíduos apreendidos pelo IBAMA, seguidos de azulão (*Cyanoloxia brissonii*), canário-da-terra (*S. flaveola*), pássaro-preto (*C. chopi*), estevão (*S. similis*) e papa-capim.



Figura 13: Aves silvestres utilizadas como animal de estimação e com potencial financeiro em Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. A – Canário-da-terra (*Sicalis flaveola*), B – Curió (*Sporophila angolensis*), C – Pássaro-preto (*Gnorimopsar chopi*), D – Sofrê (*Icterus jamacaii*), E – Pintassilgo (*Sporagra yarrellii*), F – Estevo (*Saltator similis*). Créditos: Fernando Flores (C), Gustavo Magnago (D) e Ciro Albano (E).

A prática da manutenção de pássaros em cativeiro é bem antiga no Brasil. Os criadores, geralmente, possui um determinado conhecimento sobre os hábitos alimentares e comportamentais, principalmente canto, muda e reprodução das aves (FERREIRA et al, 2011). Ao passar do tempo, surgiram clubes e associações de

criadores, tratando sobre guias indicando como ser um criador, respeitando e seguindo a legislação, métodos para criar o pássaro com dicas sobre hábitos alimentares, reprodutivos e até mesmo procedimentos sobre doenças e prevenções (LOPES, 1991; RENCTAS, 2001; TESTA, 2008, 2010; SANTOS, 2011; TAKOAKA, 2011; ASSOZOMA, 2012; REIS, 2012; IBAMA, 2012).

Sabe-se que ao criar um pássaro em cativeiro, sua “rotina” torna-se totalmente diferente, como, por exemplo, alimentação e espaço, pois quando devolvido à natureza, o animal encontra-se vulnerável a vários riscos, como: morte por não ser hábil à vida fora do cativeiro; aumento da população da espécie devolvida fora da sua área natural; ameaça à vida de outras espécies, pois quando em cativeiro podem ter sido expostos a várias doenças (IUCN, 1998; MARINI; GARCIA, 2005; EFE et al, 2006; ROCHA et al, 2006; IBAMA, 2012). Um morador de Pedra Branca expõe sua opinião sobre reintrodução de espécies à natureza:

“Mas o bicho que é de cativeiro se você soltar na natureza, ele não se adapta mais, não vai ficar de jeito nenhum. Procura qualquer casa. Porque pássaro de cativeiro não acostuma em campo mais nunca. É soltar, ele vai procurar um lugar” (Senhor A., 62 anos).

O IBAMA é o órgão responsável por fiscalizar a criação e comercialização de pássaros em cativeiro, portanto, para obter autorização na criação e/ou comercialização é necessário cadastrar-se a este órgão, escolhendo a categoria adequada ao objetivo da manutenção (ver Instrução Normativa 10/2011) (TESTA, 2008; IBAMA, 2012). É notável a consciência dos entrevistados sobre o cadastro no IBAMA para adquirir a autorização para criação de pássaros em cativeiro. Alguns já são cadastrados, porém outros permanecem com as criações sem a devida autorização.

“Para ter um passarinho assim disponível para que todo mundo veja, precisa pagar lá Santo Antônio, negócio do IBAMA” (Dona E., 62 anos).

“Cuido, mas eu sou cadastrado no IBAMA” (Senhor A., 48 anos).

“Hum, tô criando este passarinho aí, mas já tem um tempo, e se pegar vai dar uma multa danada” (Dona E., 64 anos).

4.2.5 Implicações Conservacionistas

A pesquisa etnoornitológica permite registrar as condições que se encontram as aves locais, identificando problemas ambientais e propondo soluções conservacionistas (FARIAS; ALVES, 2007a,b). Portanto, além das espécies que já se encontram com *status* de ameaça, como a zabelê e o pintassilgo, deve-se ainda considerar aquelas relatadas com declínio ascendente ou de extirpação local evidenciado nos relatos dos entrevistados.

Pesquisar os fatores que levam uma espécie a ser ameaçada consiste em futuros projetos de preservação e conservação do ambiente, visto que algumas espécies de aves estão em risco de extinção e vivem em locais sem a devida proteção (EFE, 2007; MMA, 2008). Esses fatores, em Pedra Branca se concentram na perda e fragmentação de hábitat e na captura excessiva, direcionada ao consumo alimentar e ao comércio de aves (REDFORD, 1992; MARINI; GARCIA, 2005).

A percepção dos entrevistados relacionada à conservação da avifauna é notável ao relatar motivos pelos quais as aves estão desaparecendo, sendo o desmatamento para criação de pastos, uma influência na “expulsão” e diminuição de algumas espécies, bem como a atividade de caça, pois mesmo não dependendo financeiramente desta atividade as pessoas continuam capturando as aves como suplemento alimentar e para criarem em gaiolas, como destacam os depoimentos abaixo:

“O desmatamento causou dos pássaros saírem de um lugar para outro, saiu daquele lugar, pássaros que fica em lugar fechado como aracuã, jacu, que gosta de mata, o desmatamento tirou eles para outro lugar” (Senhor J., 48 anos).

“Tem muito passarinhos pequenininho aqui, agora os maiores não tem nem lugar para ficarem, tudo desmancharam em pasto, e não tem lugar para eles ficarem” (Dona R., 66 anos).

“As aves tudo acabou menina, com esse negocio de nego matar, para comer, vivia de caça” (Senhor L., 85 anos).

A fragmentação das florestas desequilibra as comunidades de aves, pois existem grupos que são extintos, outros que conseguem sobreviver ao desflorestamento (por uma determinada época) e também aqueles que se beneficiam da situação, como o caso de algumas espécies de tinamídeos que se aproveitam das áreas de cultivo (SICK, 1997;

GIMENES; ANJOS, 2003). O impacto do desmatamento é tão intenso que muitas aves dispersoras são impedidas de desenvolver seu papel na manutenção da cobertura vegetal, isto é, perde-se um componente potencial de reflorestamento natural (MMA, 2003).

Alguns moradores já demonstram outro tipo de percepção sobre a situação das aves, afirmando que a partir da fiscalização do IBAMA na região aumentou a quantidade e diversidade de aves:

“Quando as pessoas matavam a tendência é diminuir, mas hoje tá sendo proibido matar, com certeza deve está aumentando” (Senhor R., 69 anos).

“Eu acho que uma época, na minha infância tinha bem mais passarinho, cantava mais. Depois começou a desaparecer, agora que tá voltando, por causa da insistência do IBAMA de proibir” (Dona C., 70 anos).

“Aumentando, depois que o povo proibiu dar tiro, badogue também, mas agora diz que se pegar é uma multa danada” (Dona E., 75 anos).

A atividade de caça e o comércio de animais silvestres são proibidos através de Lei Federal Nº 5.197 de Proteção à Fauna, mas são duas atividades bastante enraizadas na Brasil (REDFORD, 1992; RENCITAS, 2001; MARINI; GARCIA, 2005; MMA, 2008). Na região Nordeste, estudos revelam que a atividade de caça está ligada ao costume de criar aves em gaiolas e, principalmente, delas servirem como suplemento alimentar. Essas duas situações estão associadas a fatores socioeconômicos e biológicos, por isso é importante a participação da comunidade local na construção de projetos de conservação e preservação da fauna (SICK, 1997; TRINCA, FERRARI, 2006; ALVES et al, 2010; BEZERRA et al, 2011; NOBREGA et al, 2011).

4.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações registradas neste capítulo demonstram uma forte interação da população do povoado de Pedra Branca, no município de Santa Teresinha, Bahia, com as aves locais, através das conexões trófica, medicinal, sócio-afetiva e econômica. Tanto os homens quanto as mulheres reconhecem a eficiência de determinados métodos de

caça na captura de certas aves, sendo a escolha da armadilha ou do instrumento realizada após a seleção da espécie ave-alvo.

É possível estabelecer ligações entre as conexões tróficas e medicinais, onde as espécies silvestres capturadas para alimentação são aproveitadas na medicina popular, mediante partes corporais. Outra ligação existente está entre as conexões sócio-afetivas e econômicas, pois toda ave utilizada como animal de estimação tem potencial econômico.

As espécies de aves apreciadas para alimentação foram selecionadas tanto pelo sabor e quantidade de carne, quanto pelo sabor e disponibilidade da caça, como no caso das espécies de columbídeos que apesar de pequenas, são tão apreciados quanto os cracídeos. Este tipo de comportamento pode agravar a quantidade e diversidade de determinadas espécies, conseqüentemente incluí-las em listas de animais ameaçados.

Mesmo os moradores reconhecendo a existência de declínio na quantidade de algumas aves, como também a ausência de outras espécies na região, a prática de manter as aves como animais de estimação e o comércio continua na região.

A partir deste contexto é evidente a riqueza do conhecimento que os informantes têm sobre as aves e também sobre as condições ambientais que estes animais se encontram, isto é, o conhecimento etnoornitológico auxilia no entendimento dos fatores associados e também os que possam ameaçar a diversidade das aves. Assim, todas as pesquisas voltadas à biologia e ecologia das avifauna, bem como sua conservação na comunidade de Pedra Branca não poderiam deixar de contar com o conhecimento popular ali existente.

4.4 – REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.F.C.B.R., ALBUQUERQUE, U.P. Uso de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. **Interciencia**, v. 27 (6), p. 276-284. 2002.

ALVES, R.R.N. & ALVES, H.N. The faunal Drugstore: Animal-based remedies used in traditional medicines in Latin America. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 7:9. 2011.

ALVES, R.R.N.; BARBOSA, J.A.A.; SANTOS, L.D.X.; SOUTO, W.M.S.; BARBOZA, R.R.D. Animal-based remedies as complementary medicines in the semi-arid region of Northeastern Brazil. **Evidence – Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2011, n. 1, p. 1-15. 2009.

ALVES, R. R. N. LIMA, H. N. TAVARES, M. C. SOUTO, W. M. S. BARBOZA, R. R. D., VASCONCELLOS, A. Animal-based remedies as complementary medicines in Santa Cruz do Capibaribe, Brazil, **BMC Complementary and Alternative Medicine**, vol. 8, article 44. 2008.

ALVES, R. R. N. LIMA, J.R.F.; ARAUJO, H.F.P. The live Bird trade in Brazil and its conservation implications: an overview. **Bird Conservation International**, p: 1-13, 2012.

ALVES, R.R.N., NETO, N.A.L., BROOKS, S.E., ALBUQUERQUE, U.P. Commercialization of animal-derived remedies as complementary medicine in the semi-arid region of Northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 124: 600–608. 2009.

ALVES, R. R. N., NOUGUEIRA, E. E. G., ARAUJO, H. F. P. AND BROOKS, S. E. Bird-keeping in the Caatinga, NE Brasil. **Human Ecology** 38:147-156. 2010.

ALVES, R.R.N; ROSA, I.L; SANTANA, G.G. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. **BioScience**, 57: 949-955. 2007.

ALVES, R.R.N; ROSA, I.L. Biodiversity, traditional medicine and public health: where do they meet? **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 3(14): 1-9. 2007a.

ALVES RR, ROSA IL. Medicinal animals for the treatment of asthma in Brazil. **J. Altern Complem Med**, 14(4):350-351. 2008.

ALVES, R.R.N; ROSA, I.L; SANTANA, G.G. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. **BioScience**, 57: 949-955. 2007.

ALVES, R.R.N; ROSA, I.L; SILVA, C.C. Comércio informal de animais para fins medicinais em áreas urbanas: implicações para sustentabilidade e saúde pública. **IV Encontro Nacional e II Encontro latino-americano sobre edificações e comunidades sustentáveis**. Campo Grande, MS. 2007.

ALVES, R.R.N.; SILVA. C.C., BARBOSA, R.R.D. & SOUTO, W.M.S. Zootherapy as an alternative therapeutic in South America. **Journal of Alternative Medicine Research**. Volume 1, Issue 1, pp 21-47. 2009.

- ANDRIGUETTO-FILHO, J.M., KRUGER, A.C., LANGE, M.B.R. Caça, biodiversidade e gestão ambiental na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Biotemas**, 11(2): 133-156. 1998.
- ARAUJO, S. Carne de urubu chega à mesa do nordestino. **Diário de Pernambuco**, Recife. 1997.
- AYRES, J.M., AYRES, C. Aspectos da caça no alto rio Aripuanã. **Acta Amazônica**, 9(2): 287-298. 1979.
- BARBOSA, J.A.A.; NOBREGA, V.A. & ALVES, R.R.N. Aspectos da caça e comércio ilegal da avifauna silvestre por populações tradicionais do semi-árido paraibano. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. 10(2) 39-49. 2010.
- BENNETT EL, ROBINSON JG: Hunting for Sustainability: The start of a synthesis. *In* Hunting for sustainability in Tropical Forests Edited by: Robinson JG, Bennett EL. **Biology and Resource Series**. Columbia University Press, New York; 1999:499-519.
- Apud* ALVES, R.R.N., MENDONÇA1, L.E.T., CONFESSOR, M.V.A., VIEIRA, W.L.S., LOPEZ, L.C.S. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 5:12. 2009.
- BEZERRA, D.M.M.S.Q; ARAUJO, H.F.P. & ALVES, R.R.N. The use of wild birds by rural communities in the semi-arid region of Rio Grande do Norte State, Brazil. **Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability** 5: 117–120. 2011.
- BEZERRA, D.M.M.S.Q; ARAUJO, H.F.P. & ALVES, R.R.N.. Captura de aves no semiárido brasileiro: técnicas cinegéticas e implicações para conservação. **Tropical Conservation Science**, vol.5 (1):50-66. 2012
- BIRD LIFE INTERNETIONAL. Species. Disponível em: <http://www.birdlife.org/datazone/species>. Acessado em 22 de julho de 2012.
- BRAVO, F. Novas espécies de *Trichomyia* (Diptera, Psychodidae) da Mata Atlântica da Bahia, Nordeste do Brasil. **Iheringia, Série Zoológica**, Porto Alegre, 92(3):57-67, 2002.
- BROOKS, D.M., FULLER, R.A. Biologia e Conservação de Cracídeos. *In*: PEREIRA, S.L., BROOKS, D.M. (edit). **Conservando os cracídeos: A família de aves mais ameaçada das Américas**. Houston Museum of Natural Science - 1 Hermann Circle Dr., Houston, Texas. 2006.
- CAMPOS, M.A.A. Cruzando saberes: etnoecologia e caça no Rio Cuieiras. **Annablume**. 1ª edição, 102p. 2011.

- COIMBRA-JUNIOR, C.A.E. Estudos de ecologia humana entre os Suruí do Parque Indígena Aripuanã, Rondônia. Elementos de Etnozoologia (1). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Antropologia, vol 2(1):9-36, 1985.
- COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS (2011) Listas das aves do Brasil. 10ª Edição. Disponível em <http://www.cbro.org.br>. Acesso em: [07 de fevereiro de 2011].
- CORONA-M, E. Apuntes sobre las relaciones hombres-fauna, como un escenario del dialogo de saberes. En: VILLAMAR, A.A; CORONA-M, E & MARTINEZ, P.H. (coord) **Saberes colectivos y dialogo de saberes em Mexico**. 2011.
- COSTA-NETO, E.M. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararés que habitam no Nordeste do estado da Bahia, Brasil. **Actual Biol** 21 (70): 69-79. 1999b.
- COSTA-NETO, E.M. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados preliminares. **Interciencia**, v.25. n.009. Asociación Interciencia, Caracas Venezuela. PP. 423-431. 2000.
- COSTA-NETO, E.M. Etnoentomologia no Povoado de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos. **Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos, São Carlos**, São Paulo, p.253. 2003.
- COSTA-NETO, E.M. A zooterapia popular no Estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(Supl. 1):1639-1650, 2011.
- EFE, M.A. Conservação da fauna neotropical austral: situação e desafios. **Ciência & Ambiente**, n. 35, p.203-214. 2007.
- EFE, M. A., MARTINS-FERREIRA, C., OLMOS, F., MOHR, L. V. & SILVEIRA, L. F. Diretrizes da Sociedade Brasileira de Ornitologia para a destinação de aves silvestres provenientes do tráfico e cativo. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14(1). 67-72. 2006.
- FAGETTI, A. Fundamentos de La medicina tradicional mexicana. En: VILLAMAR, A.A; CORONA-M, E & MARTINEZ, P.H. (coord) **Saberes colectivos y dialogo de saberes em Mexico**. 2011.
- FARIAS, G.B. & ALVES, A.G.C.a Aspecto históricos e conceitos da etnoornitologia. **Biotemas**, 20 (1): 91-100, ISSN 0103 – 1643. 2007.

- FARIAS, G.B. & ALVES, A.G.C., MARQUES, J.G.W. Mythological Relations Between the “Lavandeira” Birds *Fluvicola nengeta* and *Motacilla alba* in Northeast Brazil and Northwest Spain: Possible Cultural Implications for Conservation. **Journal of Ethnobiology**, 30(2):240-251. 2010.
- FERNANDES-FERREIRA, H.; MENDONÇA, S.V.; ALBANO, C., FERREIRA, F.S.; ALVES, R.R.N. Comercio e criação de aves silvestres (Psittaciformes, Piciformes e Passeriformes) no Estado do Ceara, 2010.. *In*: ALVES, R.R.N; SOUTO, W.M.S.; MOURÃO, J.S.A **Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas**. Volume 4. P381-402. 2010.
- FERREIRA, F.S.; ALBUQUERQUE, U.P.; COUTINHO, H. D.M.; ALMEIDA, W.A. & ALVES, R.R.N. The Trade in Medicinal Animals in Northeastern Brazil. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**. Volume 2012, Article ID 126938, 20p. 2011.
- FERREIRA, F.S.; BRITO, S.V.; RIBEIRO, S.C.; ALMEIDA, W.O. & ALVES, R.R.N. Zootherapeutics utilized by residents of the community Poço Dantas, Crato-CE, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 5:21. 2009.
- FRISCH, J.D. Aves brasileiras. São Paulo, SP. Volume 1, pag 323. 1981.
- GIMENES, M. R., ANJOS, L. 2003. Efeitos da fragmentação florestal sobre as comunidades de aves. **Maringá**, v. 25, no. 2, p. 391-402, 2003.
- HANAZAKI, N., ALVES., R.R.N., BEGOSSI, A. Hunting and use of terrestrial fauna used by Caiçaras from the Atlantic Forest coast (Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 5:36. 2009.
- IBAMA. FAUNA: Devolução dos animais à natureza. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/fauna>. Acessado em: 27 de agosto de 2012.
- IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística. Cidade: Santa Teresinha, Bahia. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acessado em 01/12/2012.
- ICHIKAWA, M. Food Restrictions of the Mbuti Pygmies, Eastern Zaire. **African Study Molographs**, Supplementary Issue 6: 97 -12. 1987.
- ICHIKAWA, M. The birds as indicators of the invisible world: Ethno-ornithology of the Mbuti hunter-gatherers. **African Study Monographs**, Suppl. 25: 105 – 121. 1998.
- IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. Diretrizes da IUCN para Reintroduções (1998). Preparado pelo IUCN/SSC Grupo de

Especialistas em Re-introduções. Gland: Suíça e Cambridge, UK. www.iucn.org. Acessado em 22 de julho de 2012.

IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas. Versão 2012,1. < www.iucnredlist.org >. Transferido em 22 de julho de 2012.

KAKATI, L.N., BENDANG, A.O., DOU LO, V. Indigenous Knowledge of zootherapeutic Use of Vertebrate Origin by the Ao Tribe of Nagaland. **J. Hum. Ecol.**, 19(3): 163-167. 2006.

KIZUNGU, B., NTABAZA, M., MBURUNGE, M. Ethno-ornithology of the tembo in eastern drc (former zaire): part one, kalehe zone. **African Study Monographs**, 19(2): 103-113. 1998

LEE, R. J. Impact of subsistence hunting in North Sulawesi, Indonesia and conservation options. 2000. *In*: Hunting for Sustainability in Tropical Forests. Robinson, J. G., Bennett E. L. (Eds). pp. 455-472. Columbia Univ Pr., New York. *Apud* BEZERRA, D.M.M.S.Q; ARAUJO, H.F.P. & ALVES, R.R.N.. Captura de aves no semiárido brasileiro: técnicas cinegéticas e implicações para conservação. **Tropical Conservation Science**, vol.5 (1):50-66. 2012.

LOPES, P.R.D. "Comércio de animais silvestres". **Bioikos** 5(1): p.49-56. 1991.

LUGO-MORIN, D.R. Aves de caza del grupo indígena E'ñepa de Guaniamo, Venezuela. **Ecossistemas** 16 (2); 86-97. 2007.

MAHAWA, M.M., JAROLI, D.P. Animals and their products utilized as medicines by the inhabitants surrounding the Ranthambhore National Park, India. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 2:46. 2006.

MAHAWA, M.M., JAROLI, D.P. Traditional knowledge on zootherapeutic uses by the Saharia tribe of Rajasthan, India. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 3:25. 2007.

MARINI, M.S. & GARCIA, F.I. Conservação das aves do Brasil. **Megadiversidade**, v.1, n.1, p.95-102. 2005.

MARQUES, J.G.W. A fauna medicinal: recurso do ambiente ou ameaça à biodiversidade? **Mutum**, 1(1):4. 1994.

MARQUES, J.G.W. 'É pecado matar a esperança, mas todo mundo que matar o sarigue'. Etnoconservação e catolicismo popular no Brasil. *In* ALVES, A.G.C., LUCENA, R.F.P., ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidades em Etnobiologia e**

- Etnoecologia**. Recife:NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Vol. 2, p. 25–43. 2005.
- MARQUES, R.M. Diagnóstico das populações de aves e mamíferos cinegéticos do Parque Estadual da Serra do Mar, São Paulo, Brasil. **Dissertação de Mestrado** em Ecologia de Agrossistemas pela Universidade de São Paulo. 2004.
- MARTINEZ, E.C. Las aves como recurso curativo em el Mexico antiguo y sus posibles evidencias em la arqueozoologia. **Revista de Bioarqueologia**, vol 2 www.arqueobios.org. 2008.
- MASON, O.T. Aboriginal American zootechny. **American Anthropologist**, 1(1):45-81. 1899.
- MESQUITA, E.D.S. Percepções e usos da fauna silvestre pelas comunidades humanas do entorno da Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraça, Catas Altas/Santa Bárbara, Minas Gerais. **Dissertação de Mestrado** em Zoologia de Vertebrados pela Pontifícia Universidade Católica. Minas Gerais. 2004.
- MMA – MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. Desmatamento. **Informativo Técnico 1, versão 3**. Brasília. 2003.
- MMA – MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. Livro vermelho da fauna vermelha ameaçada de extinção. Eds. MACHADO, A.B.M; DRUMMOND, G.M & PAGLIA, A.P. Brasília, **Ministério do Meio Ambiente**. 2008.
- MOURA, F.B.P. & MARQUES, J.G.W. Zooterapia popular na Chapada Diamantina: uma medicina incidental? **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(Sup 2):2179-2188. 2008.
- NOBREGA, V.A., BARBOSA, J.A.A., ALVES, R.R.N. Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, Semiárido paraibano: uma abordagem etno-orнитológica. **Sitientibus série Ciências Biológicas** 11(2): 165–175. 2011
- OJASTI, J. Utilización de La fauna silvestre em América Latina: Situacion y perspectivas para um manejo sostenible. **Guia FAO conservacion** 25. 248p. 1993.
- OLMOS, F., SILVA, W.A.G., ALBANO, C.G. Aves em Oito áreas de Caatinga no sul do ceará e oeste de Pernambuco, nordeste do Brasil: composição, riqueza e similaridade. **Pap. Avuls Zool.** 45(14), 2005.
- ORTEGA, S.M., REYES, L.M.A., DICKINSON, F. La cacería tradicional en el norte de Yucatán; una práctica comunitaria. **Revista de Geografía Agrícola**, nº 29. 1999.

- PANGAU-ADAM, M., NOSKE, R. Wildlife Hunting and Bird Trade in Northern Papua (Irian Jaya), Indonesia. In: TIDEMANN, S., GOSLER, A (coord). **Ethno-ornithology: birds, indigenous peoples, culture and society**. 2010.
- PEREIRA, G.A., BRITO, M.T. Diversidade de aves silvestres brasileiras comercializadas nas feiras livres da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. **Atualidades ornitológicas** n. 126 pág. 14. 2005.
- PIMENTEL, P.C.B., SANTOS, J.M. diagnóstico do tráfico de animais silvestres no estado da Bahia: identificação, quantificação e caracterização das espécies-alvo. **Diálogos & Ciência - Revista Da Rede De Ensino FTC**. Ano III, n. 8. 2009.
- REDFORD, K.H. The empty forest. **BioScience**, Vol. 42, No. 6, p. 412-422. 1992.
- REDFORD, K.H., ROBINSON, J.G. The Game of Choice: Patterns of Indian and Colonist Hunting in the Neotropics. **American Anthropologist**, New Series, Vol. 89, No. 3, pp. 650-667. 1987.
- REIS, C.D. Criação de Trinca-ferro. Disponível on line: <http://www.cantodasgerais.uaivip.com.br/trinca.htm>. Acessado em 14 de agosto de 2012.
- RENTAS - Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais. Primeiro Relatório Nacional Sobre o Tráfico de Fauna Silvestre. Brasília: 2002.
- REZENDE, J.P., SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Olivença” (Bahia). **Biota Neotrop**. 10(1): 175-183. 2010.
- RIBEIRO, T.H.C. Tabus e superstições alimentares. **Universia Brasil**. São Paulo. 2004.
- ROCHA, M.S.P., CAVALCANTI, P.C.M., SOUSA, R.L., ALVEZ, R.R.N. Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista De Biologia E Ciências Da Terra**, Volume 6- Número 2. 2006.
- SANTOS, R.C. Começando uma criação. Clube do Criador. **Clube do Criador**. Disponível on line: www.clubedocriador.com. 2011.
- SANTOS, I.B. & COSTA NETO, E.M. Estudo etnoornitológico em uma região do Semi-Árido do estado da Bahia, Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, 7(3): 273-288. 2007.
- SANTOS-FITA, D. *Cobra é inseto que ofende*: classificação etnobiológica, questões sanitárias e conservação na região da Serra da Jiboia, estado da Bahia, Brasil.

Dissertação de Mestrado em Zoologia pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, p. 133. 2008.

SEIXAS, C.S., BEGOSSI, A. Ethnozoology of fishing communities from Ilha Grande (Atlantic Forest Coast, Brazil). **Journal of Ethnobiology** 21(1): 107-135. 2001.

SICK, H. Ornitologia Brasileira. Edição Revista e Ampliada por José Fernando Pacheco (coord). Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 912p. 1997.

SCHICKLER, G., FALCO, J.E. Canário-da-terra - Criação Comercial. Disponível em: **<http://xa.yimg.com/kq/groups/21260884/1949423546/name/Sobre+Canario+Da+Terra.pdf>**. Acessado: 20 de agosto de 2012.

SILVA, A.L. Dieta Alimentar de mulheres grávidas e paridas em áreas ribeirinhas da Amazônia. ST 49 - Gênero, Cultura e Desenvolvimento: Um Debate na Amazônia. **Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, SC. 2008.

SILVA, J. M. C.; SOUZA M. A.; BIEBER, A. G. D. & CARLOS, C. J. Aves da *caatinga*: status, uso do habitat e sensibilidade, p. 237-273. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. (Eds.). **Ecologia e Conservação da caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE.

SILVA, L.M.V.; ALVES, A.G. C. & ALMEIDA, A.V. A zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. **Biotemas**, 17 (1): 95 - 116, 2004.

SILVA, C.E.L; SANTOS, E.D., SILVA, L.A.P. Análise da bioinvasão dos pardais na área do campus da UFRN – Natal/Rio Grande do Sul. **Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil**, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu – MG.

SILVEIRA, L.S. Um olhar sobre os Urubus. **Cães & Cia**. 383. Pag.54-55. 2012.

SILVEIRA, L.F., SOARES, E.S., BIANCHI, C.A. Plano de ação nacional para conservação de Galliformes ameaçados de extinção (acaruãs, jacus, jacutingas, mutuns e urus). **Ministério do Meio Ambiente e Instituto Chico Mendes de conservação da biodiversidade**. 2007.

SOUTO, W.M.S; VIEIRA, W.L.S; MONTENEGRO, P.F.G; ALVES, H.N. & ALVES, R.R.N. Breve revisão sobre uso de fauna medicinal no Brasil: aspectos históricos, farmacológicos e conservacionistas. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, 11(2): 201-210. 2011.

SOUZA, G.M. & SOARES FILHO, A.O. O comércio ilegal de aves silvestres na região do Paraguaçu e Sudoeste da Bahia. **Enciclopédia Biosfera**, n.1, 2005.

- TAKAOKA, N. Alimentação correta: O que pode ou não dar para as aves. Clube do Criador. **Disponível on line: www.clubedocriador.com. 2011.**
- TESTA, D.D. IBAMA – Quem e Quando será possível se registrar? **Clube do Criador**. Disponível on line: www.clubedocriador.com. 2008.
- TIDEMANN, S; CHIRGWIN, S. & SINCLAIR, J.R. Indigenous Knowledges, Birds that Have ‘Spoken’ and Science. *In: **Ethn-ornithology: Birds, Indigenous Peoples, Culture and Society***. Tidemann, S. & Gosler, A. (coord). Washington, DC, USA. 377p. 2010.
- TRIGO, M., RONCADA, M.J., STEWIEN, G.T.M., PEREIRA, I.M.T.B. Tabus alimentares em região norte do Brasil. **Rev. Saúde públ.**, S. Paulo, 23(6), 1989.
- TRINCA, C.T.; FERRARI, S.F. Caça em assentamento rural na Amazônia mato-grossense. *In: JACOBI, P.; FERREIRA, L.C. (Eds.). **Diálogos em Ambiente e Sociedade no Brasil***. São Paulo: Annablume, v. 1, p. 155-167. 2006.
- VARGAS-CLAVIJO, M.; COSTA-NETO, E.M. Los lipiadores de los cielos: factos y folclor de los zopilotes, aves dueñas de lima ginario latinoamericano. Feira de Santana: 207 p. 2008.
- VOS, A. La caza como fuente de alimentos: um informe sobre su significado em Africa y em America Latina. **Unasylia**, 29 (116). 1978.

APÊNDICES

Apêndice I: Autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA / CEP-UEFS

Av. Universitária, S/N – Módulo I – 44.031-460 – Feira de Santana-BA
Fone: (75) 224-8124 Fax: (75) 224-8019 E-mail: cep.uefs@yahoo.com.br

Feira de Santana, 18 de agosto de 2011
Of. CEP-UEFS nº 186/2011

Senhor(a) Pesquisador(a): Profº Eraldo Medeiros Costa Neto

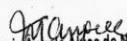
Tenho satisfação em informar-lhe que o seu Projeto de Pesquisa intitulado “**Etnornitologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia: estudo de caso**”, registrado neste CEP sob **protocolo nº 072/2011 (CAAE nº 0077.059.000-11)**, foi apreciado pelos membros do CEP-UEFS e satisfaz às exigências da *Res. 196/96*. Assim, seu projeto foi **Aprovado**, podendo ser iniciada a coleta de dados com os Sujeitos da pesquisa conforme orienta o *Cap. IX.2, alínea a* – *Res. 196/96*.

Na oportunidade informo que qualquer modificação feita no projeto, após aprovação pelo CEP, deverá ser imediatamente comunicada ao Comitê, conforme orienta a *Res. 196/96, Cap. IX.2, alínea b*.

Relembro que conforme instrui a *Res. 196/96, Cap. IX.2, alínea c*, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída.

Em nome dos membros do CEP-UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano **(18/08/2012)** este CEP aguardará o recebimento do seu relatório.

Atenciosamente,


Maria Ângela Alves do Nascimento
COORDENADORA
Comitê de Ética em Pesquisa -UEFS

Apêndice II: Formulário de entrevista semiestruturado.

Número: _____ Data da aplicação: ___/___/___

a) Identificação

Nome: _____ Data de nascimento: ___/___/___

Sexo: F () M () Solteiro () Casado () Outro ()

Naturalidade: _____ Escolaridade: _____

b) Corpus e práxis etnoornitológicos

O(a) senhor(a) vê muitos pássaros? Quais que mais aparecem?

Como o(a) senhor(a) difere esses pássaros?

Eles vivem sozinhos ou com outros pássaros?

Eles costumam “cantar”, “piar”, “chorar” e/ou “gemer”? Se sim, perguntar se cantam durante o dia ou à noite.

Como é o canto?

O que quer dizer o canto desse pássaro para o(a) senhor(a)?

Você pode imitar o canto para mim?

O que você mais gosta dos pássaros?

Fale-me sobre este pássaro: Qual nome dele? Por que ele se chama assim?

Este pássaro serve de alimento? Como prepara?

Tem algum tipo de pássaro aqui que seja utilizado como remédio? O que se usa dele?

Para quê? Como se faz?

Este pássaro, na sua opinião, está diminuindo ou aumentando aqui na região?

Existe alguma história ou lenda envolvendo esse pássaro? Se sim, pedir para contar.

Apêndice III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa é um estudo da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Convidamos o(a) senhor(a) para participar deste estudo e é importante que entenda o seu significado para decidir se você deseja participar ou não. Eu vou explicar o que pretende este estudo, como ele será feito e como você participará dele. Você deve perguntar e esclarecer qualquer dúvida que tenha, e caso venha ter perguntas depois que o estudo for iniciado, por favor, não deixe de nos informar, pois tenho a obrigação de lhe responder. A sua participação no projeto é voluntária e você pode deixar de participar, sem qualquer prejuízo, a qualquer momento que queira.

Esta pesquisa procura saber o que os moradores do povoado de Pedra Branca sabem sobre os passarinhos (aves silvestres locais), se têm histórias de famílias, aquelas que os pais contam para os filhos, além de saber se existe alguém que utilize os passarinhos. Queremos documentar o máximo de informações dos moradores sobre os passarinhos para aumentar o conhecimento, tanto das pessoas que moram aqui na região quanto das pessoas que estão na Universidade estudando sobre as aves.

Este estudo tem como responsável o professor Eraldo Medeiros Costa Neto, que trabalha no departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, localizada no município de Feira de Santana, Bahia.

Nós vamos começar a pesquisa fazendo entrevistas, que a partir da sua autorização, serão gravadas com um gravador digital para maior segurança no registro das informações. Marcaremos sempre um horário para que não atrapalhem seus trabalhos e caso necessite remarcá-las, fique a vontade. No caso de entrevistas de menores de idade, será solicitada a permissão dos pais ou dos responsáveis. Também faremos fotografias e vídeos, também a partir da sua autorização. Se houver alguma informação que achar que não deva ser revelada, por favor, não deixe de nos avisar, pois as informações só serão repassadas se o(a) senhor(a) permitir. Se você não se sentir confortável com a gravação das entrevistas ou com as fotografias, sua vontade será respeitada.

Será realizada, também, uma atividade com figuras e cantos de pássaros para que o(a) senhor(a) possa me dizer qual tipo de pássaro está sendo visto e ouvido. Esta atividade ajudará na informação de quais aves existem aqui na região. Estarei freqüentando o povoado para observar os comportamentos dos pássaros e também para

registrar os saberes e práticas locais que os moradores do povoado de Pedra Branca possuem e realizam com esses animais.

Todavia, podem acontecer desconfortos por parte de alguns de vocês, por estarem participando de uma pesquisa científica e, por tal motivo, sentirem vergonha do que sabem. É importante que saibam que não pretendemos nesta pesquisa que vocês sintam vergonha dos conhecimentos que vocês têm. O que também pretendemos com esse estudo é ajudar vocês a valorizar os seus próprios conhecimentos sobre as aves da região onde vivem. A sua informação individual será mantida respeitosamente por nós e ao ser oficializada no estudo, será respeitado o linguajar local. Todos os dados serão utilizados somente para fins científicos com garantia de anonimato.

Pretendemos utilizar as informações que forem conseguidas para escrever alguns textos que serão publicados, com sua permissão, em revistas científicas, em encontros de pesquisadores sobre os passarinhos. Os registros conseguidos com este estudo serão guardados no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia, sob a responsabilidade do professor Eraldo Medeiros Costa Neto, por um período de cinco anos, sendo destruídos após este período.

Este termo apresenta duas vias que devem ser assinadas por mim e pelo(a) senhor(a), ou pelo(a) responsável legal, no caso de menores. Um cópia com a gente e a outra fica com o(a) senhor(a). Este é nosso acordo.

Agradecemos a atenção, estamos à disposição para tirar qualquer dúvida e dar mais informações. O endereço para contato e o seguinte: Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia, Avenida Transnordestina, CEP: 44036-900, Feira de Santana (BA), telefone e fax: (75) 3161-8131 ou 3161-8019.

Em ____ de _____ de ____.

Responsável pela pesquisa:

Eraldo Medeiros Costa Neto

Sujeito participante da pesquisa

Apêndice VI: Espécies de aves citadas pelos moradores de Pedra Branca, município de Santa Teresinha, Bahia, de agosto de 2011 a junho de 2012. Modo de uso: CT = interação trófica; CM = interação medicinal e CSA = interação sócio-afetiva.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|---|-------------------|---------------------------------|-------------|
| RHEIDAE Bonaparte, 1849 | | | |
| <i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758) | Ema | | CM |
| TINAMIDAE Gray, 1840 | | | |
| <i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819) | Macuca | | CM |
| <i>Crypturellus noctivagus</i> * (Wied, 1820) | Zabelê | | CT, CM |
| <i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827) | Nambu-pé-vermelho | | CT |
| <i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815) | Nambu-pé-roxo | | CT |
| <i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815) | Perdiz | | CT, CM |
| <i>Nothura boraquira</i> (Spix, 1825) | Codorna-piriri | | CT, CSA |
| <i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815) | Codorna-pimpão | Codorna-maior | CT, CSA |
| ANATIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766) | Marreca | Pato-verdadeiro, Pato d'água | CT |
| <i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758) | Pato | | CM |
| Cracidae Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825) | Aracuã | | CT, CM, CSA |
| <i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815 | Jacu-verdadeiro | Gogó-vermelho, Pemba | CT |
| NUMIDAE (Linnaeus, 1758) | | | |
| <i>Numida meleagris</i> (Linnaeus, 1758) | Sacué | Galinha-da-Angola | |
| PHASIANIDAE (Linnaeus, 1758) | | | |
| <i>Gallus gallus</i> (Linnaeus, 1758) | Galinha | | CM |
| <i>Meleagris gallopavo</i> Linnaeus, 1758 | Peru | | |
| <i>Pavo cristatus</i> (Linnaeus, 1758) | Pavão | | CM |

Cont.

Cont.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|--|-----------------------|---------------------------|-------------|
| PODICIPEDIDAE Bonaparte, 1831 | | | |
| <i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766) | Mergulhão | | |
| ARDEIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758) | Socó-boi | | |
| <i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758) | Garça | | |
| <i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758 | Garça | | |
| CATHARTIDAE Lafresnaye, 1839 | | | |
| <i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758) | Urubu-cabeça-vermelha | Bosteiro | |
| <i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793) | Urubu-preto | Urubu-carniceiro | CM |
| <i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758) | Urubu-rei | | |
| ACCIPITRIDAE Vigors, 1824 | | | CT |
| <i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818) | Gavião-peneira | | |
| <i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817) | Gavião-pé-de-morro | | |
| <i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788) | Gavião-pedrez | Gavião-pegá-pinto | |
| <i>Geranoaetus albicaudatus</i> (Vieillot, 1816) | Gavião-rapina | | |
| <i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816 | Gavião-rapina | | |
| FALCONIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777) | Gavião-carcará | | |
| <i>Milvago chimango</i> (Vieillot, 1816) | Gavião-carrapateiro | Carcará-pequeno | |
| <i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758) | Acauã | Cauã | CT, CM |
| RALLIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776) | Saracura | Três-potes, Sete-potes | |
| <i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766) | Marreca | | |
| CARIAMIDAE Bonaparte, 1850 | | | |
| <i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766) | Siriema | | |

Cont.

Cont.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|---|-------------------------|-----------------------------------|--------------------|
| CHARADRIIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782) | Espanta-boiada | Quero-quero | CT |
| SCOLOPACIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Gallinago paraguayiae</i> (Vieillot, 1816) | Charuteira | | |
| <i>Gallinago undulata</i> (Boddaert, 1783) | Saiacaia | Cavala | |
| COLUMBIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766) | Rolinha-Santo-Antônio | | CT, CM |
| <i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811) | Rolinha-caldo-de-feijão | | CT, CM |
| <i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831) | Rolinha-fogo-apago | | CT, CM |
| <i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813) | Rolinha-branca | | CT, CM |
| <i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813) | Pomba-vervdadeira | Pomba-do-sertão, Pomba-do-Pará | CT |
| <i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855 | Juriti | | CT |
| PSITTACIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Aratinga cactorum</i> (Kuhl, 1820) | Periquito | | CSA |
| <i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824) | Cuiuba | | CSA |
| CUCULIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766) | Alma-de-gato | | CM |
| CROTOPHAGINAE Swainson, 1837 | | | |
| <i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758 | Anu-preto | | CT, CM |
| <i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788) | Anu-branco | | CT |
| TAPERINAE Verheyen, 1956 | | | |
| <i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766) | Peixe-frito | Sede-sede | |
| TYTONIDAE Mathews, 1912 | | | |
| <i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769) | Corujão | | |

Cont.

Cont.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|---|----------------------------|--|--------------------|
| STRIGIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817) | Corujão-de-orelha | Caburé-de-orelha | CT |
| <i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901) | Corujão | | |
| <i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788) | Caburé | | |
| <i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782) | Caburé-de-estaca | Caburé-de-murundu | CT |
| NYCTIBIIDAE Chenu & Des Murs, 1851 | | | |
| <i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789) | Mãe-da-lua | Urutau | |
| CAPRIMULGIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin, 1789) | Coruja | Coruja-amanhã-eu-vou, Coruja-bacurau, Bacurau | |
| <i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789) | Coruja-rabo-de-tesoura | Coruja-to-rica | |
| TROCHILIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839) | Beija-flor | | CT, CM |
| <i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788) | Beija-flor-rabo-de-tesoura | | CT, CM |
| <i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817) | Beija-flor | | CT, CM |
| ALCEDINIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766) | Martim-pescador | | |
| GALBULIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Galbula ruficauda</i> Cuvier, 1816 | Martim-pescador | Beija-flor-verde | |
| BUCCONIDAE Horsfield, 1821 | | | |
| <i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788) | Cava-chão | | CT |
| RAMPHASTIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Ramphastos vitellinus</i> Lichtenstein, 1823 | Tucano | | CM |
| PICIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766) | Pica-pau | | CT |
| <i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788) | Pica-pau | | CT |
| <i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766) | Pica-pau | | CT |

Cont.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|--|--------------------|-----------|-------------|
| THAMNOPHILIDAE Swainson, 1824 | | | |
| <i>Thamnophilus pelzelni</i> Hellmayr, 1924 | Corró-pequeno | | |
| <i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816) | Corró | | |
| FURNARIIDAE Gray, 1840 | | | |
| <i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788) | João-de-barro | | |
| <i>Pseudoseisura cristata</i> (Spix, 1824) | Casaca-de-couro | Pica-pau | |
| <i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821) | Carrega-madeira | Gué-gué | |
| <i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859 | Tiotoin | | |
| COTINGIDAE Bonaparte, 1849 | | | |
| <i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817) | Araponga | | |
| TYRANNIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822) | Maria-do-dia | | |
| <i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766) | Bem-te-vi | Coroão | CT |
| <i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766) | Bem-te-vi-ciseri | | |
| <i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825) | Bem-te-vi-menor | | |
| <i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766) | Lavandeira | | |
| <i>Xolmis irupero</i> (Vieillot, 1823) | Viuvinha | | |
| CORVIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Cyanocorax cyanopogon</i> (Wied, 1821) | Cancã | | CSA |
| HIRUNDINIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817) | Andorinha | | |
| TROGLODYTIDAE Swainson, 1831 | | | |
| <i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823 | Garrincha | | CM |
| TURDIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818 | Sabiá-coca | | CT, CSA |
| <i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818 | sabiá-branca | | CSA |
| <i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850 | Sabiá-bico-de-osso | | CSA |

Cont.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|--|--------------------|------------------------------------|-------------|
| MIMIDAE Bonaparte, 1853 | | | |
| <i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823) | Sabiá-lasca-carne | | |
| COEREBIDAE d'Orbigny & Lafresnaye, 1838 | | | |
| <i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758) | Chupa-laranja | Papa-laranja | |
| THRAUPIDAE Cabanis, 1847 | | | |
| <i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837 | Estevo | Trinca-ferro, Pixarro, Vaquerio | CSA |
| <i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766) | Sangue-de-boi | | |
| <i>Lanio pileatus</i> (Wied, 1821) | Estrelinha | | |
| <i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766) | Assanhaço-comum | | CT |
| <i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1823) | Assanhaço-coqueiro | | |
| <i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766) | Corta-colete | | |
| <i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817) | Papa-café | | |
| <i>Paroaria dominicana</i> (Linnaeus, 1758) | Cardeal | | CSA |
| EMBERIZIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776) | Jesus-meu-Deus | | CSA |
| <i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766) | Canário-da-terra | Canário-comum | CSA |
| <i>Sicalis luteola</i> (Sparman, 1789) | Canário-da-capoura | | |
| <i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766) | Tiziu | Biziu | CM |
| <i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758) | Bigode | | |
| <i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823) | Papa-capim | | CSA |
| <i>Sporophila albogularis</i> (Spix, 1825) | Coleiro | | CSA |
| <i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817) | Chorão | | CSA |
| <i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776) | Caboculinho | | CSA |
| <i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766) | Curió | | CSA |
| CARDINALIDAE Ridgway, 1901 | | | |
| <i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823) | Azulão | | CSA |

Cont.

| FAMÍLIA/Espécie | Etnoespécie | Sinonímia | Modo de uso |
|--|--------------------|---------------------|-------------|
| ICTERIDAE Vigors, 1825 | | | |
| <i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819) | Pêga | | CSA |
| <i>Icterus jamacaii</i> (Gmelin, 1788) | Sofrê | | CSA |
| <i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819) | Pássaro-preto | | CSA |
| <i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819) | Chapéu-de-couro | | |
| <i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850) | Papa-arroz | | |
| FRINGILLIDAE Leach, 1820 | | | |
| <i>Sporagra yarrellii</i> * (Audubon, 1839) | Pintassilgo | | CSA |
| <i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766) | Guriatá-vivi | | CSA |
| <i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758) | Guriatá-verdadeira | | |
| <i>Serinus canaria</i> (Linnaeus, 1758) | Canário-belga | Canário-da-Alemanha | CSA |
| ESTRILDIDAE Bonaparte, 1850 | | | |
| <i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758) | Bico-de-lacre | | |
| PASSERIDAE Rafinesque, 1815 | | | |
| <i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758) | Pardal | | |
| Não identificado | Caga-cebo | | |
| Não identificado | Capitão-de-prear | | |
| Não identificado | Totoró | | |
| Não identificado | Xanana | | |

* Espécie ameaçada de extinção. Fonte: MMA (2010), IUCN (2012), BIRDLIFE (2012).